

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas
IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

***A REVOLUÇÃO MEXICANA E AS TENTATIVAS DE
LEGITIMAÇÃO DO PODER NOS DISCURSOS
PRESIDENCIAIS DE LÁZARO CÁRDENAS (1934-1940)***

Rafael Pavani da Silva

Dissertação de Mestrado

Área: Política, Memória e Cidade

Linha de pesquisa: Jogos do Político: Conceitos, Representações e Memória

Orientador: Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto (IFCH/Unicamp)

Fevereiro / 2009

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Si381r Silva, Rafael Pavani da
A Revolução Mexicana e as tentativas de legitimação do poder nos discursos presidenciais de Lázaro Cardenas (1934-1940) / Rafael Pavani da Silva. - - Campinas, SP : [s. n.], 2009.

**Orientador: José Alves de Freitas Neto.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Cárdenas, Lázaro, 1895-1970. 2. México - História.
3. México – Política e governo – 1934-1940. 4. Discurso político.
I. Freitas Neto, José Alves. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.**

(msh\ifch)

Título em inglês: The Mexican Revolution and the attempts to legitimize the power in Lázaro Cárdenas presidential discourses (1934-1940)

Palavras chaves em inglês (keywords): Cárdenas, Lázaro, 1895-1970
Mexico – History
Mexico – Politics and government – 1934-1940
Political discourse

Área de Concentração: Política, memória e cidade

Titulação: Mestre em História

Banca examinadora: José Alves de Freitas Neto; Iara Lis Schiavinatto; Maria Helena Capelato

Data da defesa: 18-02-2009

Programa de Pós-Graduação: História

RAFAEL PAVANI DA SILVA

**A REVOLUÇÃO MEXICANA E AS TENTATIVAS DE LEGITIMAÇÃO DO PODER
NOS DISCURSOS PRESIDENCIAIS DE LÁZARO CÁRDENAS (1934-1940)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela comissão julgadora em 18/02/2008.

BANCA

Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto (orientador)

Profª. Dra. Maria Helena Capelato

Profª. Dra. Iara Lis Schiavinatto

Prof. Dr. Leandro Karnal (suplente)

Profª. Dra. Janice Theodoro da Silva (suplente)

FEVEREIRO / 2009

Formar una nueva patria que justifique la sangre derramada en nuestras contiendas internas es lo que ha querido la Revolución Mexicana.

Lázaro Cárdenas

Sempre que a relevância do discurso entra em jogo, a questão torna-se política por definição, pois é o discurso que faz do homem um ser político.

Hannah Arendt, *A condição humana*

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Terezinha Pavani da Silva e Belmiro Alves da Silva, aos meus irmãos Renato, André, Valéria, Alessandro, Fabiana, e aos sobrinhos-irmãos Pedro, Felipe, Fernanda e o recém-chegado Danilo, não apenas pelo apoio, mas sobretudo pela convivência e o amor incondicional desta família da qual tenho a sorte de participar.

Agradeço à minha amiga, companheira e revisora oficial, Taís Machado, amor, guardiã da gramática e responsável direta pela minha felicidade. Seu carinho e paciência têm sido essenciais também na formulação de meus questionamentos e na concepção do trabalho como um todo. Sua amizade e os amigos que descobrimos juntos me fizeram e me fazem pensar nosso mundo e ofício cada vez mais.

Nesse sentido, minha gratidão e dívida aos meus interlocutores *hermanos*, Breno de Souza Juz e Caio Pedrosa da Silva, são imensas. Nossa devoção ao debate, tão enfadonha ao restante de nossos amigos, tornou as análises de ambas partes fundamental do desenvolvimento de minhas leituras. Sou grato não apenas pelas conversas acadêmicas, críticas de cinema e recomendações musicais, mas também pela amizade e pelo divertido convívio.

Do mesmo modo, agradeço pelos conselhos, amizade, convivência e paciência aos amigos de graduação e pós-graduação Gustavo de Almeida, Kleber Amancio, Juliana Lopes, Lis Coutinho, Marcelo Presto Gaudio, Bárbara Cogni, Ívia Minelli, Rafaela Martins, Michelle Tasca, Laura Pato Fraccaro, Raquel Gryszczenko, Marcelo Cunita, Renata Xavier, Simone Domingos, Letícia Leite, Flávia Godoy e Gabriel Sordi. Entre aulas, debates, trabalhos, provas, assim como festas e tardes de conversas triviais, tenho a agradecer a todos, mesmo aqueles cuja minha falta de memória e ingratidão ceifaram deste texto.

Agradeço também aos amigos Rodrigo “Dida” Tomaz, Ricardo Dobner, Jarbas Bernardino e Jubela Couto pela amizade e cumplicidade que me têm sido tão importantes nos últimos tempos. Aos amigos de longa data e ainda presentes na medida do possível e da saudade Marcos Benvenuto, Letícia e Daniele Faria, Diego Nascimento, Wellington Damasceno e Marcos Nakamoto minha gratidão pelo afeto cultivado há tanto tempo. Gostaria ainda de dizer obrigado aos companheiros do Projeto Herbert de Souza, resumidos

aqui nos nomes de Juliane Correa e Silas de Souza, e aos meus ex-alunos com os quais tanto aprendi.

No que se refere aos compatriotas de Cárdenas, agradeço a Maria Granados pela hospitalidade, simpatia, ternura e atenção que facilitaram em muito a minha estadia no México e sou muito grato ainda a Lorena Largo e ao *Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México* que atenciosamente me ajudaram com o material e me apontaram caminhos para a pesquisa. Agradeço também a Mariana Teixeira e novamente a Caio Pedrosa pela ajuda fundamental na viagem.

Agradeço à Prof^ª. Dr^ª. Regina Crespo da Universidade Autônoma do México (UNAM) pela atenciosa indicação de fontes e arquivos sobre o tema. Críticas e inquietações interessantes surgiram durante a elaboração da problemática deste trabalho na Linha de Pesquisa “Jogos do Político: conceitos, representação e memória” do Departamento de História da UNICAMP, das quais gostaria de destacar e agradecer as contribuições do Prof. Dr. Daniel B. Andrade de Faria e da Prof^ª. Dr^ª. Izabel Marson. Do mesmo modo, agradeço o recém-formado grupo de estudos de história latino-americana da UNICAMP pelos debates com os quais sempre terei muito a aprender. Sou grato também aos Prof. Dr. Leandro Karnal e Prof^ª. Dr^ª. Iara Lis Schiavinatto pelas importantes considerações da banca de qualificação. Agradeço novamente à Prof^ª. Dr^ª. Schiavinatto e à Prof^ª. Dr^ª. M^a Helena Capelato do Departamento de História da Universidade de São Paulo, pela presença na banca de defesa da dissertação. Outra americanista da mesma universidade, Prof.^a Dr^a Janice Theodoro, com o “pessimismo da realidade e otimismo da ação” de Mariátegui, trouxe variadas e amplas inquietações pelas quais sou muitíssimo grato. Gostaria de deixar ainda um agradecimento póstumo ao Prof. Dr. Héctor Hernán Bruit cujas críticas à minha pesquisa inicial permitiram matizar a formulação das problemáticas apresentadas no presente texto.

Agradeço a meu jovem orientador e amigo Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto pela competência, paciência e confiança em seu trabalho de orientação: sua sinceridade e afetuosa atenção são tão marcantes em sua amizade quanto em suas análises e críticas. Sua dedicação à reflexão tem sido até aqui a minha principal referência no desenvolvimento de meus estudos. Novamente espero que meu texto expresse algo do muito que me ensinou nos últimos anos.

Finalmente, agradeço à FAPESP pelo suporte financeiro que permitiu a realização desta pesquisa.

ÍNDICE

Resumo -----	p.13
Abstract -----	p.15
Introdução -----	p.17
Capítulo I: Cárdenas e a historiografia -----	p.33
1.1) <i>De Lázaro Cárdenas del Río a General Cárdenas</i>	
1.2) <i>Tata Lázaro e o governo da Revolução</i>	
1.3) <i>O revisionismo revisado</i>	
Capítulo II: Discursos, conjunturas e as transformações da Revolução Mexicana -----	p.67
2.1) <i>Os significados da Revolução: da tradição callista ao conflito</i>	
2.2) <i>O conflito com Calles: disputas em torno de uma legitimidade</i>	
Capítulo III: A expropriação do petróleo e a Revolução em disputa -----	p.103
3.1) <i>A Revolução em disputa</i>	
3.2) <i>A expropriação do petróleo, conflitos e a Revolução ampliada</i>	
3.3) <i>As eleições, o recuo cardenista e a Revolução etérea</i>	
Considerações finais -----	p.133
Bibliografia -----	p.137

Resumo

O presente texto tem por objetivo apresentar e problematizar as transformações ocorridas no discurso político de Lázaro Cárdenas sobre a Revolução Mexicana, sobretudo no período que vai de 1934 a 1940. Por este caminho, busquei questionar os resultados políticos de tais mutações, principalmente no que se refere às suas possibilidades enquanto legitimadoras do poder presidencial e do novo governo estabelecido, tendo em vista que as situações nas quais se produziram tais alterações foram os sucessivos conflitos enfrentados pelo governo: em 1935-36, a disputa com Plutarco E. Calles, em 1938, a nacionalização do petróleo e, a partir daí, as acaloradas contendas políticas rumo às eleições para renovação do governo federal em 1940, como a rebelião cedillista ainda em 1938. Estes conflitos permitem destacar a importância da reconstituição do passado revolucionário como prática essencial da política cardenista e do próprio discurso como imprescindível na constituição da prática política.

Ao considerar que os usos da Revolução constituíram um traço marcante dos discursos do general mexicano, o presente estudo busca o entendimento das propostas políticas, das disputas ideológicas e das relações de poder no período por meio dos conflitos em torno da construção de um simbolismo revolucionário. Pretende-se, com isso, tanto ressaltar a especificidade da história mexicana quanto os limites das políticas de Cárdenas frente às abordagens historiográficas que tendem a homogeneizar os regimes políticos da Ibero-América dos anos 1930 e 1940. Assim, ao refletir sobre as transformações do discurso de Cárdenas, busco também um debate específico com parte da bibliografia do tema, pois, à medida que se destaca a constante necessidade de adaptação da retórica cardenista, negociando com importantes interlocutores, é possível matizar a

historiografia revisionista que, em uma leitura teleológica, atribuiu o mesmo poder e autoritarismo do estado mexicano dos anos 1960 ao dos anos 1930. Deste modo, ao propor o cardenismo como um fenômeno a ser pensado dentro dos marcos estabelecidos pela Revolução Mexicana, apresenta-se uma crítica à leitura do populismo cardenista, que produziu a idéia de um presidente simplesmente manipulador com um discurso antitético em relação a uma suposta realidade política, assim como ignorou especificidades do período buscando comparações com diferentes lideranças latino-americanas.

Palavras-Chaves: Lázaro Cárdenas, Cardenismo, Revolução Mexicana

Abstract:

This work intends to present and to render problematic about the changing of Lázaro Cárdenas thought about Mexican Revolution, especially on the period of 1934 until 1940. Thus, I wanted to argue the political results and its consequences, mainly whether these results legitimated his president power and the new government established from that time on, because the circumstances in which those changes appeared were throughout the successive conflicts that his government had to face: in 1935-36, there was the dispute with Plutarco E. Calles; in 1938, there was the petroleum nationalization and, furthermore, the angry political fights marching on coming election for government renovation in 1940, as well the *cedillista* rebellion in 1938. These conflicts permit us to put on relief how important is to rebuild the revolutionary past as an essential exercise of *cardenista* politics and as a vital part of political frame.

Considering that the Revolution way of using composed an important aspect of Cárdenas speech, this work aims to understand political propositions, ideological disputes and power relationships on this time, observing the revolutionary symbolism construction. Therefore, the aim is detach the specificity of Mexican history, as well the politics of Cárdenas, even so the historiography has been broaching it like something homogeneous to other political governments in Iberian America among 1930 and 1940 years. Thus, to think about Cárdenas behaviour, I wanted to argue particularly with this bibliography, because there is a need to adapt his rhetoric and understand that the revisionist historiography must be contested, given they made a teleological interpretation when imputed to Cárdenas the same power and authoritarianism that happened in Mexico on 1960's and 1930's.

Therefore, my propose was to think the *cardenismo* as a peculiarity extremely limited within the frameworks established by the Mexican Revolution, and to present a criticism of the interpretation that see Cárdenas like a handler simply, who had a anti-ethical speech for an alleged political reality, ignoring the particularities of time, looking for comparisons with various Latin American leaders.

Keywords: Lázaro Cárdenas; Cardenismo; Mexican Revolution.

Introdução

Hoje, às vésperas do centenário da Revolução Mexicana, não há mais quem defenda a existência da continuidade deste processo revolucionário. Diferentemente da clássica anedota sobre a opinião de Mao a respeito da Revolução Francesa, tanto mexicanistas quanto mexicanos concordam unanimemente na constatação do término do Regime revolucionário. A decadência e o descrédito do outrora hegemônico Partido Revolucionário Institucional (PRI) é um dos sinais mais claros do fim de uma era. A busca de ligar-se à insurreição, ainda presente em diferentes partidos e movimentos, como o Partido da Revolução Democrática (PRD) e o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), pode ser realizada atualmente com muitos matizes ideológicos sem produzir qualquer polêmica, apelo ou efeitos políticos de qualquer ordem. A genealogia da família revolucionária e a divisão do cenário político entre revolucionários e contra-revolucionários não possui ou produz uma legitimidade largamente aceita – nem poderia, posto que foi reeleito à presidência, ainda que de maneira suspeita, um dos partidos que surgiram para combater o regime do partido institucional e suas bandeiras. A pulverização dos sentidos da Revolução, sinal de sua importância para diferentes grupos e movimentos ao longo do século XX, terminou por findar o próprio mito da herança revolucionária. Quando utilizado, o rótulo de revolucionário possui agora um sentido mais amplo, para além das fronteiras mexicanas. Do mesmo modo, os diferentes governos não alegam constituir um único regime e tampouco se sentem legitimados ao acusar opositores do passado como eternos inimigos do Estado ou como causa dos problemas da nação. O trauma da guerra não

cinge o México hodierno e a palavra “reacionário” não justifica a morte de um indivíduo ou de um grupo. É pouco provável que fosse este o caso alguns anos atrás.

Na década de 1930, as feridas abertas pelos anos de disputa revolucionária tentavam ser cicatrizadas a partir da construção de um aparato estatal autoritário que centralizasse as diversas tendências reformistas. Todavia, com a institucionalização da Revolução e as disputas internas entre os membros do partido, as heranças da insurreição tornaram-se um importante objeto de disputa política. Ao invés do vínculo direto e personalista entre os *caudillos* da década de 1920 e a Revolução, tratava-se, naquele momento, de interpretar o processo revolucionário para criar um novo Estado e dar novo sentido para a nação mexicana. Na formulação do também *caudillo* Plutarco E. Calles – que, após o assassinato do presidente reeleito Gral. Álvaro Obregón, em 1928, tornou-se “*el jefe máximo de la Revolución*” e o protagonista da formação do partido oficial – a “era das instituições” deveria suceder a “era do *caudillo*”. A divisão da Revolução em dois momentos, o primeiro, de destruição do velho regime e, o segundo, da construção do novo, não eliminou, contudo, a violência das disputas revolucionárias.

Se, por um lado, desde o golpe de Adolfo de la Huerta, em 1923, o país não assistia a uma tentativa de tomada do poder pela força, por outro, as hostilidades de diversos grupos mais ou menos isolados para com o novo Estado ou entre si, assim como a violência do novo regime, mantiveram-se por muito tempo. A Rebelião Cristera, caso exemplar da inquietude gerada pela institucionalização da Revolução, resultou em milhares de mortos entre os camponeses católicos e agraristas e teve como vítima mais ilustre o presidente Obregón. Professores enviados do Distrito Federal ao restante do país para educar de acordo com os postulados do novo regime não raramente voltavam mutilados, e outros tantos foram assassinados. Os enfrentamentos entre grupos de ideologias distintas,

partidários deste ou daquele setor do partido oficial, também eram comuns na década de 1930.

As greves e as manifestações de trabalhadores contra seus patrões, mexicanos ou não – e neste segundo caso ainda estava em jogo o nacionalismo da Revolução Mexicana – pululavam pelo país. As promessas feitas durante a insurreição e pela Constituição de 1917 faziam-se presentes ao mesmo tempo nas exigências de operários, camponeses e no discurso do governo que os reprimia. Tanto quanto as armas, a interpretação da violência do passado recente era um poderoso instrumento para justificar o uso da força por parte do Estado. Deste modo, os debates políticos e a constituição das legitimidades no México dos anos 1920 e 1930 davam-se, fosse por oposição aos projetos revolucionários ou por uma interpretação considerada herética da Revolução, sobretudo, a partir da experiência catártica do passado insurrecional. É esta uma das principais idéias do texto ora proposto. Partindo dela, busco refletir acerca das transformações do discurso sobre a Revolução em um período especificamente importante: os seis anos do mandato presidencial de Lázaro Cárdenas.

O aprofundamento de minha pesquisa de iniciação científica, que tratara dos modelos conceituais utilizados pela historiografia da Revolução Mexicana, já apontava para a importância das disputas em torno dos usos políticos da insurreição e para as tentativas de uma monopolização da memória por parte do Estado.¹ Truísmo afirmar que a força das interpretações produzidas pelo partido oficial não escondeu os embates políticos presentes na construção de tais significados. Neste sentido, o cardenismo mostrou-se um ponto chave para a compreensão da efervescência dos conflitos pela legitimação do poder no México

¹ Pesquisa desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto como bolsista CNPq/Pibic entre agosto de 2005 e julho de 2006 cuja temática fora aprofundada em minha monografia com o mesmo título: *Modelos e explicações na historiografia da Revolução Mexicana*, defendida em março de 2007.

saído da Revolução, tanto pela radicalização do discurso revolucionário quanto pela centralização do poder presidencial em detrimento do expurgado Partido Nacional Revolucionário (PNR) e da substituição deste pelo Partido da Revolução Mexicana (PRM). O discurso sobre o passado revolucionário esteve presente no nacionalismo, na expropriação do petróleo, na aceleração da reforma agrária e na estruturação dos grandes sindicatos de trabalhadores urbanos e rurais. Tais transformações parecem ter causado marcas tão duradouras na memória popular quanto no sistema político propriamente dito, e a popularidade do ex-presidente contrasta com a descrença no antigo partido oficial. Cárdenas tornou-se um herói, e como bom herói de um país cristão, foi mais aceito morto do que vivo.

A historiografia, tanto nacionalista quanto revisionista em geral², também corroborou na construção desta imagem do general todo-poderoso. No entanto, as disputas políticas dos anos 1930 parecem ter sido mais desgastantes para o cardenismo do que costumam afirmar a memória popular e grande parte dos historiadores. Tendo em vista a reestruturação do sistema político e do Estado mexicano operadas naquele sexênio, parte da historiografia do tema imputou a Cárdenas a responsabilidade por eventos ocorridos ao longo de toda a segunda metade do século XX. Em tais narrativas, Cárdenas foi considerado o pai do Leviatã que impedira o surgimento da democracia, da autonomia proletária e de uma verdadeira revolução, de acordo com a abordagem marxista de muitos autores. Neste

² Refiro-me aqui, no que diz respeito às abordagens nacionalistas, em linhas gerais, não apenas às obras mais combativas tais como as produzidas por Jesús Silva Herzog, mas também às grandes sínteses realizadas desde os anos 1940, tais como as produzidas por Nathaniel e Sylvia Weyl (*The Reconquest of Mexico: The Years of Lázaro Cárdenas*. Nova York, Oxford University Press, 1939), Fernando Benítez (*Lázaro Cárdenas y la Revolución Mexicana*. México, FCE, III volumes, 1978) e as obras de mexicanistas como Frank Tannenbaum (*Mexico, The struggle for Peace and Bread*, Nova York, Knopf, 1950), William Townsend (*Lázaro Cárdenas, Mexican Democrat*. Ann Arbor, George Wahr, 1952) e Joe C. Ashby (*Organized Labor and the Mexican Revolution under Lázaro Cárdenas*. Chapel Hill, Universidade da Carolina do Norte, 1967). No que se refere aos revisionistas, é importante mencionar sobretudo a obra de Arnaldo Córdova, mas também ensaios como os de Octávio Ianni e autores como Ramón Eduardo Ruiz, abordados mais à frente.

sentido, ao longo das décadas, o autoritarismo do Estado parecia reafirmar o lema revolucionário “*no hay más ruta que la nuestra*” e o culpado por seu estabelecimento poderia ser desde Francisco Madero a Lázaro Cárdenas. Tal imagem do general onipotente é contrastante com a do presidente acuado dos últimos anos de mandato que sofreu grande pressão da oposição e não teve força política para escolher seu sucessor. Os discursos sobre a Revolução, tanto governista quanto de oposição, tampouco foram objeto de atenção particular daqueles historiadores, tendo sido lidos apenas como uma estratégia de manipulação, oposta à realidade política.

Não obstante, o discurso da continuidade da Revolução, que não distingue os diversos governantes e afirma um desenvolvimento *ad infinitum* produzido pelo partido oficial a partir do callismo e do cardenismo – e, mais tarde, de maneira mais genérica após a formação do Partido Revolucionário Institucional (PRI, 1946) com a tentativa de desligar-se das heranças cardenistas – foi lido com descaso por autores que tampouco diferenciaram os distintos governos e suas propostas políticas. A existência de uma estrutura partidária monolítica e do autoritarismo do Estado do pós-Revolução não significou a ausência de diferentes desafios à legitimidade dos governos nem de respostas díspares dos governados. Se, por um lado, o repertório político estava baseado nas legitimidades suscitadas a partir da Revolução, por outro, isso não impediu sua expansão na medida em que, com o cardenismo, o processo revolucionário fora projetado ao futuro.

Desta maneira, tanto governistas quanto opositores puderam criar releituras, lançando novas propostas ou desafios à legitimidade política a partir de tal repertório. Talvez seu inchaço tenha produzido a atual possibilidade inicialmente descrita de adequar-se à retórica do passado revolucionário sem suscitar as paixões de outrora. Todavia, é exatamente este processo de pulverização dos significados da Revolução que permite conferir importância

nas disputas pela legitimidade revolucionária a outros atores políticos além dos membros do Partido Oficial.

Não se trata aqui de escrever uma história do cardenismo com pretensões totalizantes, mas de refletir sobre suas leituras da Revolução e sobre seu discurso político. Com isso, amplia-se a necessidade de buscar matrizes para uma abordagem da temática. A história política, outrora a única história³, não recebeu atenção dos mexicanistas em geral. Assim, no presente estudo, ressalta-se a necessidade de buscar referenciais particulares para permitir e avaliar os questionamentos propostos para pensar o cardenismo.

Ao contrário do que abordagens semelhantes podem induzir a pensar, não busquei nesta pesquisa tratar os “usos e abusos” da Revolução Mexicana no discurso cardenista, tampouco tenho a intenção de determinar o que seria um uso legítimo do passado revolucionário⁴. A noção de “usos e abusos da história” não permitiria, por motivos variados, a reflexão aqui proposta. Neste sentido, a idéia de uma *legitimação*, presente já no título do trabalho, não tem por princípio tornar autêntico aquilo que seria ilegítimo em essência. Trata-se aqui de questionar como uma legitimidade foi construída conflituosamente por diversos atores a partir de um simbolismo revolucionário e indagar como determinadas mudanças em uma linguagem política foram produzidas, assim como seus efeitos políticos.

A legitimidade, portanto, não pode ser simplesmente imposta. A oposição de um suposto uso legítimo do passado popular frente aos intentos usurpadores da memória por parte do Estado, além de simplista, pressuporia um ingênuo acesso ao verdadeiro passado a

³ BRESCIANI, M. Stella. “Apresentação”, in: *Jogos da Política – Imagens, Representações e Práticas*, BRESCIANI, M. Stella, SAMARA, Eni M., LEWKOWICZ, Ida. (Org.), São Paulo, ANPUH/São Paulo-Marco Zero. p.10.

⁴ Como afirmou Jacques Le Goff os abusos da história aconteceriam quando o historiador se torna “um partidário, um político ou um laiaio do poder político”. LE GOFF, Jacques. *História e memória*, Campinas, Editora da UNICAMP, 1990. p. 32

despeito da complexidade dos processos históricos. Neste caso, a idéia romântica de um povo uno, somada a noção paternalista e idealizada da autenticidade do popular, em contraposição aos desígnios maquiavélicos do Estado, garantiriam um caminho seguro para a verdade histórica e, como corolário, um instrumento para detectar o uso legítimo do passado. Finalmente, o modelo dos “usos e abusos” situa o historiador em posição demasiadamente confortável, como um juiz neutro, avaliador da legitimidade das memórias e narrativas em geral. O papel político do conhecimento histórico é assim ignorado, na mesma medida em que os efeitos de verdade da prática historiográfica são ampliados sob o manto de credibilidade do discurso tecnocrata de um especialista⁵.

Considerando as proposições de uma história política que valoriza, sobretudo, o discurso e a construção de imaginários políticos, constituídos aqui na análise da formação de um simbolismo revolucionário no México dos anos 30, a questão não passa mais por saber se a Revolução Mexicana foi “de fato” uma revolução no sentido marxista clássico – a transformação dos meios de produção⁶ –, mas permite focar os questionamentos principalmente sobre quais as legitimidades em disputa para os atores deste processo.

⁵ A este respeito baseio-me nas contribuições de Michel De Certeau em *A escrita da história* (Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002), sobretudo em “A operação historiográfica”.

⁶ Com relação a este tema considero importante citar François-Xavier Guerra, que, seguindo os caminhos de François Furet, questiona tal conceito de Revolução. Em suas palavras: “Desde el Penser la Revolución française de François Furet estamos cambiando mucho nuestra visión sobre lo que es una revolución; yo por lo menos he cambiado. Cada día estoy más convencido que a la revolución es sobre todo un cambio cultural. En este cambio, la palabra misma ‘revolución’ juega un papel fundamental como parte esencial de un discurso de legitimación, para dar a lo inverso el carácter de un proceso unitario. De ahí que sea muy difícil, más allá del discurso, saber en qué consistió la revolución.” GUERRA, François-Xavier. “Teoría y método en el análisis de la Revolución mexicana”, *Revista Mexicana de Sociología*, Año 51, N°2. pp.3-25. p.17. Entretanto, é preciso ainda considerar a polissemia e disseminação desta idéia na modernidade. Como afirmou Reinhart Koselleck, “Poucas palavras foram tão largamente disseminadas e pertencem de maneira tão evidente ao vocabulário político moderno quanto o termo ‘revolução’. Trata-se de uma dessas expressões empregadas de maneira enfática, cujo campo semântico é tão amplo e cuja imprecisão conceitual é tão grande que poderia ser definida como um clichê” e, mais tarde o autor concluiu: “Nosso conceito de revolução pode ser assim definido, de forma adequada e legítima, como um *conceito geral*, que encontra pelo mundo todas as condições prévias para seu entendimento, mas cujo significado preciso sofre variações dramáticas de um país a outro, de uma situação política a outra. É quase como se no interior da palavra revolução habitasse uma força revolucionária capaz de fazer com que a expressão se dissemine continuamente e seja capaz de conter

As proposições de diferentes autores para este estudo não excluiu, entretanto, as potenciais incompatibilidades do uso de abordagens pertencentes a tradições tão diversas. Deste modo, na obra de Hannah Arendt busca-se principalmente seu conceito de política, tendo em vista sua ênfase na natureza indissociável entre o discurso e a prática política, o que permite maiores possibilidades de diálogo teórico com as demais obras.⁷ Com as reflexões de Koselleck, procuro trabalhar suas contribuições acerca da historicidade do conceito de revolução e da formação dos conceitos políticos contemporâneos.⁸ No que se refere à obra de Bronislaw Baczko⁹, recuperei os debates em torno do imaginário e da construção dos simbolismos políticos. E, finalmente, na obra de Pocock, procuro os elementos teóricos de análise do discurso político de uma historiografia que permitam debater a constituição de uma linguagem política, na medida em que as tendências universalistas dos demais autores poderiam nos distanciar da experiência mexicana.¹⁰ A abordagem de Pocock, assim como a de Quentin Skinner e os demais autores da chamada Escola de Cambridge, tem como um de seus objetivos a crítica tanto às leituras da história das idéias – baseadas na ênfase dos textos canônicos – quanto às constituídas a partir de um

em si o mundo todo”. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado – contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contraponto: PUC – Rio, 2006. p.61 e 62, respectivamente.

⁷ A principal obra utilizada de Hannah Arendt na formulação dos problemas da presente pesquisa tem sido *A condição humana*. (Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2007.) Neste texto ela nos lembra, a partir da Grécia Antiga, “o pensamento era secundário no discurso; mas o discurso e a ação eram tidos com coevos e coiguais, da mesma categoria e da mesma espécie; e isto originalmente significava não apenas que quase todas as ações políticas, na medida em que permanecem realizadas por meio de palavras adequadas no momento certo, independentemente da informação ou comunicação que transmitem, constitui uma ação. Somente a pura violência é muda, e por este motivo a violência, por si só, jamais pode ter grandeza.” Obra citada. p.35.

⁸ KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise*. Rio de Janeiro, Contraponto: PUC – Rio, 1999. E, do mesmo autor, *Futuro passado – contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contraponto: PUC – Rio, 2006.

⁹ BACZKO, Bronislaw. *Los imaginarios sociales – Memorias y esperanzas colectivas*. Buenos Aires. Editora Nueva Visión. 1999. Outra obra, utilizada no início da pesquisa e que também demonstra os esforços dos Estados Nacionais na construção e consolidação de símbolos nacionais, é a clássica *A invenção das tradições*, de Eric Hobsbawm e Roger Terrance (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984).

¹⁰ POCOCK, John. *Linguagens do ideário político*. São Paulo, Edusp, 2003.

contextualismo sociológico, fundadas na sociologia do conhecimento ou no marxismo.¹¹ Em contraposição à premissa de que o mundo material precederia a linguagem e que este teria sobre ela um “efeito causal unidirecional, os historiadores de Cambridge mobilizaram a máxima de Wittgenstein segundo a qual ‘as palavras também são atos’.”¹² Não obstante, apesar das premissas comuns, a escolha por enfatizar as contribuições desta escola por meio do pensamento de Pocock faz-se tanto por sua dedicação especial aos “contextos de enunciação”¹³ quanto pelas aproximações realizadas pela obra de Elías José Paltí entre as propostas metodológicas de Pocock e a história política mexicana.¹⁴

É preciso lembrar ainda que a maior parte da bibliografia, no que tange aos processos revolucionários, apesar da busca comum em analisar os símbolos que permitiram afirmar o início de uma nova era, trilha seus caminhos, sobretudo, a partir do caso da modernidade europeia e da Revolução Francesa. Então, atentando a tal condição, destaca-se aqui como elemento chave destas abordagens a busca dos Estados Nacionais pela criação de símbolos de integração necessários à formação de um imaginário comum.¹⁵

¹¹ SILVA, Ricardo. “Liberdade e lei no neo-republicanismo de Skinner e Pettit”, Lua Nova: Revista de Cultura e Política, no.74, São Paulo, 2008.

¹² Idem. *Ibidem*

¹³ De acordo com Ricardo Silva: “Enquanto Pocock, para a compreensão dos textos do passado, tende a acentuar o papel das linguagens políticas disponíveis no contexto de enunciação, Skinner, para o mesmo fim, tende a dar prioridade para as intenções dos agentes envolvidos na ação lingüística. Em recente entrevista, Skinner reafirmou esta diferença de ênfase”. Idem. *Ibidem*.

¹⁴ Como reformulara Paltí a partir da obra de Pocock: “Los lenguajes, a diferencia de los ‘sistemas de pensamiento’, no son entidades autocontenidas y lógicamente integradas, sino sólo histórica y precariamente articuladas. Se fundan en premisas contingentes; no sólo en el sentido de que ninguna formación discursiva es consistente en sus propios términos, se encuentra siempre dislocada respecto de sí misma; en fin, que la temporalidad (historicidad) no es una dimensión externa a éstas, algo que les viene a ellas desde fuera (de su “contexto exterior”), sino inherente, que las habita en su interior”. PALTÍ, Elías José. *El tiempo de la política – el siglo XIX reconsiderado*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 2007. p.55

¹⁵ De acordo com Pierre Bourdieu: “Os símbolos são instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (...), eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição da integração moral”. BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998. p.10.

Como afirma Hannah Arendt, o poder não pode se estabelecer unicamente pela violência – “Somente a pura violência é muda”.¹⁶ De acordo com a abordagem aqui proposta é preciso considerar ainda que o poder político tampouco poderia subsistir baseando-se somente em uma racionalidade exposta; como afirmou Georges Balandier, “o poder só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial”.¹⁷ O discurso político, não só por seu conteúdo, busca introduzir uma coletividade, uma idéia de unidade, que tem em comum não só um passado, mas também um futuro; são as “idéias-imagens” que Baczko aborda, das quais a própria “nação” faz parte. No que se refere aos discursos políticos na construção do simbolismo do Estado, temos aqui a importância do ato de dar forma à nação, pensada como idéia, imagem ou aspiração, mas sempre a partir de uma narrativa.

Conforme a linha de abordagem proposta, o poder simbólico é o que diferencia a Queda da Bastilha, como símbolo de um processo revolucionário e de seus projetos – liberdade, igualdade e fraternidade –, da batalha na qual um grupo heterogêneo de pessoas, que tomaram caminhos divergentes durante a luta armada, venceram a debilitada guarda daquela prisão em 14 de julho de 1789.¹⁸ Quando, por sua vez, os grupos revolucionários tomam o poder, tais símbolos se tornam, segundo Bakzco, um instrumento para implantar novos valores, para “transformar as almas” e criar uma nova ordem política. E, mesmo tendo em vista a distância histórica do evento exposto com o aqui estudado, parece-me que tais concepções permitem refletir acerca dos conflitos em torno do simbolismo

¹⁶ ARENDT, obra citada. p.35.

¹⁷ BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília - DF, UNB. 1982. p.07.

¹⁸ BAKZCO, Obra citada. p.40.

revolucionário e dos usos da Revolução Mexicana pelo Partido Oficial.¹⁹ Ao considerar que a significação dos símbolos não pode ser simplesmente imposta, entendida como um processo de constante disputa, tal processo apenas pode ser pensado em contextos específicos e, assim, considero que podemos recuperar a contribuição teórica exposta sem que isso signifique a imposição de um modelo teórico estrito.

Não obstante, a afirmação de Pocock de que toda a nova história política é, em verdade, história do discurso político nos permite pensar que tanto os símbolos quanto o próprio imaginário só adquirem existência a partir de um discurso político. Desta maneira, é preciso considerar, como o faz Pocock, que a criação destes elementos da linguagem política é realizada em uma linguagem pré-existente, já imbuída de significados históricos, sendo que estes ainda foram e são lidos de maneiras divergentes pelos grupos e indivíduos. Isto não implica, contudo, que quando mudanças neste discurso político pré-existente conseguem ser realizadas, estas modificações sejam lidas da mesma maneira pelos atores que promoveram tal transformação e pelo restante da sociedade.²⁰

No que se refere ao tema proposto para o presente estudo, como afirmei anteriormente, considero que as representações fundadoras de legitimidade estejam

¹⁹ O poder destes simbolismos se registra nos imaginários sociais, definidos como: ...referencias en el vasto sistema simbólico que produce toda colectividad y a través del cual ella “se percibe, se divide y elabora sus finalidades” (Mauss). De este modo, a través de estos imaginarios sociales, una colectividad designa su identidad elaborando una representación de sí misma; marca la distribución de los papeles y las posiciones sociales; (...).Designar su identidad colectiva es, por consiguiente, marcar su “territorio” y las fronteras de éste, definir sus relaciones con los “otros”, formar imágenes de amigos y enemigos, de rivales y aliados; del mismo modo, significa conservar y modelar los recuerdos pasados, así como proyectar hacia el futuro sus temores e esperanzas. (...) En efecto, en el corazón mismo del imaginario social, en particular con el advenimiento y desarrollo del Estado, se encuentra el problema del poder legítimo, o más bien, para ser precisos, de las representaciones fundadoras de la legitimidad. BAKZCO, Obra citada. p.28.

²⁰ Como afirmou Pocock: “Ademais, mesmo quando um autor tem êxito em inovar, isto é, em emitir seu discurso de maneira a incitar outros a responder a ele de uma maneira até então não convencional, não se segue disso que ele conseguirá controlar as respostas dos outros. Eles podem – e usualmente o farão – atribuir, à enunciação e à sua inovação, conseqüências e implicações que talvez ele não pretendesse, ou não quisesse, reconhecer, e eles lhe responderão nos termos determinados por essas atribuições, mantendo ou modificando as convenções do discurso que eles vêem como direta ou indiretamente afetadas pela enunciação real ou atribuída ao autor”. POCOOCK, Obra citada. p.29.

estritamente ligadas às interpretações do passado revolucionário. A disputa política da época, portanto, é proposta também como um conflito pelos usos do simbolismo revolucionário, ou seja, por uma narrativa que desse uma forma e, sobretudo, um futuro à Revolução, legitimando as contendas políticas do presente. Com isso procurei também destacar a necessidade, por parte de Cárdenas, de lidar com outros importantes atores políticos frente à idéia simplista e muitas vezes paternalista de manipulação política. Tendo em vista tais conflitos, a política e o discurso cardenista não podem ser pensados como homogêneos ao longo do mandato.

Assim, esta pesquisa objetiva debater duas indagações iniciais: como a interpretação cardenista da Revolução constituiu-se durante o período e quais adaptações foram feitas em relação à campanha presidencial e aos obstáculos enfrentados? Neste aspecto, ressalta-se a necessidade do constante contato com a historiografia do tema para buscar compreender quais as tensões de cada período do mandato, e, desse modo, analisar as possíveis respostas a partir dos discursos de Cárdenas. Os questionamentos deste tipo foram realizados a partir de pontos clássicos do tema, como o conflito com Calles, a nacionalização do petróleo e as ondas de greves do movimento operário. Como Cárdenas justificou a ruptura com Calles, “El Jefe Máximo de la Revolución”? Quais as mudanças na leitura da Revolução que permitiram, então, o fim do Maximato? Como Cárdenas abordou a conflitante Revolução institucionalizada e quais as leituras que impulsionaram a transformação do Partido Nacional Revolucionário em Partido da Revolução Mexicana? De que maneira Cárdenas interpretou a oposição conservadora que buscou ligar-se ao passado revolucionário?²¹ A

²¹ Neste aspecto, é interessante notar a aparente necessidade de ligar-se à Revolução por parte de quase todos os partidos políticos. Juan Andrew Almazán, principal opositor do cardenismo depois de 1936, candidatou-se pelo *Partido Revolucionario de Unificación Nacional*, colocando-se como representante genuíno da Revolução Mexicana. MEYER, Lorenzo. Obra citada. p.188-9.

Revolução foi utilizada para justificar e/ou popularizar a expropriação das companhias petrolíferas? Se sim, de que forma? E, finalmente, como o cardenismo avaliou a inclusão da participação popular nas diversas etapas da Revolução e o que se pode extrair de seu discurso neste sentido?²²

Ao invés de verificar uma suposta verdade por trás do discurso, buscarei destacar as representações da Revolução e quais seus possíveis significados nas disputas pela legitimidade política do período. O discurso político é produto e produtor de conflitos e sua polissemia é uma fonte riquíssima de problemáticas para os historiadores, pois até mesmo em suas contradições encerram-se sentidos. Portanto, no intento de estabelecer uma crítica às interpretações mais esquemáticas, sem, contudo, recusar comparações históricas, o presente trabalho buscará pensar as especificidades do cardenismo, assim como refletir acerca da historiografia do tema, por meio das disputas em torno da legitimidade política do passado revolucionário mexicano.

As tentativas de resposta aos questionamentos expostos basearam-se nos comunicados oficiais do presidente Lázaro Cárdenas: discursos, declarações, informes de governo e mensagens presidenciais anuais. Neste aspecto, contei tanto com seleções dos pronunciamentos presidenciais que haviam sido publicados já na época quanto com coletâneas que abrangem seus comunicados oficiais, reunidos a partir da morte do ex-presidente. No primeiro caso, encontram-se a publicação da campanha de Cárdenas *La jira*

²²Sobre período anterior, mas com uma profunda discussão sobre as legitimações políticas no México, destaco a obra *La invención de una legitimidad: Razón y retórica en el pensamiento mexicano del siglo XIX* de Elías José Palti (México, FCE, 2005). A partir do referencial político da abordagem de Pocock, o autor problematiza as relações entre discursos e práticas políticas, nos quais os dirigentes tinham que encontrar mecanismos de articulação entre a “estabilidade” política e a nova “ordem” surgida após a consolidação da República mexicana, debatendo continuidades e inovações na política mexicana do período. O texto apresenta uma discussão que tem sido relevante para este estudo.

*del General Lázaro Cárdenas*²³ e a seleção de seus discursos presidenciais *¡Cárdenas Habla!*²⁴, editados pelo PNR e PRM, respectivamente, e, no segundo, *Palabras y documentos públicos de Lázaro Cárdenas e Ideario Político*.²⁵

Além do livro da campanha eleitoral, outro material de estudo que tem permitido bases de comparação para aprofundar a formação do discurso cardenista é o plano de governo do PNR (*Plan Sexenal del PNR*)²⁶. A análise dessas duas publicações iniciais possibilitou o aprofundamento nas indagações referentes à leitura da Revolução conduzida por Cárdenas ainda durante o Maximato. Do mesmo modo, os planos políticos da Revolução, reunidos nas coletâneas de Manuel González Ramírez, *Planes políticos y otros documentos*²⁷ e *Fuentes para la historia de la Revolución Mexicana*²⁸, e Isidro Fabela, *Documentos históricos de la Revolución Mexicana*²⁹, também serão utilizados para pensar as ligações entre o ideário cardenista e as diversas propostas do passado revolucionário.

O trabalho com coletâneas pressupõe, é verdade, uma seleção anterior à do pesquisador. Por mais amplas que sejam as publicações aqui utilizadas, elas não dão conta, por exemplo, de todas as declarações dos revolucionários e, variando de acordo com a temática proposta, a utilização de arquivos é sempre mais profícua. Entretanto, os arquivos também são uma seleção, já que os documentos não representam simplesmente o que existiu no passado, mas escolhas efetuadas tanto pelo desenvolvimento das sociedades

²³ PARTIDO NACIONAL REVOLUCIONÁRIO, *La jira del general Lázaro Cárdenas*, México, 1934.

²⁴ PARTIDO REVOLUCIONÁRIO MEXICANO, *¡Cárdenas habla!* La Impresora, México, 1940.

²⁵ A comparação entre os comentários adicionais das coletâneas deve permitir um melhor entendimento sobre a situação em que foram proferidos cada um dos pronunciamentos. CÁRDENAS, Lázaro. *Palabras y documentos públicos*, obra citada, e *Ideario Político*, Era, México, 1972.

²⁶ PARTIDO NACIONAL REVOLUCIONÁRIO, *Plan Sexenal del PNR*, México, 1933.

²⁷ RAMÍREZ, Manuel González. (Org), obra citada.

²⁸ Idem. *Fuentes para la historia de la Revolución Mexicana – Manifiestos Políticos*, México, FCE, 1957.

FABELA, Isidro. *Documentos históricos de la Revolución Mexicana – Revolución y Régimen Maderista*, México, FCE, 1964. e *Documentos históricos de la Revolución Mexicana – Revolución y Régimen Constitucionalista, El Plan de Guadalupe*. México, FCE, 1963.

quanto pelos historiadores.³⁰ Assim, a pesquisa realizada sugere que os comunicados oficiais de Cárdenas, fonte principal deste trabalho, tal como contemplados no material exposto, permitem a reflexão pretendida, a despeito da ausência de maiores acervos.

Contudo, é evidente que a abordagem ora proposta se beneficiaria claramente de um aprofundamento no estudo das condições de enunciação dos discursos presidenciais. Como os referenciais teóricos elencados para esta pesquisa afirmam, tais lugares de enunciação também são constituintes das mensagens veiculadas. Do mesmo modo, tenho clareza de que elucidar mais detalhadamente a recepção e circulação destes discursos permitiria assentar bases mais sólidas para as reflexões esboçadas no presente trabalho.

Não obstante, considerando os prazos da pesquisa e a ausência de estudos anteriores sobre o tema, e a conseqüente dificuldade nos levantamentos das fontes e bibliografia a respeito, a opção mais adequada pareceu o desdobramento deste estudo em pesquisas futuras. Desta maneira, o presente trabalho tem consciência de suas limitações frente as amplas considerações dos teóricos elencados, e objetiva, assim, apontar e aprofundar seus questionamentos desde fontes que, nesta fase da pesquisa, permitem identificar de maneira mais geral os mecanismos, temas e reiteraões sobre o passado revolucionário por parte do presidente Cárdenas. Tratar-se-á muitas vezes de buscar outras vozes a partir da leitura a contrapelo de uma voz dominante nas fontes trabalhadas. Em tal intento, as informações trazidas pela historiografia acerca dos debates do período devem fornecer mais elementos de sustentação para as indagações ora buscadas.

Em resumo, os questionamentos propostos são realizados tendo em vista que esta pesquisa inicial tem como escopo, devido às limitações expostas, trazer à baila elementos

³⁰ LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”, in: *História e Memória*, Campinas, Editora da UNICAMP, p.535.

dos conflitos citados desde um discurso específico e de grande amplitude. Suas reverberações serão abordadas na medida do possível, porém o aprofundamento desta temática requererá o desenvolvimento da presente pesquisa.

CAPÍTULO I

Neste capítulo, apresenta-se o intento de historicizar e situar o tema na historiografia, uma pequena biografia de Cárdenas, suas aproximações e distanciamentos do Partido Oficial e principais figuras do Regime. Tal etapa do trabalho tem por objetivo expor e debater sobretudo a bibliografia referente ao período Cárdenas e suas relações com a memória a respeito do general. Não se pretende, com isso, dar conta das narrativas escritas nos últimos setenta anos, mas apontar caminhos gerais para refletir sobre as principais abordagens apresentadas, sobretudo no que se refere à atenção dispensada ao discurso cardenista.

De Lázaro Cárdenas del Río a General Cárdenas

Lázaro Cárdenas del Río nasceu em 1895, primogênito de uma família de classe média de Jiquilpan, no estado de Michoacán.³¹ Após alguns anos de estudo, tornou-se aprendiz de tipógrafo. Concomitantemente, ao estalar das lutas armadas em 1911 no início da Revolução, perdeu seu pai, tornando-se, portanto, o homem mais velho da família. Ainda antes que o Estado de Michoacán ganhasse importância nos embates do período, o

³¹ KRAUZE, Enrique. *Lázaro Cárdenas - General missionero*. México, FCE, 1987. Para evitar o uso excessivo de notas, destaco aqui outras biografias e testemunhos utilizados para a breve explanação: BENÍTEZ, Fernando. *Entrevistas com um solo tema: Lázaro Cárdenas*. México – DF, UNAM, 1979; COSTA-AMIC, B. (editor). Vários autores. *Legado Revolucionário de Lázaro Cárdenas*. México – DF, Costa-Amic, 1971, GILLY, Adolfo. CÁRDENAS, Lázaro. CÁRDENAS, Cuauhtémoc. *Tres imágenes del general*. México – DF, Taurus, 1997; MOHENO, Roberto. *Tata Lázaro – Vida y obra de Cárdenas, Múgica y Carrillo Puerto*. México – DF, Diana, 1972; PARTIDO REVOLUCIONARIO INSTITUCIONAL, *Lázaro Cárdenas*. PRI, 1976; SILVA-HERZOG, J. *Lázaro Cárdenas – Su pensamiento económico, social y político*. México – DF, Nuestro tiempo, 1988; SUÁREZ, L. *Cárdenas: retrato inédito. Testimonios de Amalia Solórzano de Cárdenas y nuevos documentos*. México – DF, Grijalbo, 1986.

conflito bateu à porta da tipografia onde Cárdenas trabalhava, quando tomou contato com os manifestos então produzidos pelos revolucionários. Em 1913, quando a luta armada se iniciava mais claramente em Michoacán, ao invés de fugir para a casa de um familiar – como lhe pedira sua mãe – Cárdenas entrou para os exércitos revolucionários. Integrou-se à coluna de Martín Castrejón, participando de diversos combates. Após o início das batalhas, tentou retornar à casa de sua mãe e afastar-se do conflito algumas vezes, porém, na condição de procurado pela polícia local durante a Revolução; não conseguiu realizar seu desejo por muito tempo.

Em 1914 entrou decisivamente para a Revolução, lutando pelos Constitucionalistas contra o Exército Federal. Ainda neste ano tornou-se comandante do 22º Regimento da Divisão de Cavalaria do Exército do Noroeste, sob o comando de Lúcio Blanco. Após o domínio da Capital Federal, sua brigada recebeu ordens para conter os ataques do Exército Zapatista, ao sul da Capital. Em setembro de 1914, com os sucessos de suas tropas, tornou-se major, mas, com o assassinato de seus antigos superiores diretos, recebeu ordens para incorporar-se ao exército de José María Maytorena – que, após ser acusado por Plutarco Elías Calles de conspirar contra Venustiano Carranza, procurará uma aliança junto ao villismo, da qual as tropas de Cárdenas não participarão.

Com as trocas no comando, Cárdenas seguiu com seu regimento para Água Prieta, no estado de Sonora, onde conheceu Plutarco Elías Calles e passou a lutar sob sua tutela. As tropas lideradas por Cárdenas, então tenente coronel, conseguiram importantes vitórias, o que lhe garantiu a condição de coronel e a alcunha, por parte de Calles, de “Bravo Jefe”. Lutou na defesa de Água Prieta contra os exércitos villistas e assim que a *División del Norte* de Villa reduziu-se aos grupos bandoleiros de Chihuahua, passou a administrar também os assuntos familiares. A luta armada permaneceu na caça aos villistas e na luta

com seus antigos aliados, os indígenas yaquis. Em 1916 voltou a Michoacán para combater grupos bandoleiros, atividade na qual permaneceu até 1918. Neste período morreu sua mãe e nasceu sua filha, que segundo um biógrafo fora “nascida de uma mulher nortenha”.³²

Em seu comando, como escreveu o mesmo biógrafo, não chegaria a aprender completamente que a cautela em um comandante é tão necessária quanto a própria coragem³³, tendo quase perdido a vida nos enfrentamentos em seu estado natal. A partir de 1919, passou a combater os pequenos exércitos restantes de oposição ao carrancismo. Não obstante, na convenção de Água Prieta, seguiu seus antigos chefes militares na reafirmação da necessidade das reformas contra as posições moderadas e conservadoras dos carrancistas. Em maio de 1920, já como general de brigada, ainda sob o comando de Calles, participou dos conflitos que levaram Carranza à sua derrocada final e dos quais sagrou-se Obregón como presidente.

Cárdenas voltou ao seu estado natal como chefe de operações militares e, interinamente, como governador substituto. Ao longo do ano tornou-se mediador dos conflitos eleitorais para o governo do estado, nos quais estava envolvido um dos ideólogos da Constituição de 1917, antigo amigo de sua família e inspirador ideológico: Francisco J. Múgica, que, mais tarde, chegaria ao poder no estado. Entretanto, em 1921, Cárdenas foi enviado ao sul do país, designado como chefe de operações militares do Istmo, voltando apenas em 1922. Ao voltar, acompanhou o conflito direto entre o governo central e seu amigo Múgica, considerado demasiadamente radical na divisão de terras, no anticlericalismo e nas disputas trabalhistas. Cárdenas foi designado chefe militar de Michoacán pelo presidente Obregón e recebeu a ordem de levar Múgica sob custódia à

³² KRAUZE, Enrique. Obra citada.p.16.

³³ Idem. p.18.

capital federal. No caminho, é informado da ordem presidencial para executar seu amigo, porém não a acata e permite-lhe a fuga.

Em 1923, com o início da Rebelião Delahuertista, liderada pelo ministro Adolfo de la Huerta, Cárdenas foi encarregado com suas tropas de hostilizar os revoltosos, sendo gravemente ferido durante as batalhas. Após a vitória final contra a rebelião, ainda no mesmo ano, o então presidente Calles, na intenção de proteger-se das possíveis reações das companhias de petróleo frente as novas reformas, designou o já recuperado Cárdenas como chefe militar de Huastecas e do Istmo, com quartel sediado em Veracruz, onde ele permaneceria durante três anos. Neste período, Cárdenas voltou a entrar em contato com seu tutor ideológico, o professor e revolucionário Múgica. Foi este último quem apresentou a Cárdenas textos de diversos autores, entre eles Gustavo Le Bon e Karl Marx.

Em 1927, iniciou sua campanha como candidato único ao governo do Estado de Michoacán. A partir de 1928, já eleito, entrou em ação seu programa de reformas trabalhistas e divisão de terras, com o suporte de antigos apoiadores do mugiquismo, sobretudo dos professores e sindicalistas, porém sem o radicalismo de seu amigo ex-governador. Os principais assuntos de seu governo foram, em grande parte, os mesmos da posterior presidência, tais como união dos trabalhadores, reforma agrária e escolas rurais. Estes temas foram resumidos sob o lema “União, Terra, Trabalho” com a criação da Confederação Revolucionária Michoacana do Trabalho (CRMDT), que possuía como presidente honorário o próprio governador e em quatro anos teria mais de cem mil filiados – sendo a primeira organização de trabalhadores ligada verticalmente ao governo na história mexicana.

As reformas e constantes viagens pelo estado conferiram a Cárdenas um *status* quase messiânico junto aos agraristas em Michoacán. Neste período, seu carisma e a figura

paternal que lhe foi atribuída renderam-lhe o apelido de *Tata Lázaro*.³⁴ O poder paternalista, por sua vez, denotava também sua face autoritária e que apresentava dificuldades em lidar com a crítica, assim como com os poderes legislativo e judiciário.³⁵ No intento de aprovar suas reformas, Cárdenas fora acusado de sobrepor o poder executivo aos demais, tornando deputados e juízes funcionários diretos de seu governo. Para Cárdenas, assim como para a maioria dos líderes da Revolução, a prioridade do Estado era, antes do que lutar pela divisão dos poderes ou pela abertura eleitoral, revolucionária e tutelar.

O governo de Cárdenas gastou quase a metade do seu orçamento com a educação. É preciso ressaltar que em um Estado marcado pelo catolicismo, a educação do novo Regime era também uma forma de luta contra a Rebelião Cristera, que ele considerou como um dos efeitos funestos do fanatismo religioso. Desta maneira, entre 1928 e 1932 foram construídas 472 escolas, concentradas, a partir de 1929, na região onde se deram os principais conflitos com os cristeros.³⁶ Ao mesmo tempo, as políticas educacionais vasconcelistas seguiam direção semelhante pelo interior do país. De modo geral, os principais inimigos da propaganda educacional em Michoacán eram o alcoolismo e o suposto fanatismo religioso. Colégios e universidades perderam sua relativa autonomia frente ao Estado e passaram a fazer parte dos projetos do governo, com a realização de estudos a respeito da questão agrária e propostas educacionais opostas ao ensino religioso.

³⁴ Sobre o tema ver: MOHENO, Roberto. Obra citada.

³⁵ Crítica presente em diversas obras, muitas de opositoristas da própria época. Destacam-se aqui: ABASCAL, Salvador. *Lázaro Cárdenas Comunista*. México – DF, Tradición, 1988; ACEVEDO, Carlos. *Lázaro Cárdenas – el hombre y el mito*. México – DF, Promesa, 1986; ANDA, Gustavo. *El cardenismo: desviación totalitaria de la Revolución Mexicana*. México – DF, editor Gustavo de Anda, 1974; BRITO, B. *El PRUN, Almazán y el desastre final*. México – DF, Botas, 1941; CABRERA, Luis. *Un ensayo comunista en México*. México – DF, Polis, 1937; EQUIHUA, V. A. *Lázaro Cárdenas – su feudo y la política nacional*. México – DF, Referencias, 1989; PEREZ-VERDIA, B. *Cárdenas apóstol vs Cárdenas estadista*, México – DF, 1939.

³⁶ KRAUZE, Enrique. Obra citada.p.60 e ss.

A aceleração da reforma agrária em seu governo foi marcante. No período de onze anos entre a promulgação da Constituição e o início de seu governo, foram distribuídos 131.283 hectares de terra a 124 *pueblos*, número inferior aos 141.663 hectares distribuídos a 181 *pueblos* durante o mandato de Cárdenas.³⁷ Ao mesmo tempo em que Calles anunciava ao país a inviabilidade do *ejido* como base das políticas rurais, Cárdenas direcionava seus esforços para um caminho contrário. Suas medidas contra as terras ociosas e as expropriações tornaram-se incômodas para os latifundiários locais e até mesmo para alguns quadros do Partido, como demonstra esta carta do general Saturnino Cedillo – figura que ainda teria importante papel na oposição ao cardenismo – a respeito de Cárdenas:

Charlé muy cordialmente con Calles y la línea de conducta que hemos trazado es firme y seria. En cuanto a nuestro amigo michoacano, dudo un poco de él, pero aún sigo creyendo que en un caso serio será formal.³⁸

Neste período, os conflitos entre professores e sacerdotes, e, sobretudo, entre agraristas e cristeros, desgastaram o governo entre populações rurais de algumas regiões onde a Igreja se manteve mais forte. Como relatado por um de seus biógrafos, Cárdenas chegara a ouvir de um grupo de camponeses: “Nosotros no queremos tierra sino culto”.³⁹ A situação política também era complexa porque além de ter que lidar com a sucessão no governo, Cárdenas fora obrigado a deixá-lo por um longo período: em 1929, para combater

³⁷ Idem. *Ibidem*.

³⁸ Idem. p.72

³⁹ Idem. p.63.

a Rebelião Escobarista⁴⁰ e entre o fim de 1930 e agosto 1931, quando esteve na presidência do PNR.

A desconfiança e a admiração pelo general cresciam proporcionalmente. Do mesmo modo, se intensificaram as lutas entre cardenistas e demais grupos. Tanto no campo, representados pelos agraristas e pela CRMDT, quanto no interior das estruturas partidárias, o cardenismo ganhou força como grupo político da Revolução. Se, por um lado, os conflitos pela sucessão do governo estadual findaram com a vitória de um candidato moderado, Benigno Serrato, por outro, as lutas dos cardenistas continuariam por meio da CRMDT, com seguidores do novo governo e de Cárdenas em guerra aberta.

Após o término de seu governo, em 1932, Cárdenas foi indicado a diversos cargos no governo federal, no entanto em nenhum deles obteve um destaque duradouro. Nos dois anos seguintes, o general variou entre períodos de maior evidência política com momentos de certo ostracismo. A respeito de sua possível candidatura, o presidente Abelardo Rodríguez escreveu carta ambígua a Calles, mas recomendando seu nome como candidato. Do mesmo modo, o ex-presidente Pascual Ortíz Rubio também teria manifestado seu apoio a Cárdenas ao *Jefe Máximo*, que, por sua vez, teria declarado que “queria Cárdenas como a um filho”.⁴¹

Cárdenas foi nomeado Ministro da Guerra em 1933. Sua boa circulação junto ao governo federal, sua influência no Partido – do qual já havia sido presidente – e, sobretudo, sua proximidade ao “Jefe Máximo” eram vantagens para uma candidatura à Presidência da República. Outro aspecto que favorecia a candidatura de um reformista como Cárdenas era

⁴⁰ Rebelião dirigida pelo general José Gonzalo Escobar em março de 1929 contra o presidente Emilio Portes Gil e que não reconhecia Plutarco Elías Calles como “Jefe Máximo”, tendo sido lançada nos estados do norte na mesma data da convenção do Partido Nacional Revolucionário. A este respeito ver: CAMÍN, Héctor Aguilar, MEYER, Lorenzo. Obra citada.

⁴¹ KRAUZE, Enrique. Obra citada. p.80 e ss

a situação de insatisfação de trabalhadores rurais e urbanos. Deste modo, sob a tutela de Calles e acenando para reformas como as que como as que realizara em seu governo anterior, o general michoacano conseguia a indicação de candidato oficial à Presidência.

Em junho de 1933, Cárdenas lançou oficialmente sua candidatura pelo Partido Nacional Revolucionário. Em sua campanha, de proporções até então desconhecidas, foi o primeiro candidato a visitar as regiões mais isoladas do país, tendo viajado de avião, barco, carro e cavalo.⁴² Deste período resultou uma publicação do PNR para a divulgação do futuro presidente, que foi objeto de estudo da presente pesquisa. Contudo, vale ressaltar que, como demonstrou Lorenzo Meyer, embora a citada campanha tenha possuído grande importância para a consolidação do cardenismo, não foi tão relevante do ponto de vista eleitoral, pois o resultado das eleições estava predeterminado pelo Partido Oficial.

É possível, assim, indagar acerca da estruturação de um discurso e um movimento propriamente cardenista ainda durante a campanha presidencial. Considerando a importância nula que a propaganda do governo possuía para as eleições pré-determinadas, pode-se ponderar a respeito da busca de Cárdenas de constituir bases políticas mais amplas do que os principais quadros do partido. Seus discursos durante a campanha, além das temáticas locais que variavam de acordo com a região, teriam os três temas que mais tarde seriam enfatizados durante todo o sexênio posterior: a união dos trabalhadores, a distribuição de terras e a necessidade de levar a Revolução Mexicana a todo país. Acerca da união dos trabalhadores, ele afirmou no 1º de maio:

⁴² MEYER, Lorenzo. “La Revolución mexicana y sus elecciones presidenciales: una interpretación (1911-1940)”, *Historia Mexicana*, Vol. 32, Nº2, 1982. pp.143-197. p.183.

No se trata aquí del pseudocooperativismo burgués (...) sino de un cooperativismo genuino que acabará con la explotación del hombre por el hombre, y la esclavitud del maquinismo sustituyéndolas por la idea de la explotación de la tierra y de la fábrica por el campesino y el obrero.⁴³

Ora, considerando as propostas apresentadas no Plano Sexenal – marco que deveria balizar a próxima gestão e garantiria a influência do callismo como principal força política do país – e especialmente o tom marcadamente tecnocrático deste documento, o discurso de Cárdenas a respeito das reformas sugere não apenas certo radicalismo como também sua autonomia frente ao *Maximato* quando comparado com os governos anteriores. A despeito das limitações do Plano Sexenal, por repetidas vezes Cárdenas afirmou que desejava reproduzir as reformas realizadas em Michoacán por todo o país. Tendo em vista sua propaganda, tal associação poderia lhe garantir certa independência e uma personalidade diferenciada frente à figura de Calles, na medida em que sua presidência estaria diretamente ligada com suas próprias raízes políticas locais e em seu estado natal.

1.2) Tatá Lázaro e o governo da Revolução

O sexênio cardenista (1934-1940) foi um dos mais importantes e polêmicos episódios da história mexicana no século XX. Seu protagonista, o jovem general Lázaro Cárdenas, como afirmado anteriormente, centralizou as tendências reformistas, sendo indicado como candidato para as eleições de 1934. Após sua campanha sem precedentes, ele foi eleito com

⁴³ KRAUZE, Enrique. Obra citada. p.88

um discurso que tinha como um dos cerne a continuidade da Revolução Mexicana. Trata-se de um elemento constante no discurso cardenista, que, aparentemente, possui um destaque ainda maior na campanha presidencial e no princípio do governo. A partir dos objetivos anteriormente explicitados, tornar-se-á necessária uma comparação que permita a reflexão em torno das mudanças nos significados da Revolução ao longo do período presidencial e suas conseqüências políticas.

Os símbolos do passado revolucionário sempre estiveram em disputa e nem mesmo a força das interpretações produzidas pelo partido oficial escondeu os embates políticos presentes na construção dos significados da Revolução. Neste sentido, o cardenismo mostrou-se um ponto chave para a compreensão dos conflitos pela legitimação do poder no México saído da Revolução, com a radicalização do discurso revolucionário, seguida da centralização do poder presidencial em detrimento do Partido Nacional Revolucionário (PNR) e da substituição do antigo partido oficial pelo Partido da Revolução Mexicana (PRM).

O cardenismo representou a última grande cisão dentro da “família revolucionária”, da qual a ruptura entre Cárdenas e Plutarco Elías Calles, “*el jefe máximo de la Revolución*”, em 1935, é o marco principal. É neste sexênio que o México assume polêmicas e importantes posturas internacionais: expropria as empresas petrolíferas dos Estados Unidos e Inglaterra e nacionaliza o petróleo; apóia com armamentos a República espanhola durante a guerra civil, quando até mesmo a URSS havia deixado de fazê-lo; e concede asilo a Leon Trotsky em um momento de grande efervescência política.

Todas estas atitudes, entendidas na época como radicalizações, somadas ao aprofundamento da reforma agrária são feitas, todavia, dentro de um governo que assume o passado revolucionário como um legado e uma tarefa a terminar. Tanto para muitos

contemporâneos quanto para boa parte da historiografia, a Revolução Mexicana só chegou ao fim com o término do mandato de Cárdenas.⁴⁴

Em um país profundamente marcado pelo isolamento de algumas regiões e pelas rebeliões locais, o cardenismo apresentou-se como uma proposta unificadora para a nação, na mesma medida em que pregava a união dos trabalhadores em oposição aos empregadores e sob a tutela do Estado. A homilia da união classista transformava-se facilmente em discurso de união nacional, e, neste sentido, é exemplar a longa ausência de maiores rebeliões contra o poder central após o cardenismo. Tais intentos na direção de um fortalecimento do poder central e de sua legitimidade junto às regiões mais isoladas da federação podem ser facilmente atreladas às suas incessantes viagens pelo país desde sua campanha presidencial.

Isto não significa, todavia, que o discurso cardenista seja marcado por características apaziguadoras: pelo contrário, as falas presidenciais quase sempre suscitaram variadas polêmicas em diversos setores da sociedade. Cárdenas lidou não apenas com a Rebelião Cedillista, de maiores proporções, mas também com diversas disputas locais, tanto entre partidários do callismo em oposição ao governo quanto com camponeses em revolta contra os ensinamentos céticos do projeto de educação socialista cardenista.

No Distrito Federal, o discurso cardenista ecoou durante todo o sexênio pelo rádio, assim como no jornal oficial do Regime, *El Nacional Revolucionário*, e também nas discussões subseqüentes dos principais jornais do país.⁴⁵ O conflito com Calles, por

⁴⁴ Várias obras abordam essa temática: GILLY, Adolfo. *La revolución interrumpida – México, 1910 –1920: una guerra campesina por la tierra y el poder*. México, El Caballito, 1972. CAMÍN, Héctor Aguilar, MEYER, Lorenzo. *Obra citada*. BASURTO, J. e CUEVAS, A. (Org) *El fin del proyecto nacionalista revolucionario*. UNAM, México, 1992. ROSS, Stanley. (Org.) *¿Ha muerto la Revolución Mexicana?*, México, Septentas, 1972.

⁴⁵ Sobre este tema ver: MARIN, Silvia. *Prensa y poder político – la elección presidencial de 1940 en la prensa mexicana*. México – DF, Siglo XXI: UNAM, 2006.

exemplo, foi deflagrado com uma entrevista do *Jefe Máximo* ao jornal *Excelsior*, onde sua resposta também seria publicada mais tarde.⁴⁶ Em outro momento, o anúncio da nacionalização do petróleo foi realizado por rádio, e, em ambas as situações, através da repercussão destes meios, o discurso cardenista travou graves polêmicas e tornou-se protagonista de grandes comoções nacionais.⁴⁷

O governo de Lázaro Cárdenas já foi considerado populista, democrático popular, ditatorial e até mesmo socialista.⁴⁸ Tais delimitações deram-se normalmente por meio de comparações muito amplas que desconsideraram as especificidades do caso mexicano. Descrito inicialmente como uma autocrítica ou um desvio da Revolução Mexicana, no plano interno, já foi tratado como término, início de uma nova fase ou algo simplesmente alheio à Revolução.

No entanto, apesar de todas as discordâncias nas delimitações do período, é inegável o peso da Revolução no discurso e na popularidade cardenistas. Talvez, exatamente pela força deste elemento nas propostas presidenciais e por tal sucesso político o cardenismo seja considerado habitualmente como o fim do período revolucionário. Desta maneira,

⁴⁶ Além do estudo citado de Silvia Marin, outra obra interessante para pensarmos este processo, porém a partir do ponto de vista da constituição do callismo, é CALLES, Plutarco. E. (org. MACÍAS, Carlos), *Pensamiento político y social – antología (1913 – 1936)*. México - DF, FCE., 1992.

⁴⁷ A respeito do anúncio expropriação petroleira, Héctor A. Camín e Lorenzo Meyer afirmaram: “Na verdade, a grande maioria dos ouvintes deve ter-se surpreendido bastante quando, na noite de 18 de março de 1938, anunciou-se em todas as emissoras de rádio a suspensão dos programas normais e a formação de uma cadeia de estações com o Departamento Autônomo de Publicidade e Propaganda para a transmissão de uma mensagem que o presidente ia dirigir à nação. Cárdenas informou ao país sua decisão de resolver a questão de uma vez por todas e expropriar as empresas petrolíferas, pois não podia permitir que uma deliberação do mais alto tribunal fosse anulada pela vontade de uma das partes mediante o simples expediente de se declarar insolvente. Se não tomasse esta decisão, disse o presidente, a própria soberania do país ficaria comprometida. (...) No dia seguinte, 19 de março, os principais diários do país e do mundo dedicaram suas manchetes ao conflito do petróleo e iniciou-se, no México, uma mobilização popular de alcance nacional. As organizações de massas e os meios de comunicação incentivaram a solidariedade popular à medida presidencial. A campanha caiu em solo fértil e o apoio à Cárdenas foi quase unânime”. CAMÍN, Héctor A. e MEYER, Lorenzo. Obra citada. p.204.

⁴⁸ As nomenclaturas divergentes datam do próprio governo. Cárdenas teve que rebater as acusações de que teria imposto uma ditadura, ou por vezes, uma ditadura comunista, em inúmeras ocasiões. BENÍTEZ, Fernando. *Lázaro Cárdenas y la Revolución Mexicana – III el cardenismo*. Obra citada. p.13.

quando a Revolução passou a ser reconsiderada pela historiografia mexicana, a presidência de Lázaro Cárdenas tornou-se um dos temas mais discutidos da história recente do país, objeto de variadas críticas e supostamente culpável por muitos dos aspectos principais que caracterizariam o Estado mexicano hodierno.

1.3) *O Revisionismo revisado*

A afirmação “la revolución continua” ecoou ao longo do século XX e o nacionalismo da historiografia mexicana mais tradicionalista teve grande importância em sua propagação. A clássica interpretação de Frank Tannenbaum, um dos primeiros estudiosos estrangeiros do tema, corroborou para a idéia de uma revolução genuinamente popular e agrarista.⁴⁹ Concomitantemente, o cardenismo (1934-1940) reacendeu o discurso nacionalista e transformou a Revolução numa meta constante, para além de um evento passado legitimador do presente.⁵⁰ As críticas baseadas na idéia de que a Revolução havia terminado com o Maximato parecem ter perdido legitimidade frente às políticas agraristas e o discurso nacionalista de Lázaro Cárdenas.⁵¹

⁴⁹ Destacam-se suas obras *The Mexican Agrarian Revolution*, Washington D.C., The Brookings Institution, 1929. *Peace by Revolution: Mexico After 1910*, Nova York, Columbia University Press, 1933. *Mexico, The struggle for Peace and Bread*, Nova York, Knopf, 1950. Como afirmou David C. Bailey, a partir de 1920 os historiadores norte-americanos abraçaram o tema, numa relação que tem sido longa e produtiva. “Revisionism and the Recent Historiography of the Mexican Revolution”. *Hispanic American Historical Review*. Vol. 58. Nº1. 1978 p.68. Outra referência importante sobre esta historiografia, que reitera o interesse prontamente manifestado pelos historiadores estadunidenses sobre o tema, é: ROSS, Stanley Robert. “Aportación Norteamericana a la historiografía de la Revolución Mexicana”. *Historia Mexicana*, Vol. 10, Nº2, 1960, p.284.

⁵⁰ CAMÍN, H. A. e MEYER, L. Obra citada. p. 213.

⁵¹ CAMÍN, H. A. “Ovación, denostación y prólogo”. *Interpretaciones de la revolución mexicana.*, México – DF, Nueva Imagen, Universidad Autónoma de México, 1979. p.15. Podemos citar como exemplo as reflexões de Jesus Silva Herzog deste período, que expressam a crença em uma revolução verdadeiramente agrarista e proletária. Neste sentido, o período Cárdenas é considerado por Herzog um dos períodos mais heróicos da Revolução. Alguns de seus ensaios do período estão presentes em: HERZOG, Jesús Silva. *Trayectoria*

A despeito das narrativas nacionalistas e da imagem mítica que conferiram a Cárdenas a figura de herói que enfrentara “los gringos”, a historiografia tem se esforçado, em especial desde os anos 1960, para produzir uma reinterpretação crítica do cardenismo. Tais reinterpretações, que culminaram no revisionismo da Revolução Mexicana⁵², serão aqui o principal contraponto historiográfico à reflexão ora proposta – destacadamente a obra de Arnaldo Córdova. É preciso esclarecer que se trata de um debate relativamente atual. Não é meu objetivo cobrar aos pioneiros da historiografia do tema as críticas posteriores aos anos 70, mas refletir sobre quais limitações foram impostas às interpretações da história ibero-americana recente pela abordagem do populismo. Tampouco as críticas apresentadas implicam desmerecimento das obras e dos autores aqui elencados, aliás, pelo contrário, elas demonstram a importância dos mesmos na medida em que seus textos continuam sendo objeto de reflexão após décadas de debate, tanto pela importância historiográfica quanto política destes escritos.

A grande quantidade de obras sobre Cárdenas contrasta com o escasso interesse dos historiadores sobre o discurso político do cardenismo, principalmente no que se refere ao entendimento das especificidades de sua leitura da Revolução.⁵³ A maior parte dos estudos

ideológica de la Revolución Mexicana y otros ensayos, México – DF, Biblioteca Jovem – Colegio Nacional, 1994.

⁵² Corrente historiográfica que, reagindo às interpretações ortodoxas da Revolução Mexicana, enfatizou o caráter autocrático e antipopular do Estado revolucionário. KNIGHT, Alan. “Cardenismo: Juggernaut or Jalopy?”. Obra citada, p.74. “Revisionismo” não é um termo meramente descritivo: muitos autores recentes que repensaram as abordagens sobre o tema não aceitam ser enquadrados como revisionistas. Segundo Luis Barrón, Alan Knight, por exemplo, avalia sua obra como anti-revisionista. BARRÓN, Luis. *Historias de la Revolución mexicana – herramientas para la historia*, México, FCE, 2004, p.38.

⁵³ De acordo com Luis Gonzáles o período Cárdenas é o mais abordado da Revolução Mexicana. GONZÁLEZ, Luis. *Los días del presidente Cárdenas - Historia de la Revolución mexicana*, México, El Colegio de México, 1979. p.3. No que se refere à historiadores brasileiros que trataram o tema, já é possível perceber um número crescente de abordagens que têm por objeto diferentes discursos e representações da Revolução Mexicana, com destaque para as obras de Carlos A. S. Barbosa (*A fotografia a serviço de Clio – uma interpretação da história visual da Revolução Mexicana*. São Paulo, Unesp, 2006) e Camilo de Mello Vasconcelos (*Imagens da Revolução Mexicana – o Museu Nacional de História do México, 1940-1982*. São Paulo, Alameda, 2007). A respeito do cardenismo, em específico, temos ainda a obra de caráter mais geral de

tende a abordar os posicionamentos do Estado frente à organização das massas para daí retirar questões sobre a ideologia hegemônica do período. Apesar da reiterada afirmação de que o sexênio cardenista deve ser entendido dentro das limitações da Revolução Mexicana⁵⁴, a historiografia do tema dedicou poucos parágrafos para analisar esta relação. Como asseverou Thomas Benjamin em seu balanço bibliográfico sobre a temática⁵⁵, é notória a ausência de um estudo sobre a legitimação ideológica do Estado pós-revolucionário, algo que, segundo ele, daria uma seqüência à obra *La ideología de la Revolución Mexicana: la formación del nuevo régimen* de Arnaldo Córdova⁵⁶ e ao trabalho começado por Guillermo Palacios no ensaio "Calles y la idea oficial de la Revolución Mexicana".⁵⁷

A existência desta lacuna, deve ser pensada no quadro das transformações da historiografia mexicanista. Para um melhor entendimento desta última e tendo em vista as dificuldades de um debate historiográfico mais específico sobre as leituras de Cárdenas sobre a Revolução, acredito que seja necessário indicar os caminhos tomados pelos historiadores do tema para posteriormente aprofundar algumas idéias.

Do discurso do Estado ao Revisionismo

Ival de Assis Cripta (*O Vento das Reformas: Lázaro Cárdenas e a Revolução Mexicana*. São Paulo, Dissertação de Mestrado em História Social - Universidade de São Paulo, 2000).

⁵⁴ Tal como afirmaram Arnaldo Córdova e Fernando Benítez, respectivamente: "Desde cualquier ángulo que le vea, Cárdenas es una criatura de la Revolución Mexicana, ideológica y políticamente"; "Cárdenas no logrará ser entendido fuera del marco de la Revolución Mexicana.". CORDOVA, Arnaldo. *La política de las masas del cardenismo*. Obra citada. p.201. BENÍTEZ, Fernando. Obra citada. p.08.

⁵⁵ BENJAMIN, Thomas. "The Leviathan on the Zocalo: Recent Historiography of the Postrevolutionary Mexican State", *Latin American Research Review*, Vol. 20, Nº3, 1985, pp.195-217. p.215.

⁵⁶ CORDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana*, Obra citada.

⁵⁷ PALACIOS, Guillermo. "Calles y la idea oficial de la Revolución Mexicana", *Historia Mexicana*, 1973.

A historiografia sobre o tema foi marcada tanto pelas tensões existentes entre as interpretações do Estado e as de seus opositores quanto pelo aspecto multifacetado do cardenismo. Seu discurso inflamado suscitou variadas interpretações já na época e muitas destas foram retomadas pela historiografia.⁵⁸ Tanto os debates da época quanto os atuais deram-se em torno da questão “continuidade x ruptura”. No discurso do Estado, Cárdenas representava a continuidade da Revolução⁵⁹, frente aos críticos conservadores que o acusaram de ser um desvio comunista do processo revolucionário.⁶⁰ Curiosamente, como asseverou Fernando Benítez, parte da historiografia das últimas décadas acusou-o de não ser comunista.⁶¹

Com o fim do período Cárdenas, na década de 40, tanto por uma maior academização da história, quanto pela maior estabilidade do contexto político mexicano, a Revolução e o sexênio cardenista passaram a ser estudados num âmbito político e social mais geral⁶² – suplantando o discurso hegemônico do Estado.⁶³ Contribuiu para isso, alguns anos depois, o advento da Revolução Cubana, que colocou a mexicana em uma outra perspectiva: a da revolução socialista-marxista. O crescente interesse dos historiadores pela

⁵⁸ KNIGHT, Alan. “Cardenismo: Juggernaut or Jalopy?” *Journal of Latin American Studies*, Vol. 26, Nº1, 1994, pp.73-107

⁵⁹ Tal como afirmou Alan Knight, esta prática foi adotada também pelas administrações posteriores. “The official PRIísta view (for what it is worth) accommodates Cárdenas within the teleological progress of the Mexican Revolution: it stresses continuity and the cumulative contribution of successive administrations to the onward march of the Mexican Revolution.” Idem. p.74.

⁶⁰ Tais acusações foram formuladas não apenas por setores mais conservadores ligados à aristocracia porfirista ou grupos religiosos, mas também por alguns dos principais nomes da velha guarda revolucionária, como Luis Cabrera, que escrevera a respeito do cardenismo sua obra “Un ensayo comunista en México” (México – DF, Pólis, 1937). Esta acusação foi retomada diversas vezes em obras e panfletos dos mais variados como os de Gustavo Anda (*El cardenismo: desviación totalitaria de la Revolución Mexicana*. México – DF, editor Gustavo de Anda, 1974) e Salvador Abascal (*Lázaro Cárdenas Comunista*. México – DF, Tradición, 1988).

⁶¹ BENÍTEZ, Fernando. Obra citada. p.13.

⁶² MERCHANT, Luis Anaya. “La construcción de la memoria y la revisión de la Revolución”. *Historia Mexicana*. Vol.44, Nº4, 1995. pp.525-536. p.527.

⁶³ Temática trabalhada em: KNIGHT, Alan. “The Mexican Revolution: Bourgeois? Nationalist? Or just a ‘Great Rebellion?’” *Bulletin of Latin American Research*. Vol. 4, Nº2, 1985. pp.1-37. e MERCHANT, Luis Anaya. Obra citada.

Revolução na década de 1960⁶⁴ não foi acompanhado de estudos específicos sobre Cárdenas até a sua morte em 1970.⁶⁵

Fortaleceu-se, paralelamente, um período de reavaliação do discurso oficial da Revolução para o qual contribuiu o Massacre de Tlatelolco em 1968⁶⁶, pois após a repressão e o assassinato dos estudantes, centros universitários como a UNAM se converteram em espaços privilegiados de resistência ao Regime do PRI.⁶⁷ O chamado revisionismo da revolução mexicana opôs-se à idéia de continuidade revolucionária, repensou as bases sociais da insurreição e chegou, inclusive, a contestar seu caráter revolucionário.⁶⁸ Isso permitiu que os historiadores dissociassem com mais liberdade os diferentes períodos pós-revolucionários, pois já não se tratava mais de um mesmo e uno processo – a Revolução –, o que possibilitou estudos mais aprofundados sobre o cardenismo.

⁶⁴ MERCHANT, Luis Anaya. Obra citada. p.529. No que concerne ao desenvolvimento da estrutura acadêmica, David C. Bailey afirmou: “Revolutionary investigation received a major impetus in the 1960s with the inauguration of the Centro de Estudios de Historia de Mexico of the Centro de Estudios de Historia México at the Fundación Cultural de Condumex in Mexico City.” BAILEY, David C. “Revisionism and the Recent Historiography of the Mexican Revolution”. *Hispanic American Historical Review*. Vol. 58, Nº1, 1978. pp.62-79. p.63.

⁶⁵ Talvez uma das causas para esta “lacuna” seja o aspecto personalista atribuído à figura de Cárdenas por seus críticos, que associaram as políticas do general ao caudilhismo criticado pela Revolução Cubana.

⁶⁶ Camín e Meyer tentam demonstrar que a crise iniciada a partir de 1968 foi muito além da repressão ao movimento estudantil. De acordo com os autores: “A partir de 1968 foram-se enfraquecendo um a um os elementos constitutivos do pacto da estabilidade. A rebelião estudantil daquele ano foi a mais famosa, mas não a única rejeição do monólogo institucional das décadas do milagre mexicano. No curso dos anos setenta, surgiu uma dissidência organizada dentro do movimento operário, a Tendência Democrática, que chegou a congregiar amplos contingentes e a se oferecer, em determinado momento, como alternativa à liderança operária tradicional. Desde 1975 o sistema assistiu a uma progressiva rebelião empresarial e à paulatina organização independente de grupos e capitais que, até aquele momento, haviam estado satisfeitos com a simbiose dos anos do milagre e o desenvolvimento estabilizador. O monólogo institucional foi rompido também pela campanha contra a guerrilha movida nos primeiros anos da década de 1970, uma guerra que teve focos insurreccionais no campo e na cidade, fundamentalmente em Guerrero, com os movimentos de Genaro Vásquez e Lucio Cabañas, e na seqüela da repressão de 1968: os grupos urbanos armados cuja ação se associa à Liga 23 de Setembro.” CAMÍN, H. A. e MEYER, L. Obra citada, p.329-30.

⁶⁷ KNIGHT, Alan. “Revisionism and Revolution: Mexico compared to England and France”. *Past and Present*, Nº134, 1992, p.159-199. p.189

⁶⁸ Como é o caso da obra citada de Ramón Eduardo Ruiz.

A despeito das incompatibilidades de tantas produções diferentes sob o mesmo rótulo, tais obras compartilharam não apenas o momento e o lugar de enunciação, apresentando elementos comuns, premissas e questionamentos semelhantes. As indagações desta historiografia deram-se sobretudo a partir da perspectiva das continuidades e dos enfoques locais. São diversos os trabalhos a respeito dos efeitos superficiais da Revolução sobre a estrutura social nas mais variadas regiões do país. Do mesmo modo, buscou-se demonstrar o quanto as decisões políticas desde a luta armada foram marcadas pelo autoritarismo dos líderes e pela manipulação dos exércitos populares.

O discurso, por vezes panfletário ou romântico, da historiografia do tema motivou a radicalização do revisionismo entre os anos 70 e 80, período no qual se enquadra a obra de Ramón Eduardo Ruiz, que nega o status revolucionário à insurreição de princípios do século XX. As interpretações da Revolução parecem ter caminhado paralelamente à situação da esquerda num contexto mais amplo. Assim, da “revolução latente” segundo a interpretação de Adolfo Gilly na década de 60, a insurreição passou a ser apenas uma “grande rebelião”, conforme afirmou Ruiz nos anos 80. Neste caso, destaco a importância de refletir sobre as disputas políticas nas quais se inserem as interpretações historiográficas e nas dinâmicas próprias dos estudos do tema, pois, no caso mexicano, elas estão fortemente ligadas a uma tentativa de deslegitimar o discurso do Estado, sobretudo a partir de 1968.⁶⁹ Se, por um lado, é difícil precisar os limites do revisionismo, por outro é possível perceber facilmente senão sua presença, suas reverberações na historiografia mais recente. Os escritos de Marjorie Becker, a principal autora do tema da última geração, possuem características claramente revisionistas: desde a deslegitimação do Regime a partir

⁶⁹ CAMÍN, H. A. e MEYER, L. Obra citada, p.329-30.

de uma história local à idéia de manipulação política operada pelo discurso presidencial.⁷⁰

As propostas revisionistas, portanto, mantêm-se hegemônicas, tanto nas obras dos novos historiadores, quanto no destaque conferido aos seus pioneiros na academia mexicana.

Nas últimas duas décadas, as influências da nova historiografia têm contribuído para reinterpretções da temática: uma revisão do revisionismo⁷¹. Destacam-se, sobretudo, os estudos da nova história social e cultural, das quais o presente estudo é tributário direto. As discussões sobre a utilidade destes referenciais constituem o principal debate metodológico da historiografia mexicanista na atualidade⁷² e muitas novidades continuaram a ocorrer por meio de enfoques menos abrangentes do período, com a produção de histórias regionais ou de determinados grupos sociais⁷³.

⁷⁰ BECKER, Marjorie. *Setting the Virgin on fire – Lázaro Cárdenas, Michoacán Peasants, and the redemption of the Mexican Revolution*. Berkeley, Universidade da Califórnia, 1995.

⁷¹ Muitos historiadores passaram a abordar esta temática, principalmente a partir dos anos 80. Falcón Vega asseverou já em 1985 que “...se siente ya la necesidad de revisar el revisionismo y de crear una nueva imagen totalizadora que englobe las aportaciones hechas en los últimos años. Seguramente, la nueva síntesis implicará recuperar parte importante del legado de los clásicos”. FALCÓN VEGA, Romana. Obra citada. p.64. Uma das primeiras referências sobre o assunto parece ser BAILEY, David C. “Revisionism and the Recent Historiography of the Mexican Revolution”. Obra citada. Contudo, o debate ganhou novos contornos com outras influências historiográficas. Ver: VANDERWOOD, Paul J. Obra citada. Catherine Héau Lambert e Enrique Rajchenberg também propõem um reexame do revisionismo. De acordo com os autores: “A través de esta diversidad de contextos revolucionarios, la historiografía pudo desbaratar los simplismos dualistas que explicaban la revolución como el enfrentamiento frontal de una clase contra otra mediante la reducción de una variedad de situaciones de clase a proletarias o a burguesas. (...) La tan impugnada bipolaridad clasista devino en la construcción de una bipolaridad culturalista en que se enfrentan dos mundos culturales: el tradicional y el moderno. (...) El revisionismo subvirtió el orden historiográfico de un pasado hecho de héroes y mitos. Los *enfant terribles* de la historia de bronce hicieron su aparición. Mas en la subversión se produjeron, y tal vez se seguirán produciendo al calor de la moda revisionista de la época, no sólo reinterpretaciones, sino muchas veces simples inversiones.” HÉAU LAMBERT, Catherine e RAJCHENBERG, Enrique. “La leyenda negra y la leyenda rosa en la nueva historiografía de la Revolución Mexicana”, *Revista Mexicana de Sociología*, LIV, N°3, 1992. p.187.

⁷² Como demonstra o número especial da *Hispanic American Historical Review: Mexico's New Cultural History: ¿Una lucha libre?* dedicado a este debate (*HAHR*, Vol. 79, N°2, 1999) seguido do artigo de Alan Knight que avalia esta discussão: “Subalterns, Signifiers, and Statistics: Perspectives on Mexican Historiography”, *Latin American Research Review*, Vol. 37, N°2, 2002.

⁷³ Mark Gilderhus e Falcón Vega abordam o fato de que a maioria dos novos trabalhos enfoca “microcosmos”; questões regionais e também de gênero, relações diplomáticas e política informal. Ninguém mais trata de uma revolução geral, mas de múltiplas revoluções, “cada una con sus diferentes raíces, protagonistas, ideales, alcances y enemigos”. FALCÓN VEGA, Romana. Obra citada. p.363. e GILDERHUS, Mark T. “Many Mexicos: Tradition and innovation in the recent Historiography”. *Latin American Research Review*, Vol. 22, N°1, 1987. pp.204-213. p.205. Linda Hall, porém, acrescenta: “Indeed, all these studies lead to approximately the same conclusion. The Mexican Revolution, begun for a variety of motives of which the

Novas abordagens e debates historiográficos, como os produzidos por Alan Knight, têm permitido há algum tempo reflexões originais sobre a historiografia da Revolução⁷⁴. Do mesmo modo, outros historiadores, desde o início do revisionismo, têm dado ênfase à descontinuidade, ao radicalismo e à especificidade da Revolução. Neste aspecto, pode-se destacar as obras de Nora Hamilton, Knight e, em certa medida, do próprio Gilly.⁷⁵ A busca de retomar uma síntese da Revolução implica, segundo autores como Romana Falcón Vega, recuperar parte do legado dos clássicos negados pelo revisionismo, pois, para pensar o conjunto do processo revolucionário, a ênfase estaria novamente sobre as rupturas em relação ao Porfiriato e na aproximação entre as diferentes regiões.⁷⁶ Este movimento resulta em uma crítica ao revisionismo, até então hegemônico. As novas abordagens da história local, articuladas com sínteses do período, tem sido um dos caminhos para que a historiografia do tema abandone os outrora marcantes modelos superesquemáticos e busque outras reflexões acerca da produção de um saber histórico mais crítico a este respeito⁷⁷.

Revisionismo e cardenismo

most compelling for the masses was agrarian reform, had led ultimately to the reinstitution of a strong central state.” HALL, Linda. “The Mexican Revolution and its Aftermath: Perspectives from Regional Studies”, *Mexican Studies / Estudios Mexicanos*, Vol. 3, Nº2, 1987, pp.413-420, p.419.

⁷⁴ Paul Vanderwood afirma: “Because of his [Knight] research and analysis, no student of the revolution should ever again feel comfortable referring to its participants as simply ‘the masses’.” VANDERWOOD, Paul J. Obra citada. p.162.

⁷⁵ HAMILTON, Nora. *The Limits of State Autonomy – Post-revolutionary Mexico*. Princeton, Princeton University Press, 1982; KNIGHT, Alan. Obras citadas.

⁷⁶ FALCÓN VEGA, Romana. Obra citada. p.364.

⁷⁷ Alguns historiadores têm criticado o pequeno número de sínteses sobre a Revolução, o que denota, segundo eles, as dificuldades encontradas em articular os estudos regionais com reflexões mais amplas sobre o assunto. Ver: HART, John M, “Historiographical dynamics of the Mexican Revolution”, *Latin American Research Review*, Vol.19, Nº3, 1984, pp.223-231, e VANDERWOOD, Paul J. Obra citada.

Em muitas das interpretações acerca do período Cárdenas, o Estado foi reafirmado como ator exclusivo do teatro político frente a uma melancólica platéia. Nestas narrativas, noções como massa e populismo colaboraram para descaracterizar diferentes grupos, movimentos, governos, regimes e estados em diversas épocas. Foi, em especial, a idéia de manipulação política, inerente ao próprio conceito de massa, que permitiu aos autores concluir tanto sobre os aspectos populistas do Estado do pós-revolução quanto rejeitar, muitas vezes, um status político para os excluídos do aparelho estatal. A vertente mexicanista dessa historiografia, contemporânea do Massacre de Tlatelolco, militava contra o autoritarismo do Estado mexicano e, na busca das raízes das limitações da democracia do país, encontrou-as na Revolução Mexicana, o que, por sua vez, originou o revisionismo do processo revolucionário.

Alan Knight afirmou a existência de dois tipos básicos de interpretação revisionista.⁷⁸ De acordo com o historiador, o primeiro tipo, inclinado para um ponto de vista “frouxamente marxista”, concebe a Revolução e o estado pós-revolucionário, como um instrumento do desenvolvimento capitalista e da acumulação de capital. Desde a derrota dos limitados movimentos populares de 1910-15, a Revolução teria representado sucessivamente os interesses da burguesia. Segundo esta abordagem, as políticas sociais da Revolução serviram para cooptar os movimentos populares, promover a vantagem do capital no mercado interno e subordinar as massas ao Estado: trata-se, nesta interpretação, de uma revolução burguesa.

A segunda variante da tese de continuidade revisionista destacada por Knight, a chamada abordagem *estatista*, concede uma autonomia considerável ao Estado e,

⁷⁸KNIGHT, Alan. “Cardenismo: Juggernaut or Jalopy?” *Journal of Latin American Studies*, Vol. 26, N°1, 1994, pp.73-107. p.74.

conseqüentemente, tende a introduzir conceitos problemáticos como “bonapartismo” e “populismo”.⁷⁹ Segundo o autor, neste debate enquadra-se Arnaldo Córdova, seu maior ícone, cuja abordagem marxista enfatiza o fortalecimento do Estado. Tal abordagem desenvolve-se ao longo de suas obras *La ideología de la Revolución Mexicana* e *La política de masas del cardenismo*.⁸⁰ De acordo com essa variante revisionista, a chave para a compreensão da formação do estado revolucionário reside na continuada manipulação das massas, o que Córdova denomina como a “*política de las masas*”. Para o autor, tal política organizou trabalhadores e camponeses em grupos isolados para influenciar a política, mas também para serem dependentes do estado nacional paternalista.⁸¹ Segundo essa interpretação, a Revolução atuou para a subordinação das classes populares ao poderoso estado revolucionário.⁸²

Um ponto comum às interpretações revisionistas está no fato de que, para traçar continuidades entre callismo e cardenismo, pouco destaque foi dado ao radical discurso do segundo. Este último, quando levado em consideração, foi rotulado como demagógico ou populista. O discurso foi apartado da realidade que o formulou, ou melhor, foi entendido como sua negação, uma mentira a ser desvelada rumo aos reais interesses políticos. O processo histórico foi reduzido aos seus “reais interesses de classe”, classificando idéias,

⁷⁹ Tal como afirma Alan Knight: “Here, the catch-all concept of ‘populism’ – which tends to lump Cárdenas with Vargas, Perón, and others – may be more trouble than it is worth”. KNIGHT, Alan. “Cardenismo: Juggernaut or Jalopy?”. Obra citada. p.82.

⁸⁰ *La política de masas del cardenismo*. México, Era, 1974 e *La ideología de la Revolución Mexicana – la formación del nuevo régimen*. México, Era, 1973. Destacarei deste ponto em diante a abordagem de Córdova devido à sua importância e efeitos na historiografia do tema. As explicações sobre o populismo latino-americano que incluíram Cárdenas ao lado de Vargas e Perón parecem-me compartilhar as premissas estabelecidas pela obra do sociólogo mexicano.

⁸¹ CORDOVA, Arnaldo. *La política de las masas del cardenismo*. Obra citada. p.58.

⁸² Outros autores radicalizaram ainda mais essa corrente historiográfica. A importante interpretação de Alicia Hernández Chávez, por exemplo, chega a negar por completo a pressão exercida pelos camponeses sobre o governo. CHÁVEZ, Alicia H. *La mecánica cardenista – Historia de la Revolución Mexicana Vol 16*. México – DF, El Colegio de México, 1979. Sobre o tema ver: BENJAMIN, Thomas. “The Leviathan on the Zocalo: Recent Historiography of the Postrevolutionary Mexican State”, *Latin American Research Review*, Vol. 20, Nº3, 1985, pp.195-217

instituições, grupos sociais simplesmente enquanto burgueses ou socialistas - como se estes rótulos pudessem descrever os grupos sociais ou as instituições assim adjetivadas.⁸³

Teses similares à de Córdova foram desenvolvidas por outros autores, entre eles o sociólogo brasileiro Octávio Ianni, com destaque para *A formação do estado populista na América Latina* e *O estado capitalista na época de Cárdenas*⁸⁴. Ianni, entretanto, pouco utiliza a noção “*política de las masas*” nestes termos, em detrimento do uso destacado do agora problemático e, mais do que nunca, inchado conceito de populismo. Apesar destas variações e consciente dos riscos da generalização, tal corrente de interpretação será aqui abordada, resumidamente, por meio da obra de Córdova, seu principal expoente mexicano.

Trata-se, principalmente na interpretação de Córdova, de um Estado dependente que busca modernizar-se, cuja população manipulada não teve condições políticas de produzir uma verdadeira revolução social e permaneceu sob a tutela do Estado.⁸⁵ É significativo, ainda, o fato de que os autores que trabalham com a noção de “massa” argumentem que os camponeses não poderiam participar das disputas pelo poder, constituir um programa ou fornecer alguma resistência ao Regime, pois parte desta conclusão já está dada no próprio

⁸³ Knight problematiza esta prática e demonstra as falsas soluções que tais autores encontram para adaptar seus modelos superesquemáticos ao contexto mexicano: “Any such exercise, however, runs a risk which a good many recent Marxist / marxisant analyses – not just those of the Mexican Revolution – have incurred; a descent into some sort of Marxist functionalism. (...) Administrations are mechanically reduced to classes or class fractions; shifts in the superstructure are attributed profound seismic motions below.” KNIGHT, Alan. “The Mexican Revolution: Bourgeois? Nationalist? Or just a ‘Great Rebellion?’”, obra citada. p.04. Por meio da abordagem das linguagens políticas, tal questionamento também fora aprofundado nas reflexões de Paltí: “De allí que, en los marcos de este tipo de aproximaciones, el trazado de las conexiones entre ‘textos’ y ‘contextos’ genere de modo inevitable una circularidad lógica; los puntos de vista relativos a sus relaciones no son realmente (y nunca pueden ser, dada la naturaleza de los objetos con que trata) los resultados de la investigación empírica, sino que constituyen sus premissas (las que son subsecuentemente proyectadas como conclusiones de ella).” PALTÍ, Elías. *El tiempo de la política*, obra citada. p.55.

⁸⁴ *A formação do estado populista na América Latina*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975 e *El estado capitalista en la época de Cárdenas*. México, Ediciones Era, 1977.

⁸⁵ Neste ponto, pode-se perguntar se tal explicação não está também baseada em um modelo político criado para a América Latina, no qual sua instabilidade é pensada apenas como fruto de sua miséria e, portanto, no mito liberal de que as massas latino-americanas não estão preparadas para participar das decisões políticas.

conceito de “massa”. Os usos desta noção são centrais nas narrativas destes historiadores, e expressam, em certa medida, quais as possibilidades de conclusão da Revolução em suas interpretações. Sujeitos anômicos, tentáculos da vontade senhorial, não poderiam rebelar-se a não ser por condições miseráveis de vida, tendo constituído, nestas interpretações, lutas incompletas e, quando muito, utópicas.

De acordo com o autor, a manipulação das massas consolidou-se por meio de um reformismo social que servia “*únicamente para movilizar a las masas trabajadoras*”⁸⁶. Do mesmo modo, Córdova afirma sobre as políticas sociais de Cárdenas: “*Por supuesto que operó a favor de las masas; pero Cárdenas siempre encontró en él un arma formidable para disolver las resistencias en contra de su política...*”⁸⁷.

Essa interpretação, além de correr o risco de tornar camponeses e operários seres totalmente ingênuos, atribui ao Estado qualidades morais que lhe são intrínsecas. Quais os instrumentos de que o autor dispõe para afirmar, por exemplo, que a reforma agrária tinha como *única causa e propósito* a manipulação dos camponeses?

La reforma agraria, particularmente, se había convertido en un *simple instrumento de manipulación de las masas campesinas*, mediante limitados repartos agrarios, muchas veces sólo de terrenos nacionales, que de ningún modo habían contribuido a transformar las relaciones de propiedad en contra de las cuales se había llevado a cabo el movimiento revolucionario.⁸⁸ [Grifo meu]

⁸⁶ CÓRDOVA, Arnaldo. “México, Revolución Burguesa e política de masas”, *Interpretaciones de la revolución mexicana*. México, Nueva Imagen, UNAM, 1979. pp. 21-53.

⁸⁷ CÓRDOVA, Arnaldo. *La política de las masas del cardenismo*. Obra citada. p.58.

⁸⁸ Idem. p.14.

Ao formular este tipo de interpretação, Córdova, assim como os estudiosos que utilizam o conceito de populismo da mesma maneira, correm o risco de expressar preconceitos políticos sob o manto de uma suposta neutralidade científica. Quando afirma, por exemplo, citando um discurso presidencial, que Cárdenas estava convencido que suas reformas eram o melhor remédio contra a que ele considerava “a pior das violências: a violência revolucionária das massas”⁸⁹, Córdova não leva em consideração as implicações de tratar-se de um discurso dirigido a empresários e no qual Cárdenas se coloca ameaçadoramente como participante e herdeiro da luta armada. Ora, em uma série de disputas com as elites locais, Cárdenas utiliza o passado revolucionário como ameaça, mas apenas para este público específico:

Como se ve, la interpretación revolucionaria respeta en integridad el texto y el espíritu de la Constitución, mientras que la interpretación patronal, de admitirse, dejaría sin vigencia un precepto avanzado. (...) Es cierto que un movimiento de violencia que desquiciara el orden establecido sería funesto. Precisamente porque conozco, como revolucionario, en qué circunstancias se incuban las explosiones del sentimiento popular, recomiendo que la clase patronal cumpla de buena fe con la ley, cese de intervenir en la organización sindical de los trabajadores y dé a éstos el bienestar económico a que tienen derecho dentro de las máximas posibilidades de las empresas; porque la opresión, la tiranía industrial, las necesidades insatisfechas y las rebeldías mal encauzadas, son los explosivos que en un momento dado podrían determinar la perturbación violenta tan temida por ustedes.⁹⁰

⁸⁹ Idem. p.193.

⁹⁰ CÁRDENAS, Lázaro. *Palabras y documentos públicos*. México, Siglo XXI, 1978. Vol. I. p.116. “Respuesta del Presidente de la República al sector patronal sobre la situación económica del país. México – DF, 14 de marzo de 1936.” pp. 200-206.

Ao expor o atraso político de um povo na infância, interpretações desse tipo talvez demonstrem, por um lado, uma visão politicamente paternalista enquanto, por outro, buscam expressar o aspecto que consideram “tardio” da história deste que é, ainda aqui, um Novo Mundo. Ao contrário do que já teria acontecido na Europa, os trabalhadores latino-americanos ainda não teriam podido desenvolver uma verdadeira consciência de classe, e, portanto, não poderiam ter participação política consciente nem poderiam produzir transformações políticas legítimas rumo ao único caminho que a história supostamente poderia seguir.⁹¹

Com base nas críticas da historiografia mais recente, as interpretações do populismo mexicano têm sido questionadas. Inicialmente, aqueles autores, ao atribuírem a mesma força e autoritarismo do Estado mexicano dos anos 1960 ao dos anos 1930, incorreram em uma teleologia, na medida em que foram ignoradas as fortes oposições ao cardenismo e o esforço do próprio general em suas justificativas, assim como seus fracassos, mudanças e continuidades políticas. Do mesmo modo, os efeitos da pressão exercida por camponeses e operários antes e depois da eleição de Cárdenas, e nos próprios rumos de seu governo, tampouco foram objeto de reflexão desta abordagem, que Alan Knight denominou de *estatista*. Finalmente, a idéia de um populismo generalizado pela Ibero-América contribuiu para descartar a especificidade e a complexidade das relações políticas durante o cardenismo em detrimento de um modelo teórico vago que abarcasse qualquer governo entre o Rio Grande e a Patagônia.

⁹¹ A respeito da idealização da composição política de partidos e lutas sociais na Europa a partir da discussão acerca do populismo, Knight afirmou: “A second problem concerns the class nature of populist coalitions and regimes. The common argument is that these are ‘multiclass’; they do not conform to the (European?) model of single-class parties; hence they are (in characteristic Latin American fashion?) fickle, shifting, *ad hoc*, dependent on the arbitrary will of the *caudillo*. This argument (or prejudice) is a familiar variant of a broader tendency, whereby Latin American phenomena – parties, regimes, unions, revolutions – suffer by comparison with mythical European standard”. KNIGHT, Alan. “Populism and Neo-Populism in Latin-America, Especially Mexico”. *Journal of Latin-American Studies*, Vol. 30, N°2, Maio de 1998. pp.223-248.

Como outrora afirmou Angela de Castro Gomes para o caso brasileiro, o populismo passou de pedra a vidraça.⁹² Mais de quarenta anos depois de seu emprego inicial pela historiografia mexicanista, pode-se afirmar que se trata, mais do que nunca, de uma noção com definições imprecisas e ambíguas, muitas vezes com modelos confusos e contraditórios.⁹³ O conceito foi flexionado para enquadrar realidades tão díspares que talvez não permita pensar nas especificidades dos processos históricos.⁹⁴ Tais interpretações aplicadas ao cardenismo, como o fez Arnaldo Córdova, além de tornar camponeses seres totalmente ingênuos e apolíticos, conferem ao Estado mexicano aspectos a-históricos por um lado e de difícil demonstração por outro; como sua suposta natureza manipuladora e

⁹² GOMES, Angela de Castro. “O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito”. FERREIRA, Jorge. (Org) *O populismo e sua história*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001. p.43.

⁹³ Para um interessante debate sobre o tema ver: FERREIRA, Jorge. (Org) Obra citada; ROXBOROUGH, Ian. “Unity and diversity in Latin-American history”, *Journal of Latin American Studies*. Vol. 16, Nº1, 1984, pp.1-26; e DE LA TORRE, Carlos. “The ambiguous meanings of Latin-American populisms”, *Social Research*, Vol. 59, Nº2, 1992. pp.385-414.

⁹⁴ Populismo é um conceito que insiste em não desaparecer do debate acadêmico e político na América Latina. A despeito de todos os usos anteriores, autores como Alan Knight consideram que tal noção poderia ser ainda útil se repensada e utilizada enquanto descrição de um *estilo* político a partir da própria origem do termo “popular”. É preciso considerar que Knight não vê problemas em reatualizar o conceito desta maneira, por considerar que o preconceito ou o caráter pejorativo que lhe tem sido dado não é tão forte e pode ser superado – o que, ao menos da perspectiva do debate político no Brasil parece pouco provável. De acordo com o autor: “Defining populism in terms of style has the virtue of flexibility and – perhaps more important – historical fidelity. That is, it seems to correspond to the historical record in a way that other – often more precise theories/models – fail to do. And it is surely preferable to have a rule-of-thumb which works than a high-falutin theory which defies reality”. Ou seja, com base nesta definição, o populismo deixaria de ser uma fenômeno sobretudo latino-americano. A partir desta atualização, Knight propõe sua lista com representantes das lideranças populistas e seus pares não-populistas: “Juan Alvarez / Lucas Alamán; Álvaro Obregón / Pascual Ortiz Rubio; Lázaro Cárdenas / Abelardo Rodríguez; Luis Echeverría / Gustavo Díaz Ordaz; Carlos Salinas / Miguel de la Madrid; José Artigas / Bernardino Rivadavia; Juan Perón / Raúl Alfonsín; Carlos Saúl Menem / Domingo Cavallo; Getulio Vargas / Eurico Dutra; Arturo Alessandri (1920-4)/ Arturo Alessandri (1932-8); Fidel Castro / Fulgencio Batista (1952-8); **Adolf Hitler** / Franz Von Papen; **Mahatma Gandhi** / Muhammad Ali Jinnah; **Margareth Thatcher** / Edwar Heath; Aneurin Bevan / **Sidney Webb**; Huey Long/ Henry Cabot Lodge; FDR/Calvin Coolidge” (Grifos meus). Na proposta de Knight, o populismo seria um estilo de política de forte apelo popular, porém sem as características necessariamente negativas dos seus usos comuns: “While populism is associated with mobilisation, it does not follow that that mobilisation is any more ‘irrational’, ‘emotive’, or deserving of psychological explanations than non-populist mobilisations”. KNIGHT, Alan. “Populism and Neo-Populism in Latin-America, Especially Mexico”. Obra citada. p.227, p.233 e ss.

demagógica.⁹⁵ Deste modo, a despeito dos diferentes usos do conceito, a bibliografia do tema talvez sugira, todavia, um elemento comum: o tom pejorativo sobre uma suposta relação endêmica entre o popular e o político na América, assim como as ausências de sua história, frente ao curso “normal” das democracias ocidentais e a consciência política de seus trabalhadores. Neste sentido, muitos autores, tais como nossos caudilhos, miram-se na Europa e ignoram a possibilidade de repensar as dinâmicas próprias dos diferentes processos políticos ibero-americanos.

Alguns historiadores, por outro lado, deram ênfase à descontinuidade, ao radicalismo e à especificidade do cardenismo. Neste aspecto, pode-se destacar as obras de Adolfo Gilly, Fernando Benítez, Nora Hamilton, Tzvi Medin e, em certa medida, Alan Knight.⁹⁶ Gilly, Benítez e Medin postulam que o cardenismo foi a negação do callismo⁹⁷: para Gilly, por exemplo, Cárdenas representa o retorno da Revolução Mexicana que teria sido interrompida em 1920.⁹⁸ Nestas obras, em oposição à postulação hegemônica do revisionismo, o discurso de Cárdenas representa em grande medida a transparência de sua

⁹⁵ Uma citação de Pocock retirada da obra de Elías Paltí permite melhor fundamentar a crítica a esta metodologia histórica: ‘El eslogan – dice Pocock – de que las ideas deberían estudiarse en su contexto social y político corre, para mí, el riesgo de convertirse en pura palabrería. La mayoría de los que lo pronuncian suponen, a menudo inconscientemente, que ellos ya saben cuál es la relación entre las ideas y la realidad social. *Comúnmente toma forma de la teoría cruda de la correspondencia: se supone que las ideas en estudio son característica de aquella facción, clase o grupo al que su autor pertenecía, y se explica cómo tales ideas expresan los intereses, esperanzas, miedos o racionalizaciones típicas de ese grupo.* El peligro aquí es el de argumentar en círculos.’ (Grifos meus). PALTÍ, Elías José. *El tiempo de la política – el siglo XIX reconsiderado*. Obra citada. p.43.

⁹⁶ GILLY, Adolfo. Obra citada; BENÍTEZ, Fernando. Obra citada; MEDIN, Tzvi. *Ideología y praxis política de Lázaro Cárdenas*. México, Siglo XXI, 1972; HAMILTON, Nora. *The Limits of State Autonomy – Post-revolutionary Mexico*. Princeton, Princeton University Press, 1982; KNIGHT, Alan. “Cardenismo: Juggernaut or Jalopy?”. Obra citada.

⁹⁷ Algumas vezes a apologia à Cárdenas ganhou demasiada ênfase: Benítez chega a compará-lo com o deus maia Quetzalcoatl. BENÍTEZ, Fernando. Obra citada. p.12.

⁹⁸ O trotskista Adolfo Gilly argumenta em sua obra citada que a Revolução Mexicana, aprofundada pelas pouco organizadas massas mexicanas, foi iniciada e terminada com a ascensão da burguesia ao poder. Segundo o autor, a Revolução terminou em 1920 com o fim das lutas armadas, retornou com a radical administração Cárdenas e ainda voltará para concluir sua transição rumo ao socialismo.

política revolucionária.⁹⁹ Assim, a retórica cardenista também não foi entendida como parte da realidade por estes autores, mas como sendo “a” realidade. Medin afirma:

...hubo un período en que la Revolución pareció convertirse en un proceso de realización verdadera, bajando de los cielos mitológicos a los cuales la elevaron las odas retóricas, para convertirse simplemente en el mejoramiento de las condiciones de vida del campesino, del indio, del obrero. Ése fue el período presidencial de Lázaro Cárdenas...¹⁰⁰

Trata-se, nestas interpretações, da “Revolução” e não de uma determinada leitura deste passado promovida por Cárdenas. A Revolução que retorna é a mesma de duas décadas antes, sendo, em certo sentido, autônoma. Deste modo, como afirmou Benítez, o general michoacano foi “um presidente empenhado em borrar la desigualdad mexicana mediante una audaz reforma agraria y una política obrera que hizo de los trabajadores la punta de lanza de la *Revolución triunfante*”.¹⁰¹

As interpretações de Hamilton e Knight são mais complexas.¹⁰² Os estudos de Alan Knight e Nora Hamilton propõem a análise sobre o cardenismo e a formação do Estado mexicano, rejeitando também a interpretação de que Cárdenas manteve apenas com mais visão o desenvolvimento capitalista no México.¹⁰³ Alan Knight foi um dos principais críticos da idéia revisionista de manipulação popular, situada em diversas características do

⁹⁹ A abordagem um tanto apologética de tais interpretações não impede, contudo, que os autores atribuam algumas deficiências ao “socialismo cardenista”, traço comum aos historiadores marxistas do tema.

¹⁰⁰ MEDÍN, Obra citada. p.05.

¹⁰¹ BENÍTEZ, Fernando. Obra citada. p.13. (Grifo meu).

¹⁰² KNIGHT, Alan. “Cardenismo: Juggernaut or Jalopy?”. Obra citada. p.79

¹⁰³ HAMILTON, Nora. *The Limits of State Autonomy – Post-revolutionary Mexico*. Princeton, Princeton University Press, 1982 p.139-40. Para um debate mais atual, ver: BANTJES, Adrian. *As if Jesus walked on Earth – Cardenismo, Sonora, and the Mexican Revolution*. Scholarly Resources, 1998. BECKER, Marjorie. *Setting the Virgin on fire – Lázaro Cárdenas, Michoacán Peasants, and the redemption of the Mexican Revolution*. Berkeley, Universidade da Califórnia, 1995.

novo regime. Uma delas é a que afirma que a reforma agrária foi apenas um instrumento de manipulação do poder central, como se os camponeses fossem totalmente ingênuos. Segundo Knight, a reforma também era uma luta popular, ainda que não consensual – como todas as outras lutas populares.¹⁰⁴ Do mesmo modo, o autor também criticou a idéia de “manipulação cultural”, pois, de acordo com ele:

...anticlericalism and socialist education exerted a genuine appeal and were not simply ‘top-down’ impositions on a reluctant, God-fearing people. The Mexican people – like the Mexican elite – were divided; they responded differently to these new messages and opportunities, and they did so as positive actors, not mere recipients or victims of ‘top-down’ manipulation.¹⁰⁵

Para Knight, o cardenismo foi um movimento com uma proposta genuinamente radical e com suporte popular e, por isso, teria enfrentado severas e limitantes resistências, demonstrando, inclusive, que o Estado era menos capaz do que em geral se supôs: “*it was more jalopy than juggernaut*”.¹⁰⁶ De acordo com o autor, o cardenismo foi muito mais frágil do que seus defensores e críticos consideraram, tanto para realizar as reformas planejadas quanto para o “autoritarismo” do qual foi acusado. Deste modo, para Knight, a prática política foi mais limitada que o discurso de Cárdenas.

Nora Hamilton, por sua vez, afirma que durante os anos 1930, a retórica revolucionária teria sido reforçada por influências ideológicas internacionais do período e

¹⁰⁴ KNIGHT, Alan. “Land and Society in Revolutionary Mexico: The Destruction of the Great Haciendas”, *Mexican Studies / Estudios Mexicanos*, Vol.7, Nº1, 1991, pp.73-104. p.80 e ss.

¹⁰⁵ KNIGHT, Alan. “Popular Culture and the Revolutionary State in Mexico, 1910-1940”, *Hispanic American Historical Review*, Vol.74, Nº3. 1994, pp.393-444. p.426.

¹⁰⁶ KNIGHT, Alan. “Cardenismo: Juggernaut or Jalopy?”. Obra citada. p.79

por uma certa confusão relativa ao significado de socialismo, que foi evocado freqüentemente para descrever uma forma de estado do bem-estar social.¹⁰⁷ Contudo, segundo a interpretação da autora, essa “confusão” não implica um disfarce para o fortalecimento do estado capitalista, como fizeram os revisionistas. Ainda que muitas das políticas do governo de Cárdenas tenham tido como efeito de longo prazo facilitar as condições do desenvolvimento capitalista, as metas procuradas por sua administração eram bem mais complexas. Segundo Nora Hamilton, Cárdenas implantou uma série de políticas não capitalistas e "quase-socialistas" (se foram bem-sucedidas ou não é uma outra questão).¹⁰⁸ Hamilton, assim como Knight, tenta conjugar as políticas de Cárdenas dentro do marco da Constituição de 1917, com um discurso influenciado pela retórica do período, ainda que sem se aproximar do debate sobre a leitura da Revolução.

As clássicas interpretações de Hamilton e Knight são importantes para o presente estudo, pois trazem à tona os limites da política de Cárdenas e, são neles, assim como em seus fracassos e transformações, que me parecem residir tanto o equívoco das interpretações revisionistas quanto a chave para refletirmos sobre os atores políticos do México dos anos 1930. Ao desconstruir a imagem teleológica do todo-poderoso Estado mexicano, é possível refletir com mais atenção acerca das alterações que as pressões de diferentes grupos políticos promoveram no discurso de Cárdenas.

As citadas contribuições permitem questionar a idéia revisionista de que os discursos apenas representam um instrumento de controle das massas, exemplo de demagogia e negação da realidade do período – algumas vezes modelo do populismo, em

¹⁰⁷ HAMILTON, Nora. Obra citada. p.134.

¹⁰⁸ Idem. p.140.

outras encarnação de uma utopia.¹⁰⁹ A historiografia recente talvez esteja mais aberta para um estudo que opte pelo caminho proposto por esta pesquisa, apesar das ausências já destacadas. Creio que a ponderação de Alan Knight a seguir permita algumas reflexões neste sentido:

...I am more struck by the genuine radicalism of the Cardenista project. Of course, radicalism may be rhetorical rather than practical; and any analysis which relies overmuch on Cardenista discourse would be abstract and idealist. However, rhetoric is also important in setting the political tone and conveying political messages: to that extent, it deserves consideration along with practical policy.¹¹⁰

Não se trata, neste estudo, de “confiar” no discurso cardenista como portador da verdade e concluir a partir dele o que foi, na realidade, a administração Cárdenas. Tal proposta seria de fato “idealista”. Como o próprio Knight afirma, ainda que a retórica não esteja claramente correlacionada com a prática política, também é importante para esta última. Talvez mais adequado que isso seja afirmar que o discurso político constitui uma prática e é parte essencial da política. Seus significados são, é verdade, múltiplos e emaranhados, com relações nem sempre claramente concatenadas.¹¹¹

¹⁰⁹ A idéia de Cárdenas enquanto utópico é afirmada mais claramente por Benítez (Obra citada, p.13) e Camín (Obra citada, p.177)

¹¹⁰ KNIGHT, Alan. “Cardenismo: Juggernaut or Jalopy?”. Obra citada. p.82; Knight ressalva ainda que o radicalismo deve ser entendido no contexto mexicano.

¹¹¹ Mas nem por isso são necessariamente incompreensíveis, pois o discurso político articula-se dentro de uma lógica própria, e, diferentemente do discurso acadêmico, considera o papel do receptor como aspecto fundante. Ou seja, muitas vezes o discurso linear, acadêmico, não considera o interlocutor, enquanto o político o prioriza e, por isso, subverte a própria “lógica” convencional. Não é “a verdade”, mas a capacidade de “comunicação” a essência do discurso político. Como afirmou Jacques Julliard; “Não se trata mais de saber se a história política pode ser inteligível, mas de saber se, agora, pode existir uma inteligibilidade da história, fora da referência ao universo político.”. JULLIARD, Jacques. “A política”. p.184

No caso do cardenismo, este tipo de dificuldade é acentuada pelas influências da retórica socialista internacional do período. No entanto, optar por comparar o cardenismo com outros discursos que utilizaram a mesma terminologia, como fizeram muitos historiadores,¹¹² pode resultar na conclusão de que as propostas do primeiro foram meramente retóricas, ou simplesmente confusas, já que, como afirmou Marc Bloch, é preciso lembrar que, para a infelicidade dos historiadores, as pessoas não mudam de vocabulário toda vez que mudam suas idéias.¹¹³ Portanto, quando Cárdenas afirma as relações entre a Revolução Mexicana, da qual seu governo faz parte, e a doutrina socialista, seria mais frutífero pensá-las dentro do marco das ideologias fomentadas na própria Revolução e a partir da leitura que o cardenismo produziu desta última.

Inicialmente, é preciso considerar, como faz John Pocock, que as inovações promovidas no discurso político são realizadas em uma linguagem pré-existente, já imbuída de significados históricos, sendo que estes ainda foram e são lidos de maneiras divergentes pelos contemporâneos da enunciação.¹¹⁴ Deste modo, também no caso do processo revolucionário mexicano, quando mudanças na linguagem política pré-existente conseguem ser realizadas, isto não implica que as modificações sejam lidas *necessariamente* da mesma maneira pelos autores de tais transformações e pelo restante da sociedade¹¹⁵. A simplista idéia de manipulação política perde terreno, portanto, na medida em que também conferimos importância às respostas e rearticulações do discurso político pela sociedade. Parece-me plausível, assim, considerar as mutações do discurso cardenista como resultantes dos embates e fracassos políticos na busca de diferentes respaldos. Tanto mais se

¹¹² Válido para praticamente todos os historiadores marxistas do tema, mas com destaque para Medín e Gilly.

¹¹³ BLOCH, Marc. *Introdução à História*, Lisboa, Europa-América, 1993. p.185.

¹¹⁴ POCOCK, John G. A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo, Edusp, 2003.

¹¹⁵ Idem. p.29.

considerarmos que tais mudanças ocorreram, sobretudo, em períodos de crise da legitimidade do poder presidencial: o conflito com Calles (1935-6), o homem forte do partido, a pressão nacional e internacional após a nacionalização do petróleo (1938) e, em seguida, a rebelião do governador de San Luís Potosí, Saturnino Cedillo (1938).

Do mesmo modo, as alterações no discurso de Cárdenas a partir de 1938 parecem indicar que talvez fosse mais profícuo pensar o cardenismo e suas especificidades a partir dos marcos e das disputas ideológicas ocorridas a partir da Revolução Mexicana, sobretudo na construção da legitimidade política do novo Estado. Afinal, se a cada questionamento do governo o general necessitou recorrer ao passado revolucionário, e se a forma de narrar a Revolução diferiu de acordo com o público, é porque, muito provavelmente, sabia onde estavam assentadas as bases de sua legitimidade, enquanto tateava as possibilidades de respaldo dos diferentes grupos da sociedade.

CAPÍTULO II

...no hay nada ni nadie que pueda separarnos al general Cárdenas y a mí. Conozco al general Cárdenas. Tenemos 21 años de tratarnos continuamente y nuestra amistad tiene raíces demasiado fuertes para que haya quien pueda quebrantarla.¹¹⁶

Plutarco Elías Calles, julho de 1935.

Este capítulo tem por objetivo apresentar os elementos do discurso de Cárdenas, assim como da tradição callista, anteriores à eleição presidencial até a primeira metade do mandato e a vitória final sob Calles. Busca-se, desta maneira, expor as relações da linguagem política utilizada pelo cardenismo com a tradição na qual estava inserido – e da qual tenta posteriormente separar-se – para, assim, abordar mais claramente as diferenças entre elementos do callismo e do cardenismo e as transformações advindas do conflito entre o presidente e o “Jefe Máximo”. As rupturas e continuidades destes discursos foram enfatizadas no intento de perceber as possíveis diferenciações de um protocolo narrativo durante a passagem do poder e a reconfiguração política federal a partir de uma linguagem política estabelecida na formação do Estado do pós-Revolução com base em um simbolismo revolucionário comum.¹¹⁷

¹¹⁶ CALLES, Plutarco. E., *Pensamento político y social – antología (1913 – 1936)*. “Palabras pronunciadas durante una conversación sostenida con diputados”, Por Ezequiel Padilla, México, 12 de junho de 1935. México - DF, FCE, (org.) Carlos Macías. 1992. p.236.

¹¹⁷ Busca-se aqui na medida do possível referendar os postulados teóricos expostos inicialmente, como presentes na formulação de Paltí: “El problema radica en que las ‘ideas’ no alcanzan a registrar los cambios

2.1) Os significados da Revolução - da tradição callista ao conflito

Como já foi afirmado, os significados da Revolução estiveram em constante mudança ao longo das décadas de 20 e 30. Não obstante a preponderância do discurso callista após o período de institucionalização, tais transformações se mantiveram no sexênio cardenista. O discurso de Cárdenas na mesma medida em que poderia ser também inovador, mutante e, por vezes, titubeante, encerrava em si igualmente um simbolismo até então hegemônico herdado de Calles.

A linguagem política estabelecida a partir da Revolução parecia estar baseada não apenas em um recomeço, intrínseco ao processo revolucionário, mas também em uma reafirmação da incompletude das transformações prometidas na luta armada. No período anterior à institucionalização, os *caudillos* sonorenses e, antes deles, Madero, mesmo dando a insurreição como findada, consideravam a necessidade de realizar os compromissos contraídos nos campos de batalha – mesmo sem um consenso sobre quais seriam estas promessas e quais os meios para cumpri-las.¹¹⁸ No entanto, as tarefas inacabadas deixadas

producidos, puesto que éstos nos remiten a los contenidos proposicionales de los discursos, ni resultan, por lo tanto, perceptibles en ellos. Así, si enfocamos nuestro análisis exclusivamente en la dimensión referencial de los discursos (las “ideas”), no hay modo de hallar marcas lingüísticas de las transformaciones en su contexto de enunciación”. Em outro trecho o autor afirmou: “De lo que se trata, justamente, en una historia de los lenguajes políticos, es de retrotraer los postulados ideológicos de un modelo a sus premisas discursivas, *para descubrir allí sus puntos ciegos inherentes*, aquellos presupuestos implícitos en él pero cuya exposición, sin embargo, sería destructiva para éste”. p.43 e 54.

¹¹⁸“Discurso pronunciado por el Presidente de la República, Francisco I. Madero”, 20 de novembro de 1912. “Y ahora que hablo de la Revolución de 1910, debo manifestar que la principal aspiración que la engendró, que la principal aspiración que llevó al pueblo á esa lucha que se consideraba estéril é imposible (sic), fue la libertad.” Porém, acrescenta: “...las cámaras legisladoras tienen que completar la obra de la Revolución. Necesitan penetrarse de su alta misión, necesitan demostrar á la República que el pueblo

pela Revolução não significavam, ao menos neste período, sua continuidade em forma de governo, mas somente a ininterruptão das bandeiras levantadas no conflito. Enquanto com Madero estas se restringiam à liberdade, com os governos posteriores ao período da catarse social de 1914 e 1915 recebem a inclusão da reforma agrária e outras demandas sociais dos trabalhadores. Neste momento, para usar termos de Calles, os governos se descrevem como “emanados da Revolução”¹¹⁹ diferentemente do que ocorrerá após a formação do Partido Nacional Revolucionário (1929) quando as formas “governo da Revolução” ou “Revolução feita governo” passam a ser mais usuais.

A idéia de reconstrução nacional presente durante toda a década de 1920 marca profundamente a retórica callista.¹²⁰ Entre as palavras de ordem de seus discursos, tanto na candidatura como em sua presidência, estavam sempre presentes “organização”, “reconstrução”¹²¹ – e, mais tarde, já no Maximato, reiterava-se uma necessária “racionalidade” política.

Inicialmente, como já foi afirmado, Calles considerava a Revolução findada, portanto, mesmo presentes, as citações ao processo revolucionário e aos seus princípios

mexicano es digno de un Gobierno demócrata”. PARTIDO REVOLUCIONARIO INSTITUCIONAL, *Discursos sobre la Revolución Mexicana – testimonios del 20 de noviembre*. México – DF, PRI, 1987.

¹¹⁹ CALLES, Plutarco. E., *Pensamento político y social – antología (1913 – 1936)*. “El general Calles define su orientación política ao ser declarado candidato a la Presidencia de la República. Soledad de la Mota, Nuevo León, *Excelsior*, septiembre 6 de 1923”. México - DF, FCE, (org.) Carlos Macías. 1992. pp.68 – 70. Ver también “Discurso pronunciado en el Teatro México de la ciudad de Izamal, Yucatán, durante una asamblea de las Ligas de Resistencia de la entidad, febrero 27 de 1921”. pp.58-60.

¹²⁰ De acordo com Carlos Macías, “Una de las principales características del período callista fue la riqueza conceptual de su discurso, sobre todo si se compara con los gobiernos revolucionarios que le antecedieron. Ello no se derivó exclusivamente de tendencias personales; el año de 1924 constituía un escenario apropiado para la revitalización estructural, luego que la pacificación del país parecía haber encontrado bases firmes”. Idem. p.12.

¹²¹ Idem. “Presentación”, pp.111-112. Calles afirmou a respeito dos problemas do país: “...el problema de México ha sido en los últimos tiempos, y es fundamentalmente ahora, un problema de *organización*, sobre bases de mayor equidad social y atendiendo a propósitos y tendencias ya no individualistas, sino de amplio e noble sentido colectivo.” Idem. “Texto enviado a la publicación norteamericana *The New Leader*”, México, abril de 1925. p.122.

usualmente se deram no pretérito – até a morte de Obregón e a formação do PNR.

Tomemos dois exemplos:

a) Entre nosotros, el gobierno emanado de la Revolución, que ha tenido oportunidad de confirmar en múltiples y repetidas ocasiones la justicia que asiste a nuestro pueblo en sus anhelos de redención, ha considerado deber abordar el problema social con amplio espíritu de equidad y justicia, proveyendo oportunamente dentro de sus atribuciones y en la medida de sus posibilidades, al mejoramiento económico, intelectual y moral de los trabajadores.¹²²

b)...los latifundistas de mi país no quieren darse cuenta, no quieren comprender, que luchamos por ellos mismos y por sus intereses. Sin embargo, quiero declarar que la Revolución esta decidida: si ellos no entran en razón, desarrollaremos este programa en México por medio de la fuerza.¹²³

Muitas das formulações presentes no primeiro trecho – o “espíritu de equidad y justicia”, assim como o “mejoramiento económico, intelectual y moral de los trabajadores” – não só foram recorrentes no discurso de Calles como permaneceram presentes na retórica presidencial durante o Maximato e o cardenismo. Todavia, aqui a Revolução está consumada, ainda que suas conquistas precisem ser garantidas frente aos reacionários. Talvez este modo de encarar o passado revolucionário explique porque no resumo do

¹²² Idem. “El general Calles define su orientación política ao ser declarado candidato a la Presidência de la República. Soledad de la Mota, Nuevo León, *Excelsior*, septiembre 6 de 1923”, pp.68 – 70.

¹²³ “Precisiones sobre política nacional e internacional”, México – DF, *El Demócrata*, 14 de maio de 1924. Idem. pp.97-101

programa de governo de Calles a Revolução não seja nem mesmo citada, em detrimento da presença marcante do “espírito nacionalista” e da “organização do povo”.¹²⁴

Em alguns momentos, Calles parece se esforçar para não utilizar o termo “Revolução”:

“El gobierno de México es producto y representación de *un resurgimiento nacional anhelado durante largos años* por un pueblo sujeto a la dura prueba de una tiranía levantada y sostenida por un capitalismo egoísta y voraz, fomentada por una reducida facción personalista acaparadora, incesante de negocios y prebendas, olvidadiza y aun desdeñosa de la gran masa proletaria.”¹²⁵(Grifos meus).

Como já foi afirmado anteriormente, a ligação entre os governos de Obregón e Calles com o recente passado revolucionário era muito mais direta e consensual do que o que se sucedeu nos governos posteriores. Neste sentido, a recuperação da luta armada talvez trouxesse consigo elementos desestabilizadores aos presidentes que buscavam consolidar o novo Estado. Os *caudillos* que lideraram os exércitos da insurreição sagraram-se generais nos campos de batalha do conflito e, vitoriosos, tornaram-se, de uma maneira ou de outra, mandatários da nova estrutura política. Parece possível afirmar que é apenas com a ausência da figura central do *caudillismo*, Obregón, e a conseqüente institucionalização da Revolução e a formação do PNR, que o discurso da continuidade do processo revolucionário se faz presente, toma forma e se constitui em uma linguagem política.

¹²⁴ Idem. p.93.

¹²⁵ Discurso pronunciado en la cerimonia de presentación de las cartas credenciales de la ministro plenipotenciaria en México, Alejandra Kollontai de la Unión de las Repúblicas Soviéticas Socialistas”. México, 24 de dezembro de 1926. pp.147-149.

O anúncio de Calles a respeito da morte de Obregón marca essa virada, que será aprofundada pouco mais de um mês depois, no famoso informe de governo de setembro de 1928, onde o então presidente propõe a nova estrutura política do país. Neste caso, a ênfase na idéia da vivência de um período “gubernamental de la Revolución” é notória. Na ausência do *caudillo* a Revolução pode ser mais facilmente descolada de suas lideranças, como uma idéia mais vaga e ao mesmo tempo mais presente para justificar as instituições:

a) “...mi gobierno (...) aporta nuevas energías y anuncia a la nación que los principios liberales del movimiento social revolucionario – que hace 18 años se afirmaron definitivamente en la conciencia popular –, no pueden decaer jamás; (...) y que *la Revolución, generosa y dignificadora, está siempre en marcha*, a pesar de arteros atentados, y tendrá que culminar definitivamente para bien de la gran familia mexicana.”¹²⁶

b) “Hay que advertir, en efecto, que el vacío creado por la muerte del señor general Obregón intensifica necesidades y problemas de orden político y administrativo ya existentes y que resultan de la circunstancia de que, serenada en gran parte la contienda política social, (...) hubo de iniciarse, desde la administración anterior, *el periodo propiamente gubernamental de la Revolución Mexicana* con la urgencia cada día mayor de acomodar derroteros y métodos políticos y de gobierno a la nueva etapa que hemos ya empezado a recorrer”.¹²⁷

¹²⁶ Idem. “Mensaje a la nación al conocerse la noticia del asesinato del general Obregón”, México, 19 de julio de 1928. pp.161-162.

¹²⁷ “Informe de Gobierno”, 1º de setembro de 1928. pp.163-174. Outros trechos do informe também podem ser elucidativos: “Pues bien, señores senadores y diputados, se presenta hoy a vosotros, se presenta a mí, se presenta a la noble institución del ejército, en la que hemos cifrado ayer y ciframos hoy nuestra esperanza y nuestro orgullo; se presenta a los hombres que han hecho [*ao invés de “hicieron”*] y a las voluntades que han aceptado de modo entusiasta y sincero la necesidad histórica, económica y social de esta Revolución, y se

[Quanto às “sanas ideas revolucionarias”] ...no necesitamos decirlo, nos acompañarán hasta morir, estando dispuestos, ahora y siempre, a ir por estas ideas al campo de la lucha, en cualquier terreno al que se nos llame, si la reacción no aprecia o no aprovecha patrióticamente *la oportunidad legal de cooperación en el futuro que le ofrece la Revolución Mexicana en este periodo propiamente gubernamental de su evolución sociológica y política.* (Grifos meus)

Elementos deste discurso que se consolidam com a institucionalização da Revolução, permanecerão presentes nos governos posteriores, constituindo, na hipótese ora afirmada, um conjunto de postulados e um formato retórico que permitem ser considerados mais amplamente como uma linguagem política. Mesmo após a ruptura entre Cárdenas e Calles em 1935, as fases do processo revolucionário, ainda que mais desenvolvidas na narrativa de Cárdenas, ecoaram durante todo o século XX sob o domínio do partido também fundado por Calles. Muitos elementos pontuais continuaram presentes no discurso presidencial, tal como o sacrifício dos “salvadores” ligados a força da Revolução, que contrasta com a fragilidade de suas conquistas frente aos interesses conservadores.¹²⁸

presenta, por último, a la totalidad de la familia mexicana, la oportunidad, quizás única en muchos años, repito, de hacer un decidido y firme y definitivo intento para pasar de la categoría de pueblo y de gobiernos de caudillos, a la más alta y más respetada y más productiva y más pacífica y más civilizada condición del pueblo de instituciones y de leyes.” (...) p.169: “Mi consejo, mi advertencia más bien sobre la necesidad de estos nuevos derroteros, resulta de la consideración política y sociológica del período **propiamente gubernamental de la Revolución en que nos encontramos**, periodo que es preciso definir y afirmar, y también de la convicción de que la libertad efectiva de sufragio que traiga a la representación nacional a grupos representativos de la reacción, hasta de la reacción clerical, no puede ni debe alarmar a los revolucionarios de verdad... (...). La representación de tendencias conservadoras fortalecería, en fin, la acción de los ejecutivos, porque la responsabilidad de los gobiernos revolucionarios se extendería a todas las clases del país legalmente representadas, sin contar con el beneficio que *en este instante de la lucha* (sic), **pasada ya la época destructiva, en pleno período gubernamental de la Revolución** y firmemente orientados por senderos de reconstrucción, resultaría, de asentar las disposiciones y las resoluciones que fijaran el porvenir de la República, al mismo tiempo que en la Carta Magna fundamental revolucionario que nos rige, sobre las dos pedras angulares forzosas, *en las etapas normales de civilización y del progreso* (sic), piedras angulares constituidas por el espíritu revolucionario y por la tendencia moderadora que representa la reacción.” (Grifos meus)

¹²⁸ Calles afirma sobre os mártires da Revolução: “Salvadores también de conquistas revolucionarias que han sellado con su sangre centenas de miles de mexicanos”.p.164. Tal formulação será utilizada por Cárdenas

Rituais políticos, como a mensagem presidencial de ano novo, iniciada por Calles¹²⁹, e o “Dia da Revolução Mexicana”¹³⁰, criado durante o Maximato, também permaneceram presentes.¹³¹

No que se refere ao discurso sobre a Revolução, ao menos até 1935, as falas de Cárdenas não parecem diferenciar-se substancialmente da tradição callista. Alguns elementos, no entanto, permitem perceber as nuances da retórica cardenista: o estilo mais direto de Cárdenas contrasta com a retórica mais complexa e truncada do Chefe Máximo; enquanto com Calles a palavra de ordem era “organização”, no cardenismo a imagem de “união” é muito mais presente; do mesmo modo, à idéia constante de “reconstrução” no discurso callista deu lugar a onipresença da “Revolução” nas falas de Cárdenas. Os elementos comuns e a interpretação compartilhada do processo revolucionário foram reafirmados na campanha presidencial de 1933 com o Plano Sexenal do PNR. Neste documento encontram-se formulada e desenvolvida a interpretação callista do processo revolucionário, assim como os desígnios de cada uma das principais instituições políticas para o próximo período presidencial:

sobretudo a partir do conflito com as empresas de petróleo e os subsequentes ataques de diferentes setores, três anos após a ruptura com Calles, já expulso do país.

¹²⁹ A prática da mensagem de ano novo começa com Calles em 1926. CALLES, Plutarco. Obra citada. p.149

¹³⁰ “El 28 de diciembre de 1933, el Congreso de la Unión aprueba un Decreto firmado por el Presidente Constitucional Substituto, Abelardo L. Rodríguez, donde el 20 de Noviembre se instituye oficialmente como ‘Dia de la Revolución’. (...) En 1938 ya está concluido el Monumento a la Revolución, donde se han efectuado con más frecuencia las cerimonias respectivas.” PARTIDO REVOLUCIONARIO INSTITUCIONAL, Discursos sobre la Revolución Mexicana – testimonios del 20 de noviembre. México – DF, PRI, 1987. p.10-11.

¹³¹ Os discursos presidenciais durante o Maximato mostram o fortalecimento da Revolução como um ente autônomo na retórica do partido oficial. Um exemplo do presidente Ortiz Rubio: “La Revolución, de humano, generoso y noble espíritu, de preciso, enérgico y radical pensamiento, nos orienta y encauza y nos gobierna. (...) Todas las generaciones de hoy, y del futuro, saben interpretar, guardar y enaltecer el espíritu y el pensamiento, generosos, fecundos y trascendentales de la Revolución” “Discurso pronunciado por el Presidente de la República, Pascual Ortiz Rubio”, 20 de noviembre de 1931. pp.145-147

Mientras exista un Partido Revolucionario que garantice al pueblo el ejercicio del gobierno, la Revolución se realizará en la forma pacífica y creadora de la acción política. Cuando no exista ese Partido, Revolución volverá a manifestarse, por medio de la violencia, en la guerra civil.(...)

Es justo, en el criterio de la Comisión, el concepto de las funciones del Estado que se consigna en el Plano Sexenal, como interpretación de la historia reciente de nuestras instituciones públicas actuales, porque éstas, según nuestro entender, descansan en tres realidades concordantes; la Revolución, el Partido y el Gobierno. La Revolución es el fenómeno histórico que consiste en el hecho de que el pueblo asuma activamente la empresa de realizar una nueva concepción de la vida en sociedad, transformando las instituciones públicas y del régimen de producción. El Partido es el órgano mediante el cual la Revolución se manifiesta en acción política y social, para asumir el poder público y mantenerse su actuación en la lucha democrática, y para transformar el régimen de convivencia social. Y el Gobierno, *mientras se halle en manos del Partido Revolucionario*, es el órgano de gestión pública a través del cual la Revolución realiza sus finalidades ¹³² (Grifos meus)

Do mesmo modo, outro elemento do discurso callista inicialmente compartilhado pelo cardenismo é a constante referência à importância da técnica, dos dados e da racionalidade, para levar a cabo as transformações queridas pela Revolução:

“Soy de opinión (...) de que ya es la hora de formar un programa minucioso de acción que cubra los seis años del próximo periodo presidencial; programa que debe estar basado en el cálculo, en la estadística, en las lecciones de la experiencia.

¹³² PARTIDO REVOLUCIONARIO INSTITUCIONAL, *História documental – 1933. Tomo II. “Plano sexenal”*, pp.337 – 373.

(...) No hay camino más certero que el de la verdad (...) y así debe ser nuestra plataforma: positiva, apoyada en datos confirmados, en conclusiones de la experiencia, en la estadística, dentro de las realidades concretas, al servicio de nuestra Revolución”¹³³

Do ponto de vista da interpretação do passado revolucionário, trata-se, inicialmente, nas palavras do próprio Cárdenas em 1934, de “*Formar una nueva patria que justifique la sangre derramada en nuestras contiendas internas*”, o que, por sua vez, é apresentado não como uma vontade pessoal, mas da própria Revolução, como se esta fosse um agente espontâneo: “*es lo que ha querido la Revolución Mexicana*”.¹³⁴ Tal descrição da Revolução enquanto ente autônomo é, como já foi afirmado anteriormente, parte essencial do discurso callista. Mas como Cárdenas pode ligar este processo de renovação da Revolução à continuidade da obra de seus antecessores? Até a ruptura com Calles (1935), este elemento da continuidade é mais forte. Em seu primeiro discurso como candidato do partido oficial à presidência – ou seja, já eleito na prática –, Cárdenas afirmou destarte:

La Revolución y las instituciones dimanadas de ella, son obra de las distintas generaciones que, en 1906, gestaron las grandes jornadas democráticas; en 1910, sacudieron la dictadura de treinta años; en 1913, reivindicaron la soberanía nacional e iniciaron las reformas sociales, y, en 1928, instauraron el régimen institucional a cuyo influjo estamos aquí reunidos.

¹³³ CALLES, Plutarco E. Obra citada. “Entrevista. Extracto de las conversaciones con el diputado Ezequiel Padilla: El general Calles señalando rumbos”, maio de 1933. pp.212-225. p.224.

¹³⁴ “Discurso del candidato del PNR a la Presidencia de la República al pueblo tabasqueño”. Emiliano Zapata, TAB., 6 de março de 1934. CÁRDENAS, Lázaro. *Palabras y documentos públicos*. México, Siglo XXI, 1978. Vol. I. p.116.

Es por lo mismo de elemental justicia declarar categóricamente – en ocasión de esta función cívica y para el caso de merecer el sufragio popular – que me considero unido, en acción y en responsabilidad, a todos los viejos luchadores que con su esfuerzo contribuyeron y siguen contribuyendo a crear un estado social nuevo y en régimen de orientación salvadora.¹³⁵

Como se pode ver neste trecho, já no início de seu primeiro discurso como candidato à presidência, Cárdenas traçou a genealogia da Revolução. Delimitou suas fases, tendo como última delas o regime institucional no qual ele se encontrava. Neste discurso, portanto, a Revolução não estava associada necessariamente às lutas dos exércitos revolucionários (1910-1920). Seu marco inicial, 1906, parece estar associado tanto à fundação do Partido Liberal, denotando a importância da liderança de Francisco Madero, quanto às lutas operárias em Cananea e Rio Blanco.¹³⁶ No discurso do candidato, os conflitos estão situados entre 1910 e 1913 e culminam na reivindicação da soberania nacional e nas reformas sociais. Contudo, ao agregar tais reivindicações nesse período, Cárdenas novamente associa as mudanças à presidência de Madero, e, deste modo, é possível indagar sobre um não-dito importante: o período de luta entre as facções revolucionárias até a vitória dos Constitucionalistas, o assassinato de Emiliano Zapata, o posterior golpe de Álvaro Obregón e o assassinato de Venustiano Carranza. Esta omissão retira do movimento suas contradições, estabelecendo a Revolução numa linha de desenvolvimento clara. Nesta interpretação, situar as lutas entre a “Família Revolucionária”

¹³⁵ PARTIDO NACIONAL REVOLUCIONÁRIO, *La jira del general Lázaro Cárdenas*, México, 1934. p.142.

¹³⁶ A idéia revisionista de que a insurreição foi apenas parte da ascensão da burguesia mexicana é evidente em obras como as de Ramón Eduardo Ruiz e Arnaldo Córdova, respectivamente: *México: La Gran Rebelión – 1905/1924*. México, Era, 1984; e *La ideología de la Revolución Mexicana – la formación del nuevo régimen*. México, Era, 1980.

pontuaria as incoerências e conflitos daquela história em oposição à idéia inicial de Cárdenas de que toda a Revolução é produto das distintas gerações que aparentemente atuaram em suas diversas etapas. Ao não expor as disputas entre as facções, Cárdenas ligou a revolta armada à institucionalização da Revolução (1928), autenticou o Partido Nacional Revolucionário como único herdeiro da insurreição e unificador dos revolucionários¹³⁷ e, como corolário, legitimou tanto sua posição de candidato oficial do PNR quanto a de Plutarco Elías Calles, fundador do partido, como “Jefe Máximo de la Revolución”. Por fim, depois de justificar-se historicamente, o candidato acrescentou mais claramente sua união à tradição de velhos lutadores que ainda batalhavam pela construção do novo regime.

Entretanto, esta continuação demonstra uma tensão que, mais tarde, se tornou pública.

Cárdenas afirmou nas vésperas das eleições presidenciais:

No debemos dar por terminados los compromisos de la revolución, la que debe usar del poder para la depuración y renovación constante de sus hombres y de sus principios, obrando con el mismo espíritu de sacrificio y de limpia intención que se tuvo en los momentos de combate por la destrucción del viejo régimen.¹³⁸

¹³⁷ Neste aspecto, outro trecho do discurso é mais explícito quanto ao PNR: “...el Partido Nacional Revolucionario fué (sic) creado con sinceros propósitos de fraternidad colectiva, con sana intención de encauzar la opinión de las masas y con el fundamento lógico de mantener la unidad revolucionaria. Sus tendencias, como organismo político, fueron claramente establecidas para fomentar la función cívica electoral y garantizar la autenticidad del voto, *eliminando conflictos innecesarios* entre los componentes del régimen revolucionario, y para mantener dentro de su seno, como garantía de éxito, una celosa disciplina de principios y de procedimientos, que no permita el menoscabo de los ideales de la Revolución; y, cualesquiera que hayan sido los errores circunstanciales de esta agrupación nacional, *representa, sí, la fuerza organizada de la Revolución*, y es el medio a propósito para desarrollar sus tendencias, así como para realizar los propósitos revolucionarios que predominan en el pensamiento director del Gobierno de la Nación.” PARTIDO NACIONAL REVOLUCIONÁRIO. Obra citada, p.144. (Grifo meu).

¹³⁸ “Discurso del candidato del PNR a la Presidencia de la República, en víspera de las elecciones para la renovación de los poderes federales”, Durango, DGO, 30 de junho de 1934. pp.131-135.

A idéia de renovação da Revolução está baseada também na transformação de suas lideranças, ou seja, na destruição política da velha guarda que até então tinha o partido em suas mãos, assim como a cadeira presidencial. Ao mesmo tempo em que reivindica ser a continuação destes líderes, Cárdenas admite sua superação; na medida em que divide a Revolução em etapas, finda à participação daqueles que já cumpriram seu papel dentro do processo revolucionário. De certo modo, isto já adianta o conflito com Calles. Trata-se, de uma re-fundação da Revolução e de suas legitimidades, que no trecho destacado assume uma relação com o antigo regime e a primeira fase da Revolução. Além disso, o início da enunciação destacada, realizado em negação, nos permite pensar que Cárdenas já responde àqueles que afirmam o fim do processo revolucionário e, talvez, a maneira encontrada para satisfazer esta audiência tenha sido afirmar esta ambígua continuidade da Revolução renovada.¹³⁹

Em discursos como este, a divisão etapista da Revolução transforma as datas e seus protagonistas em símbolos dela, fundindo ambos em uma espécie de calendário. Então, tal como o 1789 analisado por Baczko, 1906-1910 e Francisco Madero se erigem como marco de uma nova era que separa não só antigo do novo, mas também o inimigo e o revolucionário.¹⁴⁰ A respeito deste novo tempo e de seus novos homens, podemos citar um

¹³⁹ Como vimos anteriormente, Pocock é um dos autores que afirma as características necessariamente polissêmicas do discurso político.

¹⁴⁰ Cabe aqui citar Koselleck a respeito dos conceitos políticos antitéticos assimétricos: “A eficácia das atribuições recíprocas se intensifica historicamente quando elas são aplicadas aos grupos. O simples uso do ‘nós’ e do ‘vós’ estabelece, decerto, inclusões e exclusões, e nesse sentido constitui uma condição para que a ação se torne possível. Mas um grupo designado por um ‘nós’ só poderá constituir-se em uma unidade de ação politicamente eficaz se incluir em si algo mais do que uma mera designação ou denominação. Uma unidade de ação política e social só se constitui por meio de conceitos pelos quais ela se delimita, excluindo outras, de modo a determinar a si mesma. (...) ...não podem estar ausentes os conceitos pelos quais o grupo possa se reconhecer e se autodeterminar, caso deseje apresentar-se como unidade de ação. No sentido empregado aqui, o conceito serve não apenas para indicar unidades de ação, mas também para caracterizá-las e criá-las. Não apenas indica, mas também constitui grupos políticos e sociais.” KOSELLECK, Obra citada. p.191

discurso de Cárdenas de quando ainda ocupava a cadeira de presidente do PNR, no fim de 1931:

En ocasión del año nuevo que corresponde *al vigésimo primero del inicio de la Revolución Mexicana*, me cabe la satisfacción de dirigir, en nombre del Partido Nacional Revolucionario, un saludo cordial al señor presidente de la República ingeniero Pascual Ortiz Rubio, al señor general de división *Plutarco Elías Calles, representativo de la propia revolución social* y a todos los habitantes del país con mis sinceros votos porque los postulados revolucionarios se afirmen en la conciencia de todos los mexicanos como el único medio firme y seguro de obtener la prosperidad y el bienestar deseados.¹⁴¹ [Grifos meus]

Temos aqui o “vigésimo primeiro ano da Revolução”, ou seja, a Revolução é o marco de uma nova era, um novo tempo, e de novos referenciais que lhe são correspondentes. Tal como afirmou Baczkó, um dos elementos mais poderosos do simbolismo revolucionário é esta divisão do tempo a partir de um fato que se torna um símbolo e, portanto, um marco. O partido oficial saúda o presidente, mas é ao general Calles que cabe a identificação com a própria Revolução: Calles é a materialização não apenas de um passado revolucionário, mas da continuidade do processo de transformação nacional operado. Aqui, Calles, esta mistura de homem e símbolo, é um emblema da missão do PNR de conscientizar a população de que os postulados revolucionários, cuja designação era exercida pelo partido, eram o único caminho para todos. Há aqui, portanto, uma fusão entre a Revolução e o partido oficial. A única saída é a Revolução, mas quem a representa é o PNR, e, assim, os

¹⁴¹ “Discurso del presidente del Partido Nacional Revolucionario sobre el programa de trabajo para el año de 1931”. México, D.F., 31 de dezembro de 1930. Obra citada. pp.98-101.

caminhos para a prosperidade e o bem-estar não podem passar sob hipótese alguma pelo questionamento do partido, que busca se legitimar pelos símbolos do passado revolucionário, neste caso, o próprio general Calles.

O passado revolucionário estava em constante disputa. Tal como vimos, Baczko propõe que os imaginários sociais não podem ser construídos por imposição do Estado tão facilmente quanto um artesão molda sua matéria-prima. Vejamos, como exemplo, a resposta de Cárdenas, então presidente do PNR, às críticas feitas principalmente a Álvaro Obregón pelos antigos participantes dos primeiros governos revolucionários, Antonio Díaz Soto y Gama e Luis Cabrera:

En distintas ocasiones y en forma sistemática, que revelan un acuerdo de propósitos entre algunas personalidades de *antigua estirpe revolucionaria*, pero que por errores políticos o por otras razones de todo mundo conocidas, se han apartado o han sido apartadas del régimen que gobierna a la República; éstas se han entregado a la tarea de deturpar a la Revolución especialmente en cuanto toca a la obra de gobierno realizada en la última década: esto es, desde el advenimiento del régimen que fue presidido por el inolvidable caudillo revolucionario, general Álvaro Obregón.

El *anhelo insaciable* de promover la resurrección de épocas que definitivamente han pasado; el afán de reconstruir grupos que cumplieron su misión y que ahora pertenecen igualmente a nuestro pasado histórico; (...), son las causas que mueven a estos hombres a perturbar la tranquilidad que felizmente impera en la República... (...)

Como presidente del Partido Nacional Revolucionario, *que es el organismo político de la Revolución*, juzgo de mi deber tomar a mi cargo la defensa del *régimen revolucionario*, así en lo que toca a la obra política social, económica y cultural que éste ha realizado, como

en lo que ve a la gestión de los hombres representativos de la Revolución, no sólo en el momento histórico actual, sino en todo el curso de la era revolucionaria. (...)

(...)[Estas críticas e manifestações] no obedecen al propósito legítimo de señalar errores o deficiencias que pudieran observarse en la obra de la Revolución, sino simplemente al deseo de hacer que cuaje una maniobra puramente política.

Con esta maniobra política se pretende:

- 1) Distanciar al jefe de Estado de los hombres representativos de la Revolución que, dentro o fuera del engranaje oficial, comparten con el primer mandatario las responsabilidades del poder;
- 2) Proclamar el fracaso de la Revolución, como causa para justificar la creación de un nuevo órgano político que se avoque a la defensa y consolidación de los principios revolucionarios; (...) ¹⁴² [Grifo meu]

Ora, se para atacar o regime Soto y Gama e Cabrera utilizam a Revolução, isto parece comprovar a hipótese de que as disputas políticas, principalmente no que diz respeito ao executivo federal, passavam pela legitimidade ou não do passado Revolucionário. Tal condição pode ainda ser vista como uma vitória do Partido no que se refere à luta pelos símbolos da Revolução, pois a crítica não dissociava o Partido e a insurreição. No entanto, Soto y Gama e Cabrera, estabelecem críticas aos anos 20 em contraposição aos anos anteriores, da presidência de Venustiano Carranza, o que parece indicar uma busca de outros significados para a Revolução. Trata-se da recuperação do período Carranza em detrimento de Obregón, seu ex-general que liderou o movimento que culminou com a queda do antigo presidente. Afinal, se na propagando do Partido Oficial o passado

¹⁴² “Discurso del presidente del PNR, a los ataques lanzados al Régimen de la Revolución por los señores Antonio Díaz Soto y Gama y Luis Cabrera”. México, D.F., 31 de Janeiro de 1931. Obra citada. pp.101-106.

revolucionário foi fundido com o próprio Regime, tal associação também parece ser válida para as críticas, já que deslegitimar a Revolução é também fazê-lo com o Partido. Daí a necessidade de rebater qualquer crítica à insurreição.¹⁴³

A transformação da Revolução num longo processo com diferentes etapas parece ter sido a solução para justificar as diversas condutas, muitas vezes contraditórias, dos líderes políticos da primeira parte do século XX. É tal divisão que permite também delimitar os revolucionários entre os que ainda o são e os que pertencem à “antiga estirpe revolucionária”. Com a administração Calles e o Maximato¹⁴⁴, os significados da Revolução tornaram-se mais atrelados ao seu porvir do que às suas origens. A idéia de continuidade revolucionária, tão utilizada no cardenismo, cedeu aos governos revolucionários a noção de desenvolvimento, permitindo a dissociação entre luta armada, abandonada ao passado e repudiada como proposta futura, e Revolução.¹⁴⁵ De acordo com esta concepção, o México ainda precisava ser salvo, e, portanto, os anseios revolucionários careciam ser consolidados pelos herdeiros legítimos da insurreição. Como Cárdenas afirmou em um de seus primeiros discursos como presidente: *La gira que hice por toda la*

¹⁴³ É importante destacar que no início da pesquisa esperávamos encontrar a Revolução mais associada às lutas dos exércitos camponeses do que de fato encontramos. O nome de Pancho Villa, por exemplo, não é citado em nenhum dos discursos encontrados e o de Emiliano Zapata apenas em um. Isto nos permite refletir sobre as transformações ocorridas no simbolismo do processo revolucionário mexicano nos últimos tempos, mas, por outro lado, como nos lembra Pocock acerca destes momentos de surpresa: “Será nestes momentos em que o historiador se sentirá mais seguro de que não será meramente um prisioneiro da sua própria engenhosidade interpretativa (...)” Obra citada. p.34.

¹⁴⁴ “Maximato” é o nome dado à política mexicana entre os anos de 1928 e 1934-5 na qual a figura centralizadora do poder era, ao invés do presidente, o ex-presidente Calles, “el Jefe Máximo de la Revolución”. MEDIN, Tzvi. *Ideología y praxis política de Lázaro Cárdenas*. México, Siglo XXI, 1972. p.23.

¹⁴⁵ Héctor Aguilar Camín e Lorenzo Meyer afirmam: “Essa luta armada seria considerada apenas como uma etapa do processo e, como disse Calles em seu último pronunciamento à nação, ‘a mais fácil e mais simples de fazer’”. CAMÍN, Héctor Aguilar. MEYER, Lorenzo. Obra citada. p. 212.

*república me ha permitido conocer y estudiar todos estos distintos problemas que la Revolución Mexicana tiene enfrente (...).*¹⁴⁶

Tratava-se do futuro da Revolução. O cardenismo conjugou, assim, o futuro da Revolução – invenção callista – com um elemento típico de sua política: a perpetuidade do movimento revolucionário com futuras e intermináveis fases.¹⁴⁷ A idéia de progresso, com um futuro eternamente revolucionário, tratou os problemas sociais como tarefas ainda não realizadas pela Revolução, justificados como transitórios, projetando o verdadeiro México num futuro distante, já que o movimento revolucionário devia continuar adequando-se às diferentes conjunturas dos diversos contextos históricos.

No que se refere à disputa exposta, é interessante pensar na crítica de Soto y Gama e Cabrera ao governo de Obregón, e que incide também sobre a concepção de progressão revolucionária. Afinal, por que a crítica não se deu igualmente sobre Calles que governou na década de 20 do mesmo modo? Será que porque Calles era um símbolo vivo (Obregón fora assassinado em 1928, em sua reeleição), o “chefe máximo” era um emblema que não poderia ser questionado? E, se é este o caso, por que Cárdenas não utiliza Calles para referendar sua réplica às críticas dos “ex-revolucionários”?

Cárdenas vale-se, portanto, de outros artifícios para responder às críticas à Revolução. Em seu discurso, a “malícia” dos adversários associada ao “*anhelo insaciable*” denotam reações passionais e de pouca justificativa ou legitimidade política por parte dos opositores, pois, em sua fala, as paixões levam ao caos e à desordem. Para Cárdenas, a racionalidade e a ordem estão no governo constitucional que é neste momento, também a expressão da Revolução. Esta pretensa racionalidade política expressa-se do mesmo modo

¹⁴⁶ “Mensaje al Congreso de la Unión al tomar posesión de la Primera Magistratura del País”. México, D.F., 30 de novembro de 1934. pp.138-146.

¹⁴⁷ CAMÍN, Héctor Aguilar. MEYER, Lorenzo. Obra citada. p.212.

no uso de metáforas maquínicas para o Regime, como “engrenagem oficial”. Como vimos, ele afirmou em outro trecho: *“Como presidente del Partido Nacional Revolucionario, que es el organismo político de la Revolución, juzgo de mi deber tomar a mi cargo la defensa del régimen revolucionario”*.

Ocorre aqui uma dupla identificação, a Revolução é dividida em duas; o organismo político, que é o Partido, e o Regime, o poder executivo de então. Defender os símbolos revolucionários, no caso o governo Obregón, é, assim, manter a hegemonia do PNR e a legitimidade da Presidência da República. E, neste sentido, aparentemente para acabar com qualquer possível legitimidade dos críticos, Cárdenas asseverou ainda que estes buscaram “Proclamar el fracaso de la Revolución”. Ora, as críticas de Soto y Gama e Cabrera não parecem deslegitimar a Revolução ou repudiá-la como um todo, como consta em outro trecho da própria réplica. As críticas foram feitas com o intuito de recriminar apenas determinados períodos do processo revolucionário. Cárdenas, porém, quando resume em poucos pontos o interesse da oposição, afirma que esta declara o fracasso da Revolução e a coloca como crítica de todas as lutas revolucionárias, populares ou não, dos últimos trinta anos. Tal estratégia situa estes interlocutores num campo exterior ao processo revolucionário, por isso, sem legitimidade política naquele regime, rotulando-os facilmente como reacionários ou contra-revolucionários, categorias a todo instante associadas ao porfiriato, ao “antigo”.

Frente a tais disputas, a idéia de união revolucionária e/ou popular do discurso cardenista parece atuar decisivamente na busca de uma consolidação política, principalmente em sua campanha presidencial. Tomemos um exemplo; a alocação de Cárdenas aos deputados e senadores em sua pré-candidatura:

Señores senadores, señores diputados: Agradezco profundamente esta reunión que me ofrece la representación nacional con el concurso de ambas as cámaras, por lo que significa de cordial y amistosa, pero lo celebro de modo muy especial porque hay en este acto algo más placentero y trascendental: *la unificación revolucionaria*, la suma de esfuerzos *ayer disgregados y hoy unidos en torno a la sucesión presidencial*, para transformar este acto cívico, inquietante y perturbador antaño, en un torneo de ideales, en una lucha de tendencias, en una depuración de sistemas con un claro sentido de responsabilidad y como tema salvador de trabajadores manuales e intelectuales, de hombres graves, antes escépticos, y de jóvenes fogosos e impacientes.¹⁴⁸ [Grifo meu]

E outro exemplo, onde a união se dá também pela própria Revolução, vista como um agente espontâneo:

protesto luchar para llevar a la práctica todos estos anhelos, que representan integralmente el programa del Partido Nacional Revolucionario, *dictado por la Revolución misma e impuesto por el pueblo, constituido en árbitro de su situación.*¹⁴⁹ [Grifo meu]

¹⁴⁸ “Palabras del general Lázaro Cárdenas ante representantes de las cámaras de senadores y diputados en relación con su precandidatura a la presidencia de la República”. México, D.F., 15 de junho de 1933. Obra citada. p.109

¹⁴⁹ “Discurso del General Lázaro Cárdenas, al ser proclamado candidato del PNR a la Presidencia de la República”. Querétaro, QRO., 6 de janeiro de 1933. Obra citada. pp.109-114.

No primeiro trecho, a idéia de união é acompanhada pelo temor de novas lutas¹⁵⁰, temor que legitima também a unidade política do país em torno do PNR. Tal elemento parece ser característico dos períodos eleitorais, tendo em vista que apenas retornará ao discurso cardenista com a mesma força a partir de 1939, como veremos. No primeiro trecho, esta é uma união desejada e buscada para o presente, e inexistente no passado. Temos, também aqui, uma idéia de re-fundação da Revolução e, conseqüentemente, da nação a partir da identificação revolucionária. A união provocada pela Revolução é ainda mais acentuada no segundo trecho, na medida em que sua causa original não está no desejo de políticos, mas na “Revolução mesma” e no próprio povo, que agora parece se assenhorar do processo revolucionário como ser consciente. Deste modo, esta passagem identifica o PNR com a Revolução e o povo, participantes de um mesmo processo. No entanto, é importante notar que esta aparição da imagem de um povo consciente e árbitro da Revolução é algo razoavelmente raro nos primeiros anos do discurso cardenista aqui analisado. Esta imagem do Povo-Nação consciente de si, portanto, consciente da Revolução, parece surgir somente em momentos excepcionais de crise nos quais Cárdenas necessitou de grande respaldo popular¹⁵¹ e com uma importante função legitimadora. Assim, no início do mandato, segue-se uma calma a este respeito até o conflito com Calles. Nos demais casos até 1935, é comum o discurso da tutela e da necessidade de conscientizar as massas dos ideais revolucionários, pertencentes ao partido e ao poder

¹⁵⁰ Alguns historiadores consideraram tal característica simplesmente um traço populista do discurso cardenista. Talvez hoje, do interior das bibliotecas, o trauma da morte e da fome que seguiu o rastro revolucionário e deixou um milhão de mortos possa ser mais facilmente ignorado. Nos anos 1930, porém, tais cicatrizes concediam sólidas bases para políticos e camadas populares procurarem outros caminhos para suas disputas internas.

¹⁵¹ No primeiro caso visto aqui, tratava-se do primeiro discurso de Cárdenas como candidato do partido oficial.

executivo, que, por sua vez, têm como missão o esclarecimento dos setores populares¹⁵².
Vejam os exemplos. Com o apoio popular conseguido após a gigantesca campanha pelo país, Cárdenas afirmou nas vésperas da eleição:

Traté, durante la campaña, de arraigar en la consciencia de las masas el ideario renovador del partido que me postula. (...)

(...) Y consecuente con el criterio revolucionario de que *corresponde al Estado la orientación educativa del país*, no se permitirá que ninguna agrupación religiosa continúe proyectando su influencia sobre la educación nacional (...).¹⁵³ [Grifo Meu]

Logo após as eleições, o presidente passou a afirmar a importância da educação no intuito de transmitir os princípios da Revolução às massas – característica que se manteve em seu discurso como vemos nos dois trechos seguintes:

a)

La Revolución no teme la oposición que se le haga a sus propósitos de mejoramiento educacional, porque la revolución está planteando integralmente la

¹⁵² Há algumas exceções após o início do conflito com Calles, mas não nos discursos que se referem, explicitamente ou não, ao atrito com Calles. Tomemos um exemplo de julho de 1935: “Afortunadamente para la Revolución hemos visto con satisfacción a través de las giras que hemos venido efectuando en la república y no obstante que nuestro programa es y será completamente revolucionario radical, para poder eliminar la inmoralidad y para poder eliminar también a todos los vividores del régimen revolucionario, hemos visto, digo, cómo numerosas familias, se expresan ya con agrado, con cariño del programa de la Revolución, y es que las familias que ayer fueron indiferentes han podido ver que todo es nobleza en el programa de la Revolución”. “Discurso del Presidente de la República en una asamblea campesina. Guadalajara”, JAL., 16 de julho de 1935. Obra citada. pp.168-171.

¹⁵³ “Discurso del candidato del PNR a la Presidencia de la República, en víspera de las elecciones para la renovación de los poderes federales”, Durango, DGO, 30 de junho de 1934. Obra citada. pp.131-135.

resolución de sus problemas todos, el económico y el moral y, porque considera una obligación imprescindible fijar al su país su orientación educativa.¹⁵⁴

b)

La Revolución Mexicana inspirada en sus nobles tendencias de mejoramiento cultural y económico del pueblo, no sólo no recusa sino que invita a todos los hombres preparados y dispuestos a servir al país, para que ayuden a resolver sus problemas. Considera la propia Revolución que el ímpetu revolucionario debe completarse con la cultura y con las disciplinas del carácter.¹⁵⁵

Com a faixa presidencial, asseverou em sua posse:

El pueblo debe sentir la responsabilidad de mi exaltación al puesto más elevado del país, como una demostración irrecusable de que la vida institucional, que constituye uno de los principios vitales de nuestra Revolución, va realizándose. Y esto me obliga a declarar con firmeza, que la Constitución y las leyes de la república serán mi norma infranqueable en el cumplimiento de mi deber. La Revolución ha ido convirtiendo en normas jurídicas y morales sus postulados y sus tendencias, dignificándose así como gobierno de instituciones.¹⁵⁶

E, após conflitos armados de grupos divergentes que reivindicavam o ideário revolucionário, Cárdenas afirmou contundentemente:

¹⁵⁴ “Declaraciones del presidente electo de la república a la agencia informativa United Press sobre la reforma educativa”. Hacienda de Cumuato, JAL., 15 de outubro de 1934. Obra citada. p.136.

¹⁵⁵ “Mensaje del Presidente de la República a los universitarios del país”. México, D.F., 21 de março de 1935. Obra citada. pp.150-152

¹⁵⁶ “Mensaje al Congreso de la Unión al tomar posesión de la Primera Magistratura del País”. México, D.F., 30 de novembro de 1934. Obra citada. pp.138-146.

(...) La Secretaría de Gobernación ha declarado y dará instrucciones para que se obre en consecuencia, que *sólo el Partido Nacional Revolucionario está facultado para llevar a cabo las actividades político-sociales que deban dar cima al afianzamiento de las ideas que sirven de bandera a la Revolución y que tenemos por norma los revolucionarios.*¹⁵⁷ [Grifo meu]

Nestes trechos o que parece estar em jogo é o que Baczko denominou de formação das almas. Ainda que a Revolução surja muitas vezes como um agente espontâneo, descolada do PNR e da presidência, a caracterização do povo como mero receptor do ideário revolucionário via Regime é uma constante. Tal como afirmara Cárdenas, “Sólo el Estado tiene un interés general y, por eso, sólo él tiene una visión de conjunto”¹⁵⁸ e, assim, deveria caber ao Estado e ao partido a guarda dos verdadeiros valores revolucionários que somente por meio das instituições poderia atingir e conscientizar a população. A imagem do povo-nação, outrora árbitro da Revolução, formado, pronto e consciente, em alguns momentos parece ser mais eficiente para os objetivos da narrativa cardenista quando descrito como um projeto em construção, afinal, se a Revolução se projeta para o futuro é para a consolidação de um novo povo e uma nova nação. A identificação povo-nação neste caso dá a forma de uma eterna incompletude à identidade mexicana e de uma legitimidade inquestionável aos verdadeiros herdeiros da Revolução. Contudo, tal imagem parece ter sido evitada em momentos de crise, já que ela concede toda a responsabilidade dos processos políticos à liderança do governo. Quando Cárdenas necessitou de apoio popular,

¹⁵⁷ “Declaraciones del Presidente de la República con relación a los choques entre grupos de ideología distinta registrados en Coyoacán y en la calle de Tacuba”. México, D.F., 8 de janeiro de 1935. Obra citada. pp.146-147.

¹⁵⁸ “Mensaje al Congreso de la Unión al tomar posesión de la Primera Magistratura del País”. México, D.F., 30 de novembro de 1934. Obra citada. pp.138-146.

o povo-nação voltou a ser consciente e verdadeiramente revolucionário. Tal como os referenciais da abordagem proposta para este estudo afirmam, os significados dos simbolismos estão em constante mutação nas relações políticas.

2.2) O conflito com Calles – disputas em torno de uma legitimidade

O início do sexênio cardenista foi marcado pelo grande número de greves e rebeliões de trabalhadores em geral. Os grupos conservadores cobravam a repressão do governo aos operários e os empresários afirmavam viver numa situação caótica. O presidente, no entanto, não se pronunciara a respeito até então, e sua mudez parecia confirmar as suspeitas de alguns de que Cárdenas era apenas outro fantoche na cadeira presidencial de Calles.¹⁵⁹ Foi este último quem irrompeu o silêncio reinante entre as principais figuras políticas do país e cobrou atitude do presidente, repressão imediata à situação que lhe parecia de total desordem.¹⁶⁰ Finalmente, Cárdenas se pronunciou, e sua resposta abriu caminho para o fim do Maximato, marcando o início de uma acentuada tentativa de re-significação do simbolismo revolucionário, já anunciada anteriormente, como vimos. Nesta réplica, ele nega o caos, reafirma os direitos dos trabalhadores e assevera:

¹⁵⁹ Elemento sempre retomado pela historiografia já trabalhada e exposta no projeto. Neste sentido, podemos destacar aqui os trabalhos de Arnaldo Córdova e Alicia H. Chavez, respectivamente, *La política de las masas del cardenismo* e *La mecânica cardenista*.

¹⁶⁰ A respeito dos sindicatos que considerava “agitadores”, Calles afirmou: “Porque estas organizaciones no representan ninguna fuerza por sí solas. Las conozco a la hora de una crisis, de un peligro, ninguna de ellas acude y somos los soldados de la Revolución los que tenemos que defender su causa.” CALLES, Plutarco E. *Obra citada*. p.237

Ante la grave e injustificada agitación que se ha provocado en el país, en los últimos días, en que fuertes sectores de todas las clases sociales han expresado su opinión y asumido actitudes diversas que afectan profundamente a la buena marcha de la administración pública, creo de mi deber, *en mi carácter de presidente constitucional de los Estados Unidos Mexicanos* dirigirme a mis conciudadanos para darles a conocer con sinceridad el sentir del gobierno de la república en relación con los problemas planteados. (...)

En esto sentido, mi conciencia no me reprocha nada que pudiera significar de parte mía la menor provocación para agitar o dividir al grupo revolucionario.(...)

Ante estos problemas, el Ejecutivo Federal está resuelto a obrar con toda decisión para que se cumpla el programa de la Revolución (...).¹⁶¹

Este é o único discurso que encontrei em que Cárdenas se define explicitamente como “presidente constitucional de los Estados Unidos Mexicanos”. Seria mero acaso? Na grande maioria dos discursos ele utiliza expressões mais simples como “mi gobierno”. No entanto, quando trata do conflito, das agitações, da volta e da posterior expulsão de Calles a expressão “El ejecutivo federal” também é muito presente. Este tipo de ênfase parece lembrar a Calles quem é o presidente eleito constitucionalmente. Ainda assim, parece que Cárdenas não busca disputar a Revolução com Calles nesta primeira resposta, mas apenas interpõe a Constituição e a presidência entre si e o Chefe Máximo, estando ainda a Revolução mais dissociada do poder federal aqui do que normalmente.

O respaldo popular foi imediato e seguiram-se as manifestações dos trabalhadores em apoio ao presidente. A sensação de que se iniciava uma renovação política e um conflito

¹⁶¹ “Declaraciones del Presidente de la República sobre las causas de la agitación prevaleciente”. México, D.F., 13 de junho de 1935. Obra citada. pp.166-167

tomou o partido oficial, o congresso e os setores populares. Estes, que desde início apoiaram o governo, foram incentivados a se organizarem, ao passo que o próprio governo já acenava com a proposta de uma organização dos trabalhadores a partir do Partido, e recebiam diretamente o impacto das reformas do novo governo, entre elas a cada vez mais acelerada reforma agrária.¹⁶² Ao longo deste processo, podemos perceber como o discurso de Cárdenas é titubeante e dependente do respaldo popular inicialmente descrito, o que nos permite questionar ainda as interpretações do populismo clássico.

Amplamente apoiado, Cárdenas iniciou um processo de renovação dentro do PNR que mais tarde se tornaria um verdadeiro expurgo. Cada vez mais desprestigiado e acusado de conspiração, Calles sai do país e, após encontros com alguns líderes políticos, volta trazendo consigo a esperança dos antigos revolucionários que se opunham ao cardenismo, causando uma agitação pública na imprensa e em setores do governo. Meses depois, consegue obter uma resposta de Cárdenas:

Trabajadores de la República: Cuando un *grupo apasionado* pretende agitar al país con fines personalistas; cuando la intriga y la mentira constituyen la única arma que esgrimen en su necia aventura, tengo la obligación de dirigirme a todos los habitantes de mi patria, para expresarles a qué se debe esta acometida.

(...) En mi gira a través de la República, expresé, descarnadamente, las necesidades obreras y campesinas, así como la situación precaria de los pueblos. En tales condiciones *era indispensable que la Revolución hecha gobierno, de una vez por todas, cumpliera con los compromisos que había contraído en los campos de batalla.* Desde entonces ***entendí*** que *mi misión como Presidente de la República no es otra que realizar sus obligaciones.*

¹⁶² VÁSQUEZ ALFARO, G. *Testimonios de la acción agraria cardenista en el sexenio 1934 - 1940*. México – DF, PAC, 1993.

(...) Hemos dicho también, como es la realidad, que *los trabajadores y campesinos no son inconsecuentes ni con la situación del gobierno ni con la a que ellos les afecta; que tienen conciencia de su responsabilidad y saben hasta dónde podemos ir; saben asimismo que hay necesidad de esperar a que el propio régimen, a que la propia Revolución, formada por falanges de ellos mismos, pueda realizar integralmente el programa que permita mejorar las condiciones económicas, culturales del pueblo mexicano. (...) [A respeito do “grupo pasional”] Ustedes mismos conocen quiénes están empeñados en esa perversa aventura: son los hombres que ya han cumplido a su misión histórica. Ya el pueblo sabe lo que pudieron hacer, ya sabe lo que dieron de sí. No les queda a éstos más que reconocer que son las generaciones nuevas, los hombres nuevos, los que tienen que venir a desplazarlos de los puestos públicos de orden oficial y social, para que las masas puedan recibir el beneficio de orientaciones producidas por hombres que no estén gastados, por hombres que no se hayan acostumbrado al halago, al poder o a la comodidad.*¹⁶³ [Grifos meus]

Temos, novamente aqui, como em 1931, nas palavras de Cárdenas, um grupo passional, personalista e antigo. Em sua concepção etapista da Revolução, estas são as características do reacionarismo. Esta etapa da Revolução no discurso cardenista é agora das instituições, racional e sem as paixões da luta armada. Tal necessidade de renovação é também a busca da refundação da Revolução sob novas legitimidades, sempre a partir da Revolução e do povo, da referência ao coletivo, que neste discurso parece apenas responder às perguntas feitas por Cárdenas. Neste sentido, o governo cardenista é construído na narrativa como o redentor da insurreição: a Revolução feita governo que de uma vez por todas cumprirá com os compromissos que havia contraído nos campos de batalha, ou seja,

¹⁶³ “Discurso del Presidente de la República a los trabajadores del país”. México, D.F., 22 de dezembro de 1935. Obra citada. pp.180-184.

apenas agora, por meio da política do general, é que o sangue derramado na luta armada poderá resultar em uma nova nação. Esta concepção do processo revolucionário difere um pouco daquela esboçada inicialmente, que enfatizava a continuidade da Revolução com fases igualmente importantes. Nesta frase citada de Cárdenas, as diferentes fases parecem desaparecer, como se existissem apenas dois momentos revolucionários de fato: a luta armada e seu governo. Minha hipótese é que, mesmo mantendo o discurso etapista sobre a Revolução, Cárdenas busca muito eficazmente refundar a Revolução sobre outras representações fundadoras de legitimidade, dando ao processo revolucionário uma radicalização desconhecida até então no que se refere às políticas federais.

Uma transformação que se opera nestas representações é a que se refere à imagem de povo-nação. Aqui ela aparece como um interlocutor quase ativo no discurso presidencial, com a ênfase do elemento popular: as perguntas feitas aos trabalhadores, sem resposta explícita, apontam ainda mais claramente o tom entimemático do discurso político¹⁶⁴. Neste momento, a população tem consciência da nação e da Revolução – mesmo que esta esteja identificada com o governo na disputa com Calles, são os trabalhadores e camponeses que constituem a vanguarda da Revolução. A mesma população que outrora necessitava ser conscientizada pelo partido e pelo governo do ideário revolucionário representa agora a verdadeira Revolução. Neste instante, o discurso da tutela, o projeto de “formação das almas”¹⁶⁵ e da nação desaparece subitamente, assim como o presente do processo revolucionário é rapidamente enfatizado, sem negar seu futuro. Neste discurso o povo mexicano está pronto; pronto para o governo Cárdenas, ou seja, para continuar

¹⁶⁴ Aqui, além das referências já trabalhadas podemos citar também outra obra importante para esta análise: PALTÍ, Elías José. *La invención de una legitimidad – Razón y retórica en el pensamiento mexicano del siglo XIX (Un estudio sobre las formas del discurso político)*, Fondo de Cultura Económica, México, 2005.

¹⁶⁵ Considerando aqui a proposição inicial de Baczko.

participando como elemento chave do inacabado processo revolucionário. Há, por um instante, a imagem de uma nova nação, com outras sutilezas em sua identidade e sustentada sobre novas representações fundadoras de legitimidade.

Tal imagem será predominante nos dois anos seguintes. No entanto, a vitória parcial sobre Calles não significou o fim do discurso hegemônico da tutela e da Revolução “de cima para baixo”. Estes elementos foram mantidos em muitas ocasiões, como se o discurso cardenista apenas adicionasse dados ao seu repertório sem nunca excluí-los, como se fosse dependente de alguma estética barroca, com elementos cada vez mais mesclados – entre eles o discurso sobre os trabalhadores, guardiões revolucionários e a necessidade de união dos mesmos, que seguiu sem grandes alterações até 1937.¹⁶⁶ Ao longo do mandato, contudo, principalmente nos períodos de maior conflito, a recorrência de elementos diferenciados do discurso de Cárdenas com relação a tradição callista tornou-se mais evidente: ao invés do racionalismo e do cálculo, a idéia de um “sentir” revolucionário se fortalece com Cárdenas; também nestes momentos temos a extensão da condição de revolucionário a todos os trabalhadores e, no fim do mandato, Cárdenas expande o tempo

¹⁶⁶ Com a hegemonia, Cárdenas partiu também para suas empreitadas consideradas mais radicais, como a escola socialista e a busca da união dos trabalhadores camponeses e urbanos – o que causou uma série de disputas com as elites locais. Para estas, Cárdenas chega até mesmo a utilizar o passado revolucionário como ameaça: “Como se ve, la interpretación revolucionaria respeta en integridad el texto y el espíritu de la Constitución, mientras que la interpretación patronal, de admitirse, dejaría sin vigencia un precepto avanzado. (...) Mantenerse en una actitud de pesimismo y haciendo frecuentes declaraciones alarmistas en lo público y en lo privado, no es ciertamente muestra de colaboración. Estas declaraciones y estas actitudes hubieran colocado *el gobierno de la Revolución* en una situación difícil si no tuviera, como tiene, un programa y una tendencia, perfectamente claro y definidos. (...) Es cierto que un movimiento de violencia que desquiciara el orden establecido sería funesto. Precisamente porque conozco, como revolucionario, en qué circunstancias se incuban las explosiones del sentimiento popular, recomiendo que la clase patronal cumpla de buena fe con la ley, cese de intervenir en la organización sindical de los trabajadores y dé a éstos el bienestar económico a que tienen derecho dentro de las máximas posibilidades de las empresas; porque la opresión, la tiranía industrial, las necesidades insatisfechas y las rebeldías mal encauzadas, son los explosivos que en un momento dado podrían determinar la perturbación violenta tan temida por ustedes. Respuesta del Presidente de la República al sector patronal sobre la situación económica del país. México – DF, 14 de março de 1936. pp. 200-206.

da Revolução para muito além dos limites cronológicos de 1910, associando o processo revolucionário a toda a história do México independente.

No que se refere à compreensão do processo revolucionário neste período, o discurso de Cárdenas pareceu buscar a união entre a energia liberada pelos trabalhadores e a disciplina do partido em seu comando:

Ciertamente, estamos afectando intereses; pero lo hacemos con justo apego a los mandamientos legales, y porque creemos, además, que la Revolución en este período de paz, puede ser *comprendida debidamente* aun por los hombres que han sido habitualmente indiferentes; pero muy en particular, porque deseamos que sea *sentida y amada* por las clases necesitadas que es a las que beneficia con *su espíritu justiciero*.¹⁶⁷ [Grifos meus]

Mais do que uma simples questão de compreensão, trata-se aqui de uma relação que buscou apelos fortemente emocionais. Além da “compreensão devida”, de acordo com os parâmetros estabelecidos pelo Partido, a Revolução precisava ser *sentida*. Tal processo é um tanto avesso ao questionamento racional e político que Cárdenas reafirmara outrora, já que neste momento se deseja que as “classes necessitadas” *amem* à Revolução.¹⁶⁸ Como se pode notar, ocorre aqui outra transformação no discurso de Cárdenas, pois, anteriormente,

¹⁶⁷ “Discurso del Presidente de la República ante la asamblea de unificación campesina”, Guadalajara, Jal., 1 de março de 1936. pp.196-199. Obra citada. p.199.

¹⁶⁸ A análise de Balandier exposta anteriormente pode-nos ser proveitosa para a reflexão também neste caso. É interessante recordar que o autor afirmou igualmente sobre as democracias modernas: “Os poderes modernos não eliminaram os investimentos míticos necessários a seu funcionamento; eles mudam as formas e se tornam sobretudo reinvidicadores nos períodos de crise em que a “magia” política sofre uma crise de eficácia. Do início do século XIX ao fim do século atual, os mitos políticos proliferaram, se colocaram em campos opostos e depois se apagaram uns aos outros. Eles nascem principalmente das revoluções, exaltam o corte que levou os ‘antigos regimes’, abolem o simbolismo e as figuras imaginárias àqueles. Mostram os novos atores históricos – a nação, as classes, o Estado moderno – e os transformam em entidades geradoras de religiões políticas.” BALANDIER, Obra citada, p.65.

como presidente do Partido, ele definiu a Revolução e o Regime Revolucionário em termos que ele considerava de estrita racionalidade política. Finalmente, é preciso destacar que a fala foi dirigida às “classes necessitadas” e que, ao mesmo tempo, estas estariam sob a guarda de uma essência revolucionária sem instituição política clara: o espírito justiceiro da Revolução.

Do mesmo modo, tendo que responder também ao avanço de seu projeto de escola socialista frente aos setores mais conservadores da sociedade, o discurso da tutela se manteve na retórica cardenista:

Nosotros no azuzamos a las masas. Si ponemos las armas en sus manos es para que puedan defender el patrimonio que se les va entregando la Revolución; y actos como los de ayer son los que más justifican esta política de gobierno.¹⁶⁹

É desta mesma época a vitória final do cardenismo sobre Calles. A despeito da mensagem que veiculara anteriormente, negando a importância das atividades subversivas do Chefe Máximo da Revolução, no dia 10 de abril de 1936, Cárdenas veiculou a seguinte declaração:

El Ejecutivo de mi cargo ha venido observando con toda la atención las incesantes maniobras que algunos elementos políticos han desarrollado en el país en los últimos meses, encaminadas a provocar un estado permanente de alarma y desasosiego social.

Mientras dichas maniobras se contrajeron a una campaña difamatoria, en la República y en el extranjero, *contra los miembros de la actual administración y los sistemas por*

¹⁶⁹ Palabras del Presidente de la República en el interior del templo católico de Ciudad González, GTO., 30 de marzo 1936. pp.206-208.

ella implantados, sostuve el firme propósito – que hice público, inicialmente – de proceder en el caso sin precipitación alguna (...).

Pero cuando la situación ha llegado a extremos tales en los que, sin recato alguno, estos elementos mantienen una labor delictuosa que tiende a estorbar la marcha de las instituciones y a frustrar los más nobles fines del Estado, contrariando, además, el sentido de nuestra lucha social, ha parecido indispensable al Ejecutivo Federal abandonar su actitud vigilante y adoptar medidas de emergencia, a fin de evitar a la nación trastornos de mayor magnitud que, de no conjurarse, amenazarían quebrantar la organización misma de la colectividad y *podrían poner en peligro, inclusive, las conquistas alcanzadas, a trueque de tantos sacrificios, en nuestros movimientos reivindicadores.*

En esa virtud, consciente de sus responsabilidades, el gobierno que presido, deseoso de apartarse de *lamentables precedentes que existen en la historia de nuestras cruentas luchas políticas, en las que frecuentemente se ha menospreciado al principio de respeto a la vida humana,* estimó que las circunstancias reclamaban, por imperativo de salud pública, la inmediata salida del territorio nacional de los señores general Plutarco Elías Calles, Luis N. Morones, Luis L. León y Melchor Ortega. ¹⁷⁰

Tal noção da política revolucionária apresentada pode parecer contraditória com o que se afirma em outros discursos posteriores. Neste momento de disputa com Calles, Cárdenas assevera sobre a “campanha difamatoria, en la República y en el extranjero, contra los miembros de la actual administración y los sistemas por ella implantados”. Contudo, na maioria de seus discursos sobre o assunto, afirma que seu governo apenas dá continuidade às políticas demandadas da Revolução, quando não é descrito apenas como um cumpridor

¹⁷⁰ Declaraciones del Presidente de la República con motivo de la salida del país del señor general Plutarco Elías Calles. México – DF, 10 de abril de 1936. pp.208-209.

das responsabilidades constitucionais. Neste caso, portanto, a opção realizada por Cárdenas parece-me colocá-lo em evidência frente a Calles, ao contrário da outra, na qual ele diluiria seu governo no processo revolucionário. Do mesmo modo, é pouco provável que Cárdenas tenha realizado tal operação sem supor o respaldo popular que teria. Por isso, é possível deduzir o quanto o presidente já havia testado sobre a legitimidade de seu discurso e, por conseqüência, a sua própria nestes dois primeiros anos de governo. As precauções do presidente e seu discurso titubeante demonstram como a “massa” afirmada pela historiografia era também agente político e não simplesmente o repositório de expectativas das interpretações do populismo.

Com esta vitória, o simbolismo revolucionário presente nas falas de Cárdenas manteve-se, me parece, com a mesma mescla dos elementos descritos aqui até 1938 e o conflito com as companhias petrolíferas. O amálgama destas interpretações revolucionárias pode ser percebido em discursos ao longo de todo ano de 1936:

Estamos atacando en esta región uno de los problemas principales que ha tenido pendientes la Revolución Mexicana. Y es necesario que la clase obrera y la clase campesina, con pleno conocimiento de sus intereses o de sus responsabilidades, corresponda a la actitud que asume el gobierno de la República, *pues éste se ha propuesto únicamente cumplir los postulados de la Revolución* por los cuales muchos de ustedes alcanzaron a pelear en el campo de la lucha. El gobierno, repito, sólo trata de convertir en realidad el ideal que sostuvieron ustedes con las armas en la mano.¹⁷¹

¹⁷¹ “Discurso del Presidente de la República en La Laguna.” Tlahualilo, DGO. 11 de novembro de 1936. pp.223-224.

Aqui a Revolução Mexicana aparece inicialmente como ente autônomo, que enfrenta os problemas nacionais. Logo após, é destacada a necessidade de união dos operários e camponeses para a realização dos postulados revolucionários por parte do governo. E, finalmente, o governo é ressaltado como meio de transformação imposto pelos próprios trabalhadores revolucionários, novamente convertidos em árbitros de sua situação. Ainda no mês de novembro de 1936, com o mesmo argumento acerca da realização dos postulados revolucionários, Cárdenas define a Revolução da seguinte maneira: “*indivisible conjunto de aspiraciones populares que no se estanca, sino que vive en orgánico movimiento de renovación*”¹⁷². Este movimento de renovação lhe garante o tom polissêmico e permite articular elementos conflituosos na construção de um mesmo simbolismo revolucionário.

¹⁷² “Mensaje a la nación del Presidente de la República”. Torreón, COAH, 30 de novembro de 1936. pp.225-232.

CAPÍTULO III

O objetivo do terceiro capítulo é trabalhar com a segunda metade do sexênio, abordando principalmente as mudanças nos discursos durante a expropriação do petróleo, o conflito com a oposição e o acirramento das disputas rumo às novas eleições presidenciais. Trata-se de um período de grande riqueza e complexidade para esta abordagem, com variadas transformações tanto no discurso do governo quanto da oposição. A partir do recorte e das fontes utilizadas, como afirmado anteriormente, tal processo de acirramento dos embates políticos carece de um melhor embasamento do ponto de vista dos interlocutores do cardenismo, como ocorreu com a historiografia do tema em geral¹⁷³. No entanto, a despeito das dificuldades elencadas foi possível vislumbrar os principais mecanismos, temas e reiteraões sobre o passado revolucionário do discurso presidencial em uma época especificamente importante: os anos de maiores conflitos da presidência de Lázaro Cárdenas, o que equivale a dizer a segunda metade de seu mandato (1938-1940). Desta maneira, ao enfatizar a disputa política, ao invés de reiterar o regime monolítico descrito pela historiografia revisionista a partir da presença do Partido Oficial, busco refletir acerca das transformações da Revolução Mexicana no discurso cardenista nestas situações de embate aberto.

3.1) A Revolução em disputa

¹⁷³ A reflexão esboçada até o momento acerca das práticas políticas deste período apenas poderá ser aprofundada com o enfoque na relação entre o discurso presidencial e seus interlocutores. É tal relação que permitirá pensar as disputas pela legitimidade do poder e fundamentar uma nova hipótese a respeito das possibilidades políticas durante o cardenismo.

De acordo com a abordagem de Alicia H. Chávez, Cárdenas venceu o conflito com Calles devido ao apoio e/ou omissão dos quadros políticos do Partido Oficial, antigos revolucionários e mandatários locais que estariam descontentes com o “*Jefe Máximo*”. Nesta interpretação, tais grupos apoiaram Cárdenas não por terem um projeto comum ou mesmo propostas semelhantes as do presidente, mas pela possibilidade de manter, recuperar ou fortalecer poderes locais que se encontravam ameaçados.¹⁷⁴ Assim, na narrativa de Chávez, mesmo na passagem do Maximato para o cardenismo o poder permaneceu com quem ele sempre teria estado, os *caciques* e governantes locais. Tal abordagem não considerou, é verdade, a pressão exercida por trabalhadores urbanos e rurais, assim como o apoio dos sindicatos ao governo durante o conflito; afinal, talvez mesmo aqueles que se opunham a Cárdenas durante o embate com Calles tenham se omitido em vista da comoção criada entre os trabalhadores. Todavia, ainda que desconsidere outros importantes atores políticos, a interpretação de Chávez contribui para elucidar a formação dos grupos opositores ao governo na segunda metade do mandato de Cárdenas.

¹⁷⁴ CHÁVEZ, Alicia H. Obra citada.

Não apenas grupos callistas, como antigos revolucionários e mandatários locais ressentidos dos expurgos cardenistas, se articularam contra o poder federal. A Rebelião Cedillista, liderada pelo governador de San Luís Potosí e antigo membro da “família revolucionária”, Saturnino Cedillo, não foi o único exemplo desta situação. O forte apelo da candidatura do chefe de operações militares do Estado de Nuevo Leon, Juan Andrew Almazán em torno da formação do *Partido Revolucionário de Unificación Nacional*, principal opositor do Partido Oficial nas violentas eleições de 1940, parece ser um dado ainda mais marcante da rearticulação política do período.¹⁷⁵ Parece confirmar esta situação a reiterada afirmação, por parte de Almazán, de que um dos principais problemas do país naquele momento era o domínio exacerbado do poder central sobre as diferentes regiões e suas necessidades *sui generis*.¹⁷⁶

É preciso destacar aqui a característica auto-declarada e explicitamente opinativa da imprensa do período, assim como a expressiva presença dos dois maiores jornais do país, *El Universal* e *Excélsior*, opositores do governo, no Distrito Federal.¹⁷⁷ Para além da versão gráfica, *El Universal*, por exemplo, passou a possuir a partir dos anos 1930 sua versão no

¹⁷⁵ O General Juan Andreu Almazán, além de militar e político, era um popular empresário mexicano. Havia lutado na Revolução ao lado de diferentes grupos. Defendeu as tropas maderistas, zapatistas, huertistas, villistas e constitucionalistas. Sua popularidade permitiu que em 1938 fosse escolhido como candidato para as eleições de 1940 pelos recém surgidos partidos de oposição ao cardenismo, PRUN e PAN. Em sua campanha contra o candidato do partido oficial, Ávila Camacho, Almazán considerava-se representante da ala progressista e liberal da Revolução Mexicana, em oposição à degeneração “comunazi”, um misto de comunismo e nazismo cardenista. Almazán propunha manter as conquistas sociais do processo revolucionário, mas sem o que ele considerava os excessos e extremismos autoritários de Cárdenas. No entanto, Almazán também foi acusado inúmeras vezes ao longo do ano eleitoral por governistas e comunistas de possuir simpatias fascistas. Um relato curioso e testemunhal do processo eleitoral do ponto de vista de um opositor do cardenismo e também crítico de Almazán é a obra de B. Mena Brito: *El PRUN, Almazán y el desastre final*, México, Botas, 1941.

¹⁷⁶ PARTIDO REVOLUCIONARIO INSTITUCIONAL, *História documental – 1938-1944*. “Declaraciones del general Juan Andrew Almazán, en torno de la sucesión presidencial”, 25 de julho de 1939. Obra citada.

¹⁷⁷ Tenho clareza das limitações destes debates, circunscritos a uma parcela da população e, do mesmo modo, restritos ao Distrito Federal. Entretanto, o isolamento e as vicissitudes do restante do país impossibilitariam uma abordagem mais ampla a respeito e, por outro lado, para outros casos, os questionamentos ora propostos deveriam priorizar outros tipos de conflitos. A respeito dos jornais selecionados tenho utilizado inicialmente o manual de Silvia Marin “*Prensa y poder político*” (México, Siglo XXI: UNAM, 2006).

rádio.¹⁷⁸ Já na polêmica entre Cárdenas e Calles, em 1936, tanto as declarações do “Jefe Máximo” quanto às do presidente, foram veiculadas nestes jornais com manchetes sensacionalistas e editoriais claramente posicionados a favor de Calles.¹⁷⁹ A preexistente oposição ao cardenismo por parte desta imprensa, que já foi classificada como “empresarial”¹⁸⁰, apenas tornar-se-ia, portanto, mais agressiva com seu fortalecimento a partir do fim de 1937. Nestes anos surgiu também a oposição -partidária – no sentido mais convencional do termo – centralizada em torno do já citado PRUN, que, por sua vez, possuía claras relações com os grandes jornais destacados, não apenas por vinculação ideológica, mas pela própria composição “incestuosa” de ambos¹⁸¹.

No que se refere à historiografia, o papel do discurso político na imprensa deste período também parece ter sido reduzido quando se tratou da oposição ao governo presente nos diários. Silvia González Marín, por exemplo, divide os jornais mexicanos dos anos 30 simplesmente entre esquerda e direita, desconsiderando ainda as diversas trocas na direção destas empresas – mudanças nas quais muitas vezes diretores e jornalistas variavam entre os lados da fronteira estabelecida pela autora.¹⁸² Nas raras passagens a este respeito, Córdova e os principais historiadores marxistas do tema, do mesmo modo, deixaram de lado as características do discurso criado pelos jornais e os desafios lançados ao presidente, na busca de enfatizar o caráter burguês e, às vezes, as simpatias fascistas da oposição à Cárdenas na imprensa. Assim, nestas abordagens, tanto para o caso do discurso presidencial quanto da oposição, tratou-se de perceber uma suposta verdade por detrás da enunciação.

¹⁷⁸ Idem. p.25.

¹⁷⁹ Idem. p.125.

¹⁸⁰ Idem. p.21.

¹⁸¹ Adapto aqui a expressão que Alan Knight utilizou para o caso da relação entre o canal de TV Televisa e o PRI a respeito das eleições presidenciais de 1988. KNIGHT, Alan. “Populism and Neo-Populism in Latin America, especially Mexico”, *Journal of Latin American Studies*, Vol.30, N°2 (maio de 1988), pp. 223-248.

¹⁸² MARIN, Silvia. Obra citada. pp.15-38.

Outra fonte de conflitos em torno da legitimidade do governo foram as obras panfletárias publicadas neste período contra as políticas de Cárdenas, sobretudo por antigos revolucionários identificados ao callismo. Tais livros tinham entre suas características o tamanho reduzido, os títulos impactantes e, muitas vezes, eram editados e publicados pelos próprios autores. Uma destas publicações polêmicas foi o livro de Luis Cabrera, *Un ensayo comunista en México*¹⁸³, pois Cabrera havia sido um dos intelectuais mais destacados da última fase da Revolução e da formação do novo Estado mexicano, com sua defesa do Regime Revolucionário frente aos EUA durante os governos de Carranza e Calles¹⁸⁴.

As publicações de setores mais conservadores e, principalmente, ligados a grupos religiosos, diferentemente, faziam uma crítica não só ao governo Cárdenas, mas a todo o Partido oficial – ao invés de tentar restaurar uma pureza perdida durante o Regime Revolucionário: cabe aqui o destaque para o panfleto de Benito Xavier Perez-Verdia, *Cárdenas Apóstol vs Cárdenas Estadista*.¹⁸⁵

Não obstante, a defesa do cardenismo também se dava, fosse diretamente ou não, por diversas publicações do mesmo tipo. Ao contrário das obras marcadamente panfletárias, a defesa mais indireta do governo era produzida a partir do próprio DAAP¹⁸⁶, o que causou ainda mais polêmica a respeito do autoritarismo presente nas políticas cardenistas¹⁸⁷.

Outro instrumento poderoso utilizado pelo governo em sua defesa diária foi o jornal do próprio PNR, *El Nacional Revolucionário*. Herança callista de fins dos anos 1920, este diário político tinha por objetivo emitir a versão governista dos principais temas do

¹⁸³ CABRERA, Luis. *Un ensayo comunista en México*. México, Polis, 1937.

¹⁸⁴ CÓRDOVA, Arnaldo. Obra citada. p. 275.

¹⁸⁵ PEREZ-VERDIA, B. *Cárdenas apóstol vs Cárdenas estadista*, México, 1939.

¹⁸⁶ Departamento do governo responsável pela imprensa e propaganda, que produziu a publicação proposta também como fonte para esta pesquisa: BETETA, Ramon. *En defensa de La Revolución*. México, 1937.

¹⁸⁷ MARIN, Silvia. Obra citada. p.65.

momento, ou, em seus próprios termos, “*representar a la Revolución en los amplios debates de opinión que se abren, a plena franqueza y con entera sinceridad, en la hora en que la Revolución ha dejado las armas, consumada su victoria, y quiere mantener incólumes sus principios y los intereses morales de sus triunfos*”¹⁸⁸.

Tais debates públicos, divulgados pelos principais meios disponíveis na época, permitem voltar à indagação historiográfica inicial deste texto, pois, as contendas com a oposição e as diversas preocupações e transformações do discurso cardenista parecem problematizar a afirmação do caráter monolítico do governo e de seu poder manipulador. Do mesmo modo, com estas mudanças e a oposição de antigos revolucionários, é pouco provável que Cárdenas se sentisse tão seguro da legitimidade política de seu passado revolucionário. Contudo, para a reflexão mais aprofundada em torno desta hipótese, seria necessária uma investigação a respeito do debate público do período com o enfoque sobre as rearticulações e respostas ao discurso presidencial, pois, afinal, a legitimidade não pode ser simplesmente imposta. Ainda que estabelecido entre desiguais, um poder só possui legitimidade a partir de uma relação: tal como afirmara Michel Foucault, o poder não deve ser pensado como um objeto, mas como relação, como disputa.¹⁸⁹

Por enquanto, trata-se de pensar como se deu tal disputa pela legitimidade por meio do simbolismo político criado a partir da Revolução e da referência ao passado revolucionário na construção do novo Estado mexicano, com base no discurso presidencial então hegemônico.

¹⁸⁸ “En el nombre de la democracia”, *El Nacional Revolucionario*, 27 de maio de 1929. Citado em MARIN, Silvia. Obra citada. p.38.

¹⁸⁹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

3.2) A expropriação do petróleo, conflitos e a Revolução ampliada

Quando o Partido Comunista Mexicano iniciava as comemorações pelos 20 anos da Revolução Russa, Cárdenas definiu o processo insurrecional mexicano da seguinte maneira:

La Revolución Mexicana es un movimiento *sui generis*; no copia ninguna doctrina ni ningún movimiento extranjero; es más antigua que cualquiera otra de Europa o de América. México aspira a implantar una democracia de trabajadores; no intentamos, como dicen los enemigos del régimen, implantar una dictadura; todos sabemos que el temperamento del pueblo no lo admitiría; comprendiéndolo así, la Revolución ha planteado el camino a seguir y por ello propugna porque sea el nuestro un pueblo civilista, con plena organización de una democracia en que tenga libertad de acción política y social.¹⁹⁰

A busca de definir a Revolução Mexicana como um evento *sui generis* na história é algo que já estava presente no discurso nacionalista de governos anteriores, assim como a defesa dos caminhos democráticos abertos pela própria insurreição em território mexicano. A famosa máxima de Luis Cabrera, “La Revolución es la Revolución”, já elucidava um discurso sobre a peculiaridade do processo revolucionário mexicano nos anos 1920. Entretanto, estes elementos viriam a sofrer grandes modificações nos três anos finais do mandato de Cárdenas, sobretudo nos principais momentos de conflito, com a oposição que se fortalecera depois de março de 1938 e a expropriação do petróleo.

¹⁹⁰ “Discurso del Presidente de la República ante la asamblea del sindicato de cordeleros de Yucatán.” Mérida, YUC., 17 de agosto de 1937. Obra citada. pp.261-262.

Para refletir acerca das transformações no discurso sobre a Revolução destes anos, é preciso considerar ainda a situação internacional de fins dos anos 1930, com a efervescência e a amplitude dos debates ideológicos e seus desdobramentos na política mexicana do período, tendo em vista a formação de diversos grupos e movimentos como os “Camisas Doradas”, de inspiração fascista, e seus opositores comunistas. Contudo, cabe destacar novamente que a presença destes elementos políticos ganha força nos discursos de Cárdenas apenas a partir da disputa com as empresas petroleiras e, principalmente, com a aproximação da disputa eleitoral de 1940.

No início de 1938 o presidente já chamava atenção para o conflito entre os interesses das empresas petroleiras em oposição à “marcha da Revolução” e os desígnios do futuro da nação:

...para que la marcha de la Revolución continúe, sin que se detenga la ejecución de las obras inherentes a su acción eminentemente constructiva, es necesario que en todo momento estemos preparados para resistir, aun a costa de serios sacrificios económicos, los ataques de los que no han comprendido la justicia de la causa de México y que se empeñan en hacerla fracasar creando situaciones de incertidumbre y de alarma. Tal parece el caso de las empresas petroleras en su reciente actitud frente al conflicto con sus trabajadores, al hacer el retiro violento de sus depósitos y efectuar intencionada campaña de publicidad para inquietar a los hombres de empresa...¹⁹¹

¹⁹¹ “Discurso del Presidente de la República ante el Primer Congreso Nacional de la Confederación de Trabajadores de México”. México – DF, 24 de fevereiro de 1938. Obra citada. pp.277-281.

Neste trecho, a eventual – se não iminente – expropriação das empresas obedece à marcha da Revolução, na medida em que estas empresas se opõem às políticas revolucionárias. Entretanto, na mensagem à nação do dia 18 de março de 1938¹⁹², na qual Cárdenas decreta a expropriação das empresas petrolíferas, a Revolução não é citada de modo algum. Todos os argumentos obedecem às disputas trabalhistas entre empresas e o Supremo Tribunal mexicano, sendo a nacionalização do petróleo justificada com o desacato das empresas ao tribunal. A Revolução não teria sido citada neste decreto porque esta apenas teria sentido e efeito retórico com a população, não podendo assim servir como argumento para contendas judiciais – neste caso agravadas pelas implicações internacionais da expropriação? Pode ser o caso se considerarmos que, ao contrário, quando se dirigia à população, Cárdenas voltava a discursar a partir da linguagem comum da Revolução, base da legitimidade do governo. Em resposta ao respaldo popular à sua medida, o general afirmou em seu discurso da sacada do Palácio Nacional ¹⁹³:

El pueblo de México debe tener confianza en el porvenir. La Revolución constituida en gobierno, en estrecho abrazo con los patriotas de todo el país, salvarán el honor de México.¹⁹⁴

¹⁹² “Mensaje a la nación del Presidente de la República con motivo de la expropiación petrolera.”. México, DF, 18 de março de 1938. Obra citada. pp.282-288.

¹⁹³ Para corroborar este argumento também podemos considerar as declarações presentes em “Documento entregado por el Presidente de la República a los representantes de los obreros y funcionarios de la administración del petróleo”. México – DF, Fevereiro ou março de 1940. pp.392-395. Nele, Cárdenas afirmou: “Las compañías petroleras, que fueron expropiadas a causa de su rebeldía para acatar el fallo de la autoridad judicial competente, plantearon al país el problema derivado de la misma expropiación” Afirmação bem diferente da justificativa revolucionária nos discursos públicos anteriores e posteriores ao decreto.

¹⁹⁴ “Discurso del Presidente de la República al terminar la manifestación de apoyo por la expropiación petrolera”. México – DF, 23 de março de 1938. pp.289-290.

A partir de então, novas palavras de ordem tomam os discursos do presidente: *sacrifício, trabalho, disciplina, soberania* e, mais tarde, durante as duras batalhas eleitorais, inclui-se nesta lista a *paz*. O momento histórico passa a ser descrito repetidamente como *transcendental* e *único* e, aos poucos, a Revolução passa a ser descrita também como parte da luta internacional dos trabalhadores. Proporcionalmente, o discurso contra o imperialismo e os inimigos externos do Regime Revolucionário também ganham força.

Deste ponto em diante, em especial, os inimigos internos, os “conservadores” e os “contra-revolucionários”, serão associados aos interesses imperialistas e antipatrióticos. É importante chamar atenção aqui para o fato de que toda a oposição ao governo aparece sempre resumida as mesmas rotulações simplistas e negativas. Ao fazê-lo, Cárdenas associa Almazán, o adversário eleitoral e antigo revolucionário, aos grupos que se auto-declaravam anti-revolucionários, tais como os grupos religiosos e setores aristocráticos ligados ao porfirismo, os quais foram combatidos pelos sucessivos governos revolucionários não apenas do ponto de vista bélico, mas também com a criação de um aparato retórico que lhes negou qualquer legitimidade política.

Os inimigos da Revolução aparecem, na maioria das vezes, sem uma clara nomeação nas falas presidenciais, com definições genéricas sobre grupos sociais, como uma espécie de inimigo que não se pode nomear. É interessante aqui lembrar novamente da proposta de Pocock acerca da natureza polissêmicas do discurso político, assim como nossa proposição inicial acerca de suas características entimemáticas. Desta maneira, ainda que sem enunciar claramente, Cárdenas pode tentar re-significar os grupos políticos em disputa a partir da referência ao simbolismo revolucionário. Tomemos alguns exemplos deste período e das transformações referidas:

a)

Honorables miembros del ejército nacional: Nos ha tocado el honor de vivir uno de los momentos más trascendentales de la vida política y económica del país, al ver como las fuerzas sociales que la Revolución Mexicana ha puesto en marcha, toman un cauce bien definido para su evolución y tratan de remover los obstáculos que las fuerzas antagónicas, privilegiadamente establecidas, oponen para el triunfo de aquéllas, planteando al gobierno y a la nación uno de los problemas más importantes de nuestra historia. Sentimos entonces la obligación que tiene el poder público de acatar a las leyes nacionales dictadas conforme a una constitución protectora de los intereses populares y tutelar del progreso y soberanía de la nación mexicana y, fue con este fundamento, que se dictó el decreto de expropiación del petróleo expedido la noche del 18 de marzo...(...).

Los pueblos libres y los trabajadores de todo el mundo, saben que el día en que los magnates hablan de denegación de justicia, es porque ha cesado de imperar su influencia y el imperio de la ley se abre paso para defender a los inermes y a los desheredados de toda garantía.¹⁹⁵

b)

Muchos hablan de que en México vivimos bajo una dictadura. Estamos bajo un sistema de gobierno que no persigue; que no tiene en sus prisiones ni solo un detenido político en toda la República; que no aprehende a quienes se dice que conspiran contra él; que no persigue a los periodistas, ni aun a aquellos que hacen labor tendenciosa y falsean a la verdad. Frente a esta conducta, *¿Qué dirán quienes quieren el retorno de una época como la de don Porfirio, que llaman democrática? (...)*

¹⁹⁵ “Discurso del Presidente de la República en el ‘Día del soldado’”. México – DF, 27 de abril de 1938. pp.294-297.

Hay que recorrer el país para conocer su verdadero espíritu. ¹⁹⁶ [Grifos meus]

c)

A México, nada de lo que sucede a los países americanos en sus ansias legítimas de mejoramiento colectivo, puede serle indiferente. Siempre hemos creído que nuestra Revolución tiene un sentido humano y no local, en cuanto significa, en el devenir histórico, la resolución de problemas económicos que nos afectan en común a los pueblos de uno y otro continente. Sabemos que cada nación tiene sus propias necesidades y que pueden ser distintos los caminos que sigan los pueblos para cumplir su destino; pero también sabemos que el amor y a la justicia nos une y que juntos debemos defendernos contra toda posibilidad de imperialismo económico, político o moral, que quiera impedir o detener nuestro desarrollo como naciones celosas de su soberanía, cuando tratamos de realizar un programa que asegure la liberación del pueblo. ¹⁹⁷

Como vimos, a Revolução, depois de ser definida como *sui generis*, sem qualquer paralelo fora do México, repentinamente, após o conflito internacional com as empresas petrolíferas e o governo dos EUA e Inglaterra, tornou-se expressão da luta de todos os povos oprimidos e irmãos. Os ideais da Revolução deixam de ser locais e adquirem um significado transcendental. Mais do que transformar os significados da “marcha revolucionária” para o futuro, as alterações são projetadas para o passado: “*Siempre hemos creído que nuestra Revolución tiene un sentido humano y no local*”.

¹⁹⁶ “Declaraciones del Presidente de la República sobre la situación política y social del país”. México – DF, 16 de maio de 1938. pp. 298-300.

¹⁹⁷ “Discurso del Presidente de la República agradeciendo la solidaridad del pueblo cubano”. Tampico, TAMPS. 12 de junho de 1938. pp.311-313.

Com uma lógica semelhante à de todos os momentos de conflitos exacerbados, aqui também a responsabilidade pela transformação e pela continuidade da Revolução está nas mãos do povo. Desta maneira, as críticas ao governo passam a constituir também condenações aos anseios e conquistas obtidas pelos próprios trabalhadores: *“Los pueblos libres y los trabajadores de todo el mundo, saben que el día en que los magnates hablan de denegación de justicia, es porque ha cesado de imperar su influencia...”*.

Neste período, além de não nomear explicitamente a oposição (*“...quienes quieren el retorno de una época como la de don Porfirio, que llaman democrática...”*), Cárdenas utiliza não somente aos princípios transcendentais da Revolução e seu “verdadero espíritu” para questionar a oposição, como também emprega as constantes viagens pelo país – uma das principais características de sua política – para estabelecer o discurso da união nacional em torno de um presidente que conhece de perto as diferentes realidades dos mexicanos: *“Hay que recorrer el país para conocer su verdadero espíritu.”*

Não obstante as aparentes polissemias presentes nas transformações operadas na caracterização da Revolução Mexicana, o cardenismo teve que disputar o passado revolucionário frente a forte oposição centralizada sobre o PRUN, e na figura de seu líder A. Almazán. Esta oposição, como afirmado anteriormente, adquiriu expressão e maior organização especialmente após a nacionalização do petróleo e as seguidas acusações a respeito de um pretenso comunismo cardenista, sobretudo por parte dos antigos grupos de suporte de Calles afetados pelas reformas de Cárdenas. O extremismo cardenista, afirmado outrora pelo Chefe Máximo, pareceu então se confirmar para muitos com a pressão internacional seguida do conflito com as empresas estrangeiras e as conseqüentes

dificuldades encontradas pela economia mexicana na exportação de seus principais produtos.¹⁹⁸

Ao mesmo tempo em que a disputa com a oposição se acirrava, a tendência ao apelo sentimental relacionado com a Revolução tornava-se mais efetiva. Cada vez mais destaque era dado ao “sentir” revolucionário e às demais emoções despertadas pelo passado insurrecional. Neste período, a união de partido e trabalhadores urbanos e rurais em torno do processo revolucionário era acentuada concomitantemente ao aumento das descrições da Revolução como um agente espontâneo.

Este tipo de transformação na natureza da caracterização do processo revolucionário, já descrito anteriormente, pode parecer, neste caso, retomar a linearidade do passado similar à estabelecida pelo discurso callista na institucionalização da Revolução. No entanto, também permite perceber outra inovação do discurso cardenista. A partir de uma noção mais etérea do processo revolucionário, não necessariamente ligada diretamente as etapas anteriormente estabelecidas (luta, institucionalização, partido, reformas presentes e futuras...), Cárdenas pode pontuar períodos nos quais a marcha da Revolução não progrediu, apesar de sua aura e dos anseios populares sempre presentes – ou seja, o cardenismo inseriu a possibilidade da descontinuidade na progressão da Revolução. Tal possibilidade retira da marcha revolucionária sua inevitabilidade e expõe os riscos de um governo que caia nas mãos erradas. Ao mesmo tempo, esta mudança na descrição da Revolução pode deslegitimar o passado revolucionário de Almazán, na medida em que este é apresentado, implicitamente, como partícipe das antigas tendências conservadoras do Partido.

¹⁹⁸ CAMÍN, H. A. e MEYER, Lorenzo. Obra citada. p.205.

Nesta concepção “etérea” da Revolução, ao invés da tensão existente entre Cárdenas e Calles, o último grande nome do passado insurrecional contra o presidente que reivindicava a legitimidade da eleição pelo Partido da Revolução, trata-se agora de opor o adversário do governo aos próprios ideais do processo revolucionário, situá-lo em um campo externo a qualquer legitimidade vindoura da luta armada. Desta maneira, com o sentimentalismo nas falas em torno da Revolução, sua descrição se torna progressivamente mais vaga, carregada da necessidade de um “sentir revolucionário”, que só pode ser atingido por aqueles que conhecem com proximidade a realidade do povo. Novamente aqui entra em cena a união nacional em torno de um presidente que conhece as diferentes realidades locais dos mexicanos e que busca identificação com a população em oposição a uma elite alienada dos problemas nacionais e dos verdadeiros ideais da Revolução.

Ainda neste momento do discurso cardenista outra transformação se torna mais aparente: os trabalhadores, tão presentes na campanha presidencial e nos primeiros anos de governo, aparecem cada vez mais diluídos ao lado da idéia de “povo”, sem, contudo, desaparecerem por completo. Com o recuo das reformas cardenistas e o crescimento da oposição, talvez a categoria “trabalhador” já não fosse tão eficiente politicamente quanto na disputa com o callismo e permitisse mais claramente a crítica ao suposto “comunismo cardenista”.

As transformações elencadas acompanharão o discurso de Cárdenas até o fim do mandato. Quando ainda em 1938 o governador de San Luis Potosí, o general Saturnino Cedillo, negou a legitimidade do governo federal e lançou-se em armas contra o cardenismo, as características da Revolução falas presidenciais se mantiveram as mesmas do conflito com as empresas estrangeiras:

a)

En mis giras a través de la República recogí el *verdadero sentir del pueblo*, sus inquietudes y sus esperanzas, y fue así que me impuse el deber de resolver, hasta donde humanamente fuera posible, sus justas aspiraciones.

Declaro, sin embargo, que si hubiéramos tenido una exacta comprensión del problema de parte de los hombres señalados como factores en la Revolución de México, el programa que reclama *el pueblo* no habría tenido la dilación ni los tropiezos que se han encontrado en hombres que han sido ganados por *los enemigos de la Revolución*.¹⁹⁹ [grifos meus]

b)

Recojo esta manifestación, no como presidente de la República, sino en nombre de la Revolución y las instituciones que defienden el programa social que habrá de redimir a las clases trabajadoras.²⁰⁰

c)

Ciertamente ha habido ataques y se ha registrado la oposición de algunos pesimistas que censuran el programa de gobierno; pero si ellos se expresan así, es porque solamente se han quemado las pestañas en los libros y han pasado su vida detrás de un escritorio. No han salido al campo, ni han visitado los talleres, y no conocen el sentir de nuestro pueblo que está dispuesto a hacer los mayores sacrificios para salvar los intereses y el decoro de la nación. (...)

¹⁹⁹ “Discurso del Presidente de la República sobre la actitud del general Saturnino Cedillo.” San Luis Potosí, SLP. 18 de maio de 1938. pp.301-303.

²⁰⁰ “Discurso del Presidente de la República sobre la rebelión cedillista.” Matehuala, SLP. 31 de maio de 1938. pp.306-307.

[Mi mensaje a todos los pueblos] es de paz, es de tranquilidad. Afortunadamente para el programa social, movimiento rebelde de San Luis Potosí murió en su propia cuna y fue porque tuvo eco en el propio pueblo de San Luis ni en el de ninguna otra parte de la República. Fracasó porque no tenía programa, porque traía sólo una oferta, la de volver hacia atrás, hacia los privilegios, para consolidar una oligarquía contra la clase trabajadora de nuestro país.²⁰¹

Ao longo dos conflitos e transformações do discurso cardenista, muitas de suas características iniciais desaparecem. O Plano Sexenal, referência da campanha e do início do mandato não é mais presente nos discursos presidenciais. De modo semelhante, porém mais significativamente, o Partido Oficial também tornou-se progressivamente mais ausente ao longo do sexênio, sobretudo quando comparado os anos eleitorais de 1934 e 1940. Desta maneira, Cárdenas descolou a imagem da Revolução do Partido, e, em certa medida, ao não utilizá-lo como fonte única de legitimidade, identificou o processo revolucionário à imagem do próprio presidente em relação direta com a população.

Com os cada vez mais comuns conflitos armados nas ruas entre opositores do regime e governistas, assim como entre os “Camisas Doradas” e comunistas, os discursos sobre a Revolução Mexicana tornaram-se mais presentes do que nunca. Ao já acentuado sentimentalismo na descrição da luta armada, de seus mártires e a necessidade de justificá-los perante a história, acrescentou-se a identificação entre o processo revolucionário e a história mexicana. As citadas características etéreas do discurso da Revolução deste período

²⁰¹ “Discurso del Presidente de la República sobre la expropiación petrolera.” Cerro Azul, VER. 18 de junho de 1938. pp.313-315.

projetam tal processo não somente para o futuro como também para o passado. Ainda em 1938, encontramos a seguinte descrição da Revolução e da história do país:

... México, con problemas inherentes a las peculiaridades de su estructura social, ha venido luchando también por su desenvolvimiento y por alcanzar planos de superación democrática y de elevación económica, desiderátum de la Revolución que, iniciada en 1810, proseguida por Juárez y latente en prolongado lapso, alcanzó de 1910 en adelante sus más intensas manifestaciones.²⁰²

Neste caso, a história da Revolução é identificada com a própria história da República, da qual os heróis do século XIX são igualmente mártires. Mais do que nunca, neste trecho, dar um significado ao processo revolucionário é também significar a história mexicana: o significado da história do México é a própria luta revolucionária. Contudo, é importante notar que os marcos para uma interpretação etapista da Revolução também são típicos da segunda metade do mandato: a possibilidade da latência da marcha revolucionária é explícita assim como o esquecimento de todas as antigas etapas da Revolução do discurso callista em detrimento de um marcos muito mais amplos (“*1910 en adelante*”).

3.3) *As eleições, o recuo cardenista e a Revolução etérea*

²⁰² “Mensaje del Presidente de la República al pueblo de Colombia, en ocasión del descubrimiento de la estatua de Benito Juárez, hecho por el presidente de Colombia en Bogotá”. México – DF, 16 de setembro de 1938. pp.328-329.

Com toda a pressão política externa e interna desde março de 1938 e a partir dos discursos presidenciais, parece ser possível afirmar que a aproximação da disputa eleitoral foi temida pelo cardenismo. Pelas informações apresentadas pela historiografia é, de fato, possível asseverar ao menos o declínio do respaldo presidencial com algumas oposições vindas até mesmo do setor operário, sobretudo com os sinarquistas.²⁰³ Simultaneamente, o que temos é, como afirmado anteriormente, o discurso cardenista com características cada vez mais sentimentais, o combate ferrenho a toda crítica contra o “Regime da Revolução”, como se desenrola principalmente nas falas sobre as eleições propriamente ditas, reforçando o simbolismo revolucionário com o apelo explícito aos mártires em um tom muitas vezes religioso, como podemos acompanhar nos trechos a seguir:

a)

Recordemos que los varios millones de campesinos que fueron esclavos de los terratenientes en etapas pasadas, sólo encontraron acogida y *redención* en los principios revolucionarios y en *los gobernantes que la Revolución ha producido*; que los varios miles de obreros del taller, sólo en la Revolución encontraron las justas garantías de sus aspiraciones, y que los distintos sectores populares, que sin ser clasificados en los dos anteriores, pero considerados entre ellos por su actuación de proletarios, sólo han encontrado en la Revolución *la mano salvadora y el escudo invulnerable* para sus luchas. Y, finalmente, sólo la Revolución y ello a pesar de muchas displicencias y de críticas egoístas, ha logrado para la mujer mexicana una reivindicación completa de su inferioridad social, obteniendo la reforma constitucional necesaria para otorgarle

²⁰³ MARIN, Silvia. *Prensa y poder político – la elección presidencial de 1940 en la prensa mexicana*. México – DF, Siglo XXI: UNAM, 2006. Os sinarquistas compunham um movimento de operários com simpatias fascistas e avessos às políticas cardenistas e às tendências laicizantes da Constituição de 1917.

derechos y funciones de ciudadanía que la coloquen en el mismo plano de dignidad que al hombre.²⁰⁴ [Grifos meus]

b) Es la hora en que deberíamos todos, principalmente el sector revolucionario, dar muestras de mayor cordura y de sincero interés por los problemas vitales que tiene enfrente la nación y no colocarnos en actitudes negativas para la Revolución y para la patria. (...)

El pueblo sabe que de la misma riqueza petrolera, se cubrirá el importe de las inversiones que las compañías hicieron en el país y que no hayan alcanzado a recuperar su explotación.²⁰⁵ [grifos meus]

c) Las multitudes ciudadanas de hoy, que fueron las falanges revolucionarias de ayer, esperan que el ideal vaya encarnando en la realidad, que el correr de los días no signifique un agotamiento, sino una superación en las energías y en las virtudes precisas para imponerse, la obra de la Revolución no es para salvar el día de hoy, sino para asegurar el día de mañana; no es para dar vida al valor anecdótico de un episodio personal, sino para imprimirle un ritmo histórico. *La Revolución exige de todos ejercer una función seria y trascendente.*²⁰⁶ [grifos meus]

As referências diretas à luta armada são constantes e, mesmo citando os governantes da Revolução, em momento algum se enfatizaria novamente a institucionalização do processo revolucionário. Talvez a rememoração constante do período bélico cumprisse

²⁰⁴ “Discurso del Presidente de la República desde el balcón central del palacio nacional”. México – DF, 20 de noviembre de 1938. pp.335-338.

²⁰⁵ “Mensaje del Presidente de la República en el primer aniversario de la expropiación petrolera”. México – DF, 19 de marzo de 1939. pp.349-352.

²⁰⁶ “Mensaje del Presidente de la República al pueblo yucateco.” Mérida, YUC. 16 de dezembro de 1939. pp.371-376.

ainda uma função ameaçadora neste momento de disputas abertas pelo Regime da Revolução: trazer à tona a memória catártica de inícios do novo Estado Mexicano com a lembrança de que as divisões dos grupos revolucionários levaram à guerra civil.

A Revolução se torna a redentora de todos os trabalhadores mexicanos. As características que assemelham as falas presidenciais deste período com o discurso religioso cristão não são gratuitas. Tal como em um culto, o discurso sobre o processo revolucionário busca ligar-se a uma origem mítica baseado na crença de um futuro não simplesmente *melhor*, mas perfeito – o paraíso prometido pelo cardenismo era a emancipação de todos os trabalhadores – a despeito do sofrimento presente. Do mesmo modo, a lembrança do sofrimento dos antigos combatentes trazia não somente o exemplo dos heróis mas também a culpa pela dor dos mártires. O sacrifício dos camponeses antes escravizados pelos “*terratenientes*”, identificados no presente com os grupos de oposição ao governo, deve ser carregado pelos revolucionários e terá sido em vão se os reacionários voltarem ao poder. Muitos dos termos utilizados pelo cardenismo neste momento remetem a esta instância do discurso religioso: “*redención*”, “*la mano salvadora*” e o “*el escudo invulnerable*” são alguns exemplos.

Da mesma maneira, o discurso da Revolução guarda ainda um peso moral, presente sobretudo no período de maior expansão das reformas cardenistas, marcante também neste momento de maior pressão. Assim a formulação “*La Revolución exige de todos ejercer una función seria y trascendente*” retira de Cárdenas objetivos explícitos e pessoais, atribuindo as cobranças de conduta no presente não ao presidente mas à própria Revolução, em uma noção mais etérea, e aos mártires do passado, com um apelo sentimental mais notório.

A função séria e transcendente cobrada na fala presidencial liga-se diretamente ao suposto pessimismo da situação política e econômica do país no período que se seguiu à

expropriação. A aparente consternação de Cárdenas quanto às críticas ao Regime – consideradas “actitudes negativas para la Revolución y para la patria” – talvez demonstre também seu receio com o debate público que se constituía e, por sua vez, com as eleições que se aproximavam.

Os elementos ressaltados na disputa do simbolismo revolucionário dos últimos três anos de mandato, entre a expropriação das empresas petrolíferas e o fim do sexênio, parecem assumir o ápice de seu radicalismo nos discursos que tratam explicitamente das eleições, a partir do fim de 1939 até o pleito em julho de 1940. Nestas falas, a força do processo revolucionário parece contradizer-se com a fragilidade das conquistas em caso da vitória dos opositores. Em alguns casos, Cárdenas chega a sugerir que é o próprio povo armado que impedirá a vitória da contra-revolução.

Em tal disputa, a bipartição política é absoluta: de um lado as forças democráticas, representando a Revolução, a nação, o otimismo frente ao futuro; de outro as forças antidemocráticas, representantes da contra-revolução, dos interesses imperialistas, das antigas castas privilegiadas e críticas do processo revolucionário. Esta caracterização da Revolução realizada pelo discurso de Cárdenas, com muitos dos principais elementos apresentados na segunda metade do mandato, permanecerá nas falas do candidato à presidência pelo PRM, Manuel Ávila Camacho:

A todas esas acusaciones [contra os sindicatos e sua participação política durante o cardenismo] es necesario responder con franqueza y serenidad con el ánimo, no de se eludir con declaraciones violentas un ataque, sino con el de justificar la marcha de la Revolución.

Debemos recordar que el país estaba acostumbrado a considerar, que las reivindicaciones del pueblo, consignadas en las leyes, después de grandes sacrificios para conquistarlas en las luchas armadas de la Revolución, solo tenían el valor literario de la Ley escrita.

Estas reivindicaciones se inician desde la Independencia y en el curso de más de un siglo han estado sometidas a capitulaciones, estacionamientos y regresiones. La civilización en el transcurso de este tiempo ha mejorado grandemente a las clases cultas y privilegiadas en el país; pero en cambio la situación de los trabajadores, ha venido manteniendo los duros caracteres y las iniquidades de la época inicial de la Independencia. La misma Revolución de 1910 ha registrado periodos de vacilación, de retroceso, de diferimiento, en las grandes conquistas de la dotación de la tierra y la implantación franca de los derechos obreros²⁰⁷

Na fala do candidato à presidência, o discurso cardenista do período possui uma presença marcante por meio da idéia de uma Revolução cronologicamente mais ampla, fundida com a história do México e das lutas de seus trabalhadores. Ao contrário do que afirmara Cárdenas em seus discursos de campanha e de posse (1934-5), neste momento afirma-se que algumas fases da Revolução foram de retrocesso. Insere-se a descontinuidade na história do processo revolucionário, talvez como estratégia para disputar a Revolução

²⁰⁷ PARTIDO REVOLUCIONARIO INSTITUCIONAL, *História documental – 1938-1944. Tomo IV.* “Discurso pronunciado por el general Manuel Avila Camacho, Candidato a la Presidencia de la República en el mitin del Frente Popular Electoral”, 24 de julho de 1939, pp.193-196. PARTIDO REVOLUCIONARIO INSTITUCIONAL, *Discursos sobre la Revolución Mexicana – testimonios del 20 de noviembre.* México – DF, PRI, 1987. No que se refere ao período presidencial de Avila Camacho é interessante notar que a ampliação da Revolução cumpre importante papel em seu discurso durante a conflagração da Segunda Grande Guerra: “Durante el periodo de Manuel Avila Camacho se liga el tema de la Revolución Mexicana al de la Segunda Guerra Mundial, a la cual el país no es ajeno en primera instancia. Al participar México de modo directo en la conflagración, los pronunciamientos són más enérgicos” Idem. p.12

com grupos que também participaram dela como os antigos quadros callistas, e, sobretudo, Almazán. Com tal argumento, a presença de períodos não progressistas internos aos governos pós-insurreição indicam que a simples participação em determinadas etapas da formação do novo Estado não resultariam em um atestado de legitimidade revolucionária. Neste momento, pode-se participar do Regime e ainda assim avançar a marcha da Revolução. Finalmente, a presença de tal caracterização no discurso de Avila Camacho parece sugerir que Cárdenas conseguiu provocar uma mudança mais ampla na linguagem política em torno do simbolismo revolucionário nos últimos anos de seu mandato.

A presença de uma linguagem política razoavelmente comum aos debates públicos desde a institucionalização até este momento já foi afirmada anteriormente. No entanto, parece possível indagar se o mesmo processo de acompanhamento das transformações do discurso da Revolução também não se deu com o cardenismo. Mesmo nas falas de Almazán parece ser possível encontrar elementos comuns ao discurso engendrado por Cárdenas:

Entre las ansias que advierto por conocer estas declaraciones, distingo perfectamente las de 2 grupos y las del pueblo: las de los enemigos sistemáticos de la Revolución Mexicana que quisieran utilizarse para crear una situación de retroceso, que les devolviera privilegios definitivamente abolidos; las de los sostenedores de la imposición más grosera que se pretende realizar en México, que son los que cínicamente llaman la misma Revolución, y que quisieran tener base en mis declaraciones para aplicarme los trillados calificativos de reaccionario, fascista, etc., y finalmente descubro las ansias del pueblo mexicano que desea ardientemente un remedio para sus infinitos males y quiere saber si hay esperanza

de una mejoría real para la situación deplorable en que actualmente se encuentra y desea conocer cuál es el remedio que propongo.²⁰⁸

Na alocução de Almazán, a busca por distinguir os inimigos da Revolução Mexicana e as aspirações populares, assim como a idéia de uma situação de retrocesso da marcha revolucionária e de certo modo ligada ao Porfiriato – com os “privilegios definitivamente abolidos” – somada à noção de uma antiga injustiça a ser reparada para com o povo mexicano permitiriam acreditar, com alterações pontuais, que se tratava de uma fala do próprio Cárdenas. Parece-me o caso de reafirmar, portanto, que as alterações no discurso sobre a Revolução produzidas pelo cardenismo constituíram transformações mais profundas na composição de uma linguagem política do Regime mexicano.

No período final de seu mandato, já em 1940, Cárdenas não cita mais em seus discursos, ao contrário dos anos anteriores, seu posicionamento dentro da Revolução ou seu governo como instituidor de novidades para a política mexicana. Tal posição permite questionar ainda se esta mudança não se deu pelo esgotamento do apelo de Cárdenas junto à Revolução. Talvez esta seja, em partes, a causa do recuo de suas políticas e o motivo pelo qual muitos historiadores datam com o fim do cardenismo o término do período revolucionário. Todavia, dentro do discurso sobre a Revolução estabelecido a partir do conflito aberto dos últimos anos com a exclusão da linearidade das etapas do processo revolucionário, a efetiva omissão daquele governo no quadro do desenvolvimento histórico parecia já estar em curso. No último ano de mandato temos apenas a cada vez mais a etérea

²⁰⁸ Idem. “Declaraciones del general Juan Andrew Almazán, en torno de la sucesión presidencial”, 25 de julho de 1939. pp.196-205. Apesar das semelhanças quanto ao que se refere a disputa pela Revolução, a explicação da situação de miséria dos trabalhadores é bem diferente: “El Estado debe ser protector de los trabajadores, pero jamás encubridor o cómplice de raqueteros (sic) que con la representación del Gobierno, de los patrones y de los trabajadores, constantemente explotan y traicionan a éstos y los llevan al estado de miseria de que padecen”. p.197 e ss.

“obra da Revolução”, e, na busca de legitimar o partido nas eleições vindouras, todos os nomes que não sejam os dos mártires populares são abandonados, como se pode observar:

a)

Continuará el movimiento revolucionario a pesar de la sucesión transitoria de sus hombres, a pesar de las campañas de apasionamiento que son instrumentos de demagogia y pretenden invocar la defensa de la patria, encubriendo la verdadera finalidad de sus intereses; y no descansaremos en nuestro esfuerzo, haciendo una constante labor de autocrítica para moralizar hombres y procedimientos, que mantenga en constante perfeccionamiento el programa de la Revolución. (...)

El gobierno no necesita hacer un llamamiento a que ponga en pie de lucha a todos los sectores revolucionarios, porque tiene plena confianza en que por sí solos sabrán asumir las posiciones que su adhesión al programa de la Revolución les indique.²⁰⁹

b)

La actual campaña presidencial no tiene precedente por el entusiasmo popular. Demuestra que México ha salido del período de la lucha personalista para entrar a la etapa de la lucha por los programas sociales. Estos actos cívicos renuevan la tradicional pugna de las fuerzas democráticas y antidemocráticas que han encauzado la emancipación política, espiritual y económica de México. En este proceso, los grupos políticos han representado, respectivamente, por una parte, la tendencia liberal y

²⁰⁹ “Mensaje del Presidente de la República ante el congreso local.” Chilpancingo, GRO, 20 de fevereiro de 1940. pp.385-392.

progresista para la supresión de los privilegios de clases y castas y, por otra, la reacción de los elementos conservadores para recuperar sus posiciones.²¹⁰

c)

La presente justa electoral en la que los ciudadanos de las distintas tendencias políticas están tomando activa participación, haciendo crítica o defensa del programa de la Revolución, de las autoridades y de las instituciones, demuestran que el pueblo ha abandonado la indiferencia propia de las dictaduras, donde la opinión no se difunde, sino que se oculta para evitar posibles represalias.²¹¹

Segundo Cárdenas, a continuidade revolucionária independe da ação humana, apesar das tentativas de manipular a pátria por parte dos inimigos da Revolução. Contudo, o aperfeiçoamento da Revolução é dependente da ação dos revolucionários e, por sua vez, estes seriam obedientes à convocação do governo. Como afirmado outrora, em alguns momentos o discurso de Cárdenas parece apenas somar elementos ao seu repertório sem excluir permanentemente traços já esboçados. Deste modo, tanto a noção de uma Revolução autônoma descrita em fins do mandato como a idéia de um processo revolucionário de luta sob tutela do Estado podem coexistir no mesmo trecho.

Neste raro caso para o período, Cárdenas se introduz indiretamente na história da Revolução na medida em que afirma que a primeira eleição com grandes disputas políticas acontece exatamente sob seu governo, o que acaba por funcionar em seu discurso como prova da consolidação das instituições democráticas. Mantêm-se nesta fala a já descrita

²¹⁰ “Declaraciones del Presidente de la República a la revista Friday de Nueva York”. México – DF, 4 de julho de 1940. pp.426-427.

²¹¹ “Mensaje del Presidente de la República a la nación en vísperas de las elecciones presidenciales.” México – DF, 5 de julho de 1940. pp.427-428.

divisão dos grupos políticos entre revolucionários e reacionários, estes últimos associados diretamente ao Porfiriato.

No que diz respeito às eleições, é interessante notar que, a despeito do aparato partidário e estatal que garantiria a vitória do candidato do governo não importasse qual o resultado da votação, Cárdenas afirma sucessivas vezes a liberdade e a importância do processo democrático para a Revolução. Tal situação, que de acordo com a abordagem conduziria a uma idéia de simples contradição entre realidade e discurso, ocasiona a possibilidade de pensar sobre o processo revolucionário como fonte de legitimidade na busca de apoio por parte do cardenismo. Às vésperas do pleito, buscava-se ali também legitimar o candidato do governo como continuador da obra revolucionária. Deste modo, a falta de liberdade nas eleições não significou a ausência de preocupação com a legitimidade do mandato vindouro. Cárdenas sabia que, mais do que do o resultado das urnas, o poder do partido estava associado ao respaldo da interpretação dos significados do passado revolucionário. É neste ponto que, me parece, travaram-se as maiores batalhas na disputa política durante seu sexênio.

Finalmente, após as contendas eleitorais, no período em que se poderia esperar um Cárdenas resguardado para a posteridade, realizando um passo atrás nas transformações da descrição da Revolução produzidas durante a eleição, e, em alguma medida, buscando reintroduzir-se na história do processo revolucionário mexicano, encontra-se a mesma representação hegemônica comum aos últimos tempos de governo:

Con el ejemplo de nuestros héroes, con su holocausto, con su sacrificio, es como México ha venido afirmando, en medio de trágicas convulsiones, su derecho inalienable a conservar dentro de su Constitución Política todas aquellas leyes que

benefician directamente a los núcleos de población, ayer explotados, mismos por los que ofrendaron sus vidas a los insurgentes, los chinacos, los revolucionarios de 1910 y de 1917, y a los que el gobierno de la República ha estado tratando de beneficiar dentro de un amplio espíritu de justicia y apegado al sentido histórico de nuestra nacionalidad.²¹²

Tal continuidade talvez demonstre ainda a força do discurso criado pelo grupo almazanista que, após os fortes indícios de manipulação do processo eleitoral, representou, ainda que brevemente, a ameaça de outro levante contra o poder central. É concebível ainda assinalar a possível descrença de Cárdenas em seu próprio legado revolucionário, pois era óbvia a sua preferência por Múgica, em detrimento do escolhido e moderado Avila Camacho, na sucessão presidencial.²¹³ Por fim pode-se questionar se a ampliação da Revolução e a substituição do discurso etapista inicial por uma vaga aura de transformação não representaram o esgotamento de um modelo de discurso acerca do processo revolucionário. A mesma Revolução etérea, de mártires, de unificação nacional e de desenvolvimento político e econômico pacífico que, como num culto religioso, busca satisfazer a angústia dos vivos com o culto dos mortos e a promessa de um futuro melhor.

²¹² “Discurso del Presidente de la República en Dolores Hidalgo”. GTO. 15 de setembro de 1940. pp.441-446.

²¹³ CAMÍN, Hector A. e MEYER, Lorenzo. Obra citada. p208.

Considerações finais

Este estudo apresentou, por meio da problematização das transformações ocorridas no discurso político de Lázaro Cárdenas, questionamentos em torno dos resultados políticos das modificações na representação da Revolução Mexicana, principalmente no que se refere às suas possibilidades enquanto legitimadoras do poder presidencial e constituinte de uma linguagem política formulada a partir da referência ao simbolismo engendrado na formação do novo Estado mexicano. Buscou-se, assim, um aprofundamento no questionamento das propostas políticas, das disputas ideológicas e das relações de poder no período por meio dos conflitos em torno da construção de um simbolismo revolucionário.

As resignificações produzidas nos sucessivos conflitos enfrentados pelo governo permitem destacar a importância da reconstituição do passado revolucionário como prática essencial da política cardenista e do próprio discurso como imprescindível na constituição da prática política. Podemos, portanto, reafirmar aqui que reconstituir a insurreição foi legitimar e criar um poder e, assim, as mudanças nas interpretações da Revolução representaram também transformações na relação entre os atores políticos contemporâneos ao cardenismo. Significar a Revolução foi a representação fundadora de legitimidade da candidatura e do governo de Cárdenas e também o elemento que lhe permitiu sobressair no conflito com Calles, com as empresas petrolíferas e com a oposição almanista enfrentada nas transformações políticas do período. Em outros termos, pode-se afirmar que o campo onde se travaram todas estas batalhas em torno do poder central foi a linguagem política estabelecida principalmente no processo de institucionalização da Revolução, com base na

referência a um simbolismo revolucionário e, deste modo, as vitórias do cardenismo, assim como seus recuos, foram marcados por reinterpretações do processo revolucionário.

Como foi afirmado, inicialmente o discurso cardenista apresentou uma estrutura claramente ligada ao período de institucionalização da Revolução e de formação do Partido Nacional Revolucionário, com poucos elementos que o diferenciavam do período callista. Ainda durante o conflito com o Chefe Máximo, mesmo com a ênfase de elementos diferenciados nas falas presidenciais, grande parte da estrutura do discurso cardenista permaneceu comum ao callismo. Assim, a ênfase de Cárdenas nos trabalhadores e camponeses que constituem a vanguarda da Revolução encarados neste momento como portadores da consciência da nação e da Revolução não significou o fim do discurso hegemônico da tutela e da Revolução “de cima para baixo”. Estes elementos foram mantidos em muitas ocasiões, como se o discurso cardenista apenas adicionasse dados ao seu repertório sem nunca excluí-los, como se a polissemia da Revolução fosse também uma condição necessária para a manutenção do simbolismo revolucionário. Em resumo, neste momento, as transformações do significado da Revolução não implicaram na reformulação da linguagem política pós-institucionalização.

Já na segunda metade do mandato, sobretudo após o conflito internacional com as empresas petrolíferas e o governo dos EUA e Inglaterra, o discurso cardenista expande a Revolução no tempo, como sinônima da história do país, e em seu significado, que deixaria de ser local, adquirindo um significado transcendental. A partir de uma noção mais etérea do processo revolucionário, Cárdenas inseriu a possibilidade da descontinuidade na progressão da Revolução. Tal possibilidade retirou da marcha revolucionária sua inevitabilidade e expôs os riscos que os mexicanos correriam se o governo caísse em mãos erradas. A perpetuidade desta mudança na descrição da Revolução parece sugerir que a

partir do recuo das reformas cardenistas, o discurso presidencial conseguiu provocar uma mudança mais ampla na linguagem política em torno do simbolismo revolucionário nos últimos anos de seu mandato.

Ao construir um trajeto dos significados da Revolução durante o governo de Cárdenas e esboçar suas implicações políticas, buscou-se aqui, por meio dos questionamentos apresentados, tanto ressaltar a especificidade da história mexicana quanto os limites das políticas de Cárdenas frente às abordagens historiográficas que tendem a homogeneizar os regimes políticos da Ibero-América dos anos 1930 e 1940. Assim, ao refletir sobre as transformações do discurso de Cárdenas, busquei também um debate específico com parte da bibliografia do tema, pois, à medida que se destacou a constante necessidade de adaptação da retórica cardenista, negociando com importantes interlocutores, foi possível matizar a historiografia revisionista que, em uma leitura teleológica, atribuiu o mesmo poder e autoritarismo do estado mexicano dos anos 1960 aos anos 1930. Deste modo, ao propor o cardenismo como um fenômeno a ser pensado dentro dos marcos estabelecidos pela Revolução Mexicana, apresentou-se uma crítica à leitura do populismo cardenista, que produziu a idéia de um presidente simplesmente manipulador com um discurso antitético em relação a uma suposta realidade política e ignorou especificidades do período buscando comparações com diferentes lideranças latino-americanas.

Finalmente, é preciso reiterar que a preocupação presente neste trabalho foi a de destacar as representações da Revolução e seus possíveis significados nas disputas pela legitimidade do período no que toca a uma determinada linguagem política constituída com base dos simbolismos revolucionários, e não de verificar uma suposta verdade por trás do discurso e inversa a ele. Apesar das polissemias do discurso político, ele continua

considerado aqui como portador de significados, produto e produtor de conflitos, legitimador de práticas políticas e até mesmo em suas contradições, encerram-se sentidos.

Bibliografia e demais fontes de pesquisa

Fontes referentes ao período Cárdenas

CÁRDENAS, Lázaro. *Palabras y documentos públicos*. México, Siglo XXI, 1978. (3 volumes)

_____ *Ideário Político*. Editora Era, México, 1972.

PARTIDO NACIONAL REVOLUCIONÁRIO, *Plan Sexenal del PNR*, México, 1933.

_____ *La jira del general Lázaro Cárdenas*, México, 1934.

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO MEXICANO, *¡Cárdenas habla!* La Impresora, México, 1940.

Obras Gerais e demais fontes

ABASCAL, Salvador, *Lázaro Cárdenas Comunista*. México – DF, Tradición, 1988.

ACEVEDO, Carlos. *Lázaro Cárdenas – el hombre y el mito*. México – DF, Promesa, 1986.

ALMEIDA, Jorge. (Org.) *Caminhos da História da América no Brasil – tendências e contornos de um campo historiográfico*. Brasília, ANPHLAC, 1998.

ANDA, Gustavo. *El cardenismo: desviación totalitaria de la Revolución Mexicana*. México – DF, editor Gustavo de Anda, 1974.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2007

_____. *O que é política?*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999

ASHBY, Joe C., *Organized Labor and the Mexican Revolution under Lázaro Cárdenas*. Chapel Hill, Universidade da Carolina do Norte, 1967.

BACZKO, Bronislaw. *Los imaginarios sociales – Memorias y esperanzas colectivas*. Buenos Aires. Editora Nueva Visión. 1999.

BARRÓN, Luis. *Historias de la Revolución mexicana – herramientas para la historia*, México, FCE, 2004

BALANDIER, Georges. *O Poder em Cena*. Brasília, Universidade de Brasília, 1982.

BARBOSA, Carlos A. S. *A fotografia a serviço de Clio – uma interpretação da história visual da Revolução Mexicana*. São Paulo, Unesp, 2006.

BASURTO, J. e CUEVAS, A. (Org) *El fin del proyecto nacionalista revolucionario*. UNAM, México, 1992

BENÍTEZ, Fernando. *Entrevistas com um solo tema: Lázaro Cárdenas*. México – DF, UNAM, 1979.

_____. *Lázaro Cárdenas y la Revolución Mexicana – III el cardenismo*, FCE, 1978.

BRITO, B. Mena. *El PRUN, Almazán y el desastre final*, México, Botas, 1941.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

BLOCH, Marc. *Introdução à História*, Lisboa, Europa-América, 1993.

BRESCIANI, M. Stella, SAMARA, Eni M., LEWKOWICZ, Ida. (Org.), *Jogos da Política – Imagens, Representações e Práticas*, São Paulo, ANPUH/São Paulo-Marco Zero, 1992.

- BRITO, B. *El PRUN, Almazán y el desastre final*. México – DF, Botas, 1941.
- CABRERA, Luis. *Un ensayo comunista en México*, México – DF, Pólis, 1937
- CALLES, Plutarco. E. (org. MACÍAS, Carlos), *Pensamiento político y social – antología (1913 – 1936)*. México - DF, FCE,. 1992.
- CAMÍN, H. A. e MEYER, L. *À sombra da Revolução Mexicana*, São Paulo, EdUSP, 2000.
- CAPELATO, Maria H. “Populismo latino-americano em discussão”. *O populismo e sua história*, Org. FERREIRA, Jorge. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.
- CÁRDENAS, Cuauhtémoc. *Tres imágenes del general*. México – DF, Taurus, 1997.
- CHÁVEZ, Alicia Hernandez. *La mecánica cardenista – Historia de la Revolución Mexicana*. Vol.16, México, El Colegio de México, 1979
- CÓRDOVA, Arnaldo. *La ideología de la revolución mexicana*. México, Era, 1972.
- _____ *La política de masas del cardenismo*. México, Era, 1974.
- COSTA-AMIC, B. (editor). Vários autores. *Legado Revolucionário de Lázaro Cárdenas*. México – DF, Costa-Amic, 1971.
- CRIPA, Ival de Assis. *O Vento das Reformas: Lázaro Cárdenas e a Revolução Mexicana*. São Paulo, Dissertação de Mestrado em História Social - Universidade de São Paulo, 2000.
- EQUIHUA, V. A. *Lázaro Cárdenas – su feudo y la política nacional*. México – DF, Referencias, 1989.
- FABELA, Isidro. *Documentos históricos de la Revolución Mexicana – Revolución y Régimen Constitucionalista, El Plan de Guadalupe*. México, FCE, 1963.

_____ *Documentos históricos de la Revolución Mexicana – Revolución y Régimen Maderista*, México, FCE, 1964

GILBERT, Joseph M. e NUGENT, Daniel. (Org.) *Everyday forms of state domination – Revolution and negotiation of rule in modern Mexico*, Londres, Duke University, 1994.

GILLY, Adolfo. *La revolución interrumpida – México, 1910-1920: una guerra campesina por la tierra y el poder*, México, El Caballito. 1972.

GONZÁLEZ, Luis. *Los días del presidente Cárdenas - Historia de la Revolución mexicana* Vol. 15, México, El Colegio de México, 1979.

HAMILTON, Nora. *The Limits of State Autonomy – Post-revolutionary Mexico*. Princeton, Princeton University Press, 1982.

HOBSBAWM, Eric. TERRANCE, Roger. (Org.) *A invenção das tradições*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

IANNI, Octávio. *A formação do estado populista na América Latina*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.

_____ *El estado capitalista en la época de Cárdenas*. México, Ediciones Era, 1977.

JULLIARD, Jacques. “A política”, *História: Novas Abordagens*. LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. (Org), Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1995.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e Crise – Uma contribuição à patogênese do mundo burguês*, Rio de Janeiro, EDUERJ: Contraponto, 1999.

_____, *Futuro pasado – contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contraponto: PUC – Rio, 2006.

KRAUZE, Enrique. *Lázaro Cárdenas - General misionero*. México, FCE, 1987.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1996.

MARIN, Silvia. *Prensa y poder político – la elección presidencial de 1940 en la prensa mexicana*. México – DF, Siglo XXI: UNAM, 2006.

MEDIN, Tzvi. *Ideología y praxis política de Lázaro Cárdenas*. México, Siglo XXI, 1972.

MOHENO, Roberto. *Tata Lázaro – Vida y obra de Cárdenas, Múgica y Carrillo Puerto*. México – DF, Diana, 1972.

PALTÍ, Elías José. *El tiempo de la política – el siglo XIX reconsiderado*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 2007

_____. *La invención de una legitimidad: Razón y retórica en el pensamiento mexicano del siglo XIX*, México, FCE, 2005.

PARTIDO REVOLUCIONARIO INSTITUCIONAL, *Lázaro Cárdenas*. PRI, 1976.

PAVANI, Rafael. *Modelos e explicações na historiografia da Revolução Mexicana*. Campinas: IFCH, 2007 (mimeo).

PEREZ-VERDIA, B. *Cárdenas apóstol vs Cárdenas estadista*, México – DF, 1939.

POCOCK, John. *Linguagens do ideário político*. São Paulo, Edusp, 2003.

RAMÍREZ, Manuel González. *Fuentes para la historia de la Revolución Mexicana – Manifiestos Políticos*, México, FCE, 1957.

_____. *Planes políticos y otros documentos*. FCE, México, 1972.

- ROSS, Stanley. (Org.) *¿Ha muerto la Revolución Mexicana?*, México, Septentas, 1972.
- RUIZ, Ramón Eduardo. *México: La Gran Rebelión – 1905/1924*. México, Era, 1984.
- SILVA-HERZOG, J. *Lázaro Cárdenas – Su pensamiento económico, social y político*. México – DF, Nuestro tiempo, 1988.
- SUÁREZ, L. *Cárdenas: retrato inédito. Testimonios de Amalia Solórzano de Cárdenas y nuevos documentos*. México – DF, Grijalbo, 1986.
- TANNENBAUM, Frank. *Mexico, The struggle for Peace and Bread*, Nova York, Knopf, 1950.
- TOWNSEND, William, *Lázaro Cárdenas, Mexican Democrat*. Ann Arbor, George Wahr, 1952.
- VASCONCELOS, Camilo de Mello. *Imagens da Revolução Mexicana – o Museu Nacional de História do México, 1940-1982*. São Paulo, Alameda, 2007.
- WEYL, Nathaniel e WEYL, Sylvia. *The Reconquest of Mexico: The Years of Lázaro Cárdenas*. Nova York, Oxford University Press, 1939.

Periódicos

- BENJAMIN, Thomas. “The Leviathan on the Zocalo: Recent Historiography of the Postrevolutionary Mexican State”, *Latin American Research Review*, Vol. 20, N°3, 1985, pp.195-217
- FALCÓN VEGA, Romana. “El surgimiento del agrarismo cardenista – Una revisión de las tesis populistas”, *Historia Mexicana*, Vol. 27, N°3, 1978. pp.333-386.

GILDERHUS, Mark T. "Many Mexicos: Tradition and innovation in the recent Historiography". *Latin American Research Review*, Vol. 22, N°1, 1987. pp.204-213.

HÉAU LAMBERT, Catherine e RAJCHENBERG, Enrique. "La leyenda negra y la leyenda rosa en la nueva historiografía de la Revolución Mexicana", *Revista Mexicana de Sociología*, LIV, N°3, 1992.

KNIGHT, Alan. "Cardenismo: Juggernaut or Jalopy?" *Journal of Latin American Studies*, Vol. 26, N°1, Fevereiro 1994, pp.73-107

_____ "Land and Society in Revolutionary Mexico: The Destruction of the Great Haciendas", *Mexican Studies / Estudios Mexicanos*, Vol.7, N°1, 1991, pp.73-104.

_____ "Popular Culture and the Revolutionary State in Mexico, 1910-1940", *Hispanic American Historical Review*, Vol.74, N°3. 1994, pp.393-444.

_____ "Populism and Neo-Populism in Latin-America, Especially Mexico". *Journal of Latin American Studies*, Vol.30, N°2, 1998, pp.223-248.

_____ "Revisionism and Revolution: Mexico compared to England and France". *Past and Present*, N°134, 1992, pp.159-199.

_____ "Subalterns, Signifiers, and Statistics: Perspectives on Mexican Historiography", *Latin American Research Review*, Vol. 37, N°2, 2002.

_____ "The Mexican Revolution: Bourgeois? Nationalist? Or just a 'Great Rebellion?'" *Bulletin of Latin American Research*. Vol. 4, N°2, 1985. pp.1-37.

MERCHANT, Luis Anaya. "La construcción de la memoria y la revisión de la Revolución". *Historia Mexicana*. Vol.44, N°4, 1995. pp. pp.525-536.

MEYER, Lorenzo. “La Revolución mexicana y sus elecciones presidenciales: una interpretación (1911-1940)”, *Historia Mexicana*, Vol. 32, N°2, 1982. pp.143-197

ROXBOROUGH, Ian. “Unity and diversity in Latin-American history”, *Journal of Latin American Studies*. Vol. 16, N°1, 1984, pp.1-26.

SILVA, Ricardo. “Liberdade e lei no neo-republicanismo de Skinner e Pettit”, *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, no.74, São Paulo, 2008.

Websites

<http://www.jstor.org>

<http://dgb.unam.mx>

<http://hapi.gseis.ucla.edu>

<http://scielo.br>